

**Ricardo Luiz Rocha Fortes**

**O CURSINHO COMO UNIDADE ESCOLAR  
DE MEDIAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO E  
A UNIVERSIDADE; PARTICULARIDADES,  
SENTIDOS E PERSPECTIVAS**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

**2005**

**Ricardo Luiz Rocha Fortes**

**O cursinho como unidade escolar de mediação entre  
o ensino médio e a universidade: peculiaridades, sentidos  
e perspectivas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Sociologia e História da Profissão Docente e da Educação Escolar.

Orientadora: Rita Amélia Teixeira Vilela

**Belo Horizonte**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

**2005**

## FICHA CATALOGRÁFICA

F738c

Fortes, Ricardo Luiz Rocha

O cursinho como unidade escolar de mediação entre o ensino médio e a  
Universidade: particularidades, sentidos e perspectivas / Ricardo Luiz Rocha  
Fortes. Belo Horizonte, 2005.  
171f.

Orientadora: Rita Amélia Teixeira Vilela  
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas  
Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação.  
Bibliografia

1. Universidades e faculdades – Exames para admissão. 2. Universidades e  
faculdades - Vestibular. 3. Ensino médio. 4. Escola e comunidade. I. Vilela,  
Rita Amélia Teixeira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 373.576

Dedico este trabalho à Luzia, minha companheira de todas as horas e aos meus filhos, Guilherme e Henrique, pela sensação gostosa de pertencimento.

Aos meus pais Wilson, e Aéder, que proporcionaram as condições de ser professor de Geografia.

À professora Dra. Rita Amélia Teixeira Vilela, pela paciência e competência em sua atividade profissional.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores do Mestrado, pelo profissionalismo, pela amizade construída ao longo do curso e pelas pertinentes orientações.

A Valéria das Dores Ermelindo, pelo desempenho na secretaria do Mestrado, pela educação, profissionalismo e amizade com alunos, professores e funcionários.

Ao Ulisses, meu futuro colega e companheiro de profissão.

Aos meus colegas de Mestrado, pelo convívio, pela alegria nos finais de tarde, pela troca de idéias, pela torcida silenciosa sempre presente e pela saudade deixada.

## RESUMO

O objetivo do trabalho desenvolvido foi compreender as ações do cursinho como unidade escolar de mediação entre o ensino médio e a universidade para alunos provenientes de camadas médias e populares, egressos de escolas públicas e privadas. Foi desenvolvida uma pesquisa empírica sobre um tipo particular de organização de ensino – o cursinho preparatório para exames de vestibulares.

A pesquisa, de cunho qualitativo, utilizou questionário, observação no cotidiano de um cursinho – Gaia Pré-Vestibulares, entrevistas abertas com todos os professores do curso extensivo, entrevistas com 4 alunos do turno da manhã que se prontificaram a participar, com funcionários da administração, com um diretor administrativo e com a orientadora educacional, para a obtenção direta das informações sobre as suas atividades.

O estudo revelou, entre outras coisas, que o cursinho existe devido à desarticulação entre os diversos segmentos escolares e a universidade e, devido à importância para os alunos do “efeito cursinho”, como instância preparatória de acesso ao ensino superior.

O estudo também evidenciou que os alunos de segmentos médios e populares gostam e valorizam o cursinho mais que o ensino médio, sobretudo pela oportunidade de aprendizagem, pelas revisões necessárias do ensino fundamental e médio, pelo treinamento, pelos simulados e pelo espaço privilegiado onde ocorrem interações sociais. A pesquisa revelou, ainda, que os alunos se sentem mais à vontade no espaço escolar do cursinho, pois estão ali porque querem e não pela imposição dos pais, como ocorre no colégio. Nesse sentido, com todas as dificuldades, materiais e cognitivas, do qual são portadores, os alunos colocam suas esperanças nas atividades preparatórias do cursinho como uma instância necessária de acesso ao ensino superior. Apesar de não integrarem o circuito das escolas oficiais, os cursinhos sobrevivem porque ocupam um espaço de mediação indispensável, entre o ensino médio e a universidade. Essa situação tende a permanecer enquanto persistir a histórica desarticulação do sistema de ensino nacional.

## ABSTRACT

The objective of the work developed was to understand the actions of the intensive preparation course as an intermediate educational entity between High School and College, for students originated from medium and lower classes, graduated at public or private schools. An empiric research about the specific kind of the educational organization was developed - an intensive course to prepare candidates for the university entrance examination test paper.

The research, with a quality connotation, has used observations of the daily routine of one specific intensive preparatory course “Gaia Pré – Vestibulares”, and interviews with: all the teachers of the course mentioned above; four volunteer students who study in the morning; a secretary of the course; an administrative director; and an educational orientation counselor. The research was developed in order to obtain direct information about each one’s activities.

The study revealed, among other things, that this kind of intensive preparatory course which prepares students for the university entrance examination test paper only exists because there is a “gap” among the different school levels and the university. It was also clear that students consider the “preparatory course” as an import of their admission at the university.

The research also showed the evidence that students from popular or medium class social groups appreciate the intensive preparatory course more than High School, specially due to the learning opportunity provided, to the needed reviews of elementary and High School subjects, to the test simulations of entrance examination test papers and to the privileged special locations where social interactions occur. The research also showed, that students feel themselves at ease in the scholar space because of these intensive preparatory courses. They are there because parent’s will they want to and not their parent’s will imposition, as it happens in High School. In that sense, despite all the difficulties they carry with them – mainly material and cognition difficulties – students place their hopes on training activities of the intensive preparatory course as a necessary step for the access into university education. Despite not being part of the Public School System, these training courses survived because they fulfill an intermediate space between high school and College. This situation trends to stay as long as the historic gaps of the national educational system goes on.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>Capítulo 1 Os cursinhos como preparatórios para concursos públicos e processo de entrada no ensino superior</b>	<b>22</b>
1.1 Notas históricas: o cenário do surgimento dos cursinhos com a instalação da corte portuguesa no Brasil	22
1.2 Os cursinhos na 1ª. República – Organização do sistema escolar e o lugar reservado aos preparatórios	30
1.3 As mudanças no ensino superior e os processos de acesso através dos vestibulares: 1930-1960	34
1.4 A institucionalização dos vestibulares e a expansão dos cursinhos preparatórios	45
1.5 A legitimação das atividades dos cursinhos pré-vestibulares	50
1.6 Os cursinhos no cenário pós LDB de 1996	59
1.7 Cursinho-escola: entre a legitimação e o questionamento na atualidade.....	65
<b>Capítulo 2 O cursinho como unidade de ensino: O Gaia – Pré Vestibular e suas particularidades como escola</b>	<b>71</b>
2.1 A História do cursinho Gaia Pré-Vestibular	72
2.2 A situação geográfica do Gaia Pré - Vestibular	75
2.3 O espaço físico destinado aos alunos	76
2.4 A Arquitetura da escola-cursinho	77
2.5 Como se processa a matrícula	79
2.6 A convivência no cursinho	81
2.7 A grade curricular do cursinho	83
2.8 O material didático	86



2.9	As atividades da monitoria	91
2.10	O setor de redação	93
2.11	O setor de biblioteca	95
2.12	A sala de professores	96
2.13	A sala de informática	98
2.14	Os simulados	102
2.15	O corpo docente do Gaia Pré-Vestibular	103
2.16	Os alunos do cursinho Gaia Pré-Vestibular	108
2.17	O setor de apoio essencial ao estudante: o setor de orientação pedagógica e educacional (SOPE)	112
<b>Capítulo 3</b>	<b>O cursinho como unidade de ensino de mediação entre o ensino médio e a universidade: Como os professores e alunos interpretam as particularidades do cursinho – escola</b>	<b>125</b>
3.1	Buscando entender o significado do cursinho na vida escolar dos alunos – o que dizem professores e alunos	132
3.2	O cursinho – escola: espaço de mediação entre o ensino médio e a universidade?	146
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>158</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>166</b>
<b>6</b>	<b>ANEXO</b>	<b>173</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema desta dissertação emergiu da minha trajetória como professor de Geografia do terceiro ano do Ensino Médio e de cursos preparatórios às universidades. Como professor, tenho consciência de que deveria estar atento às minhas perspectivas e expectativas como ator de um processo de preparação de alunos para os vestibulares, em um contexto de rápidas reestruturações do processo seletivo às universidades.

Durante mais de vinte anos, as minhas atividades profissionais como professor de pré-vestibular, usualmente destinado às classes privilegiadas, proporcionaram-me acesso a modernas tecnologias, introduzidas nesses cursos com o objetivo de ampliar a eficiência do professor, na preparação dos alunos para os processos seletivos às universidades.

Esses alunos, usualmente originados de camadas privilegiadas, apresentavam um elevado grau de interação com as propostas pedagógicas dos cursinhos, por virem de famílias cujos investimentos escolares eram prolongados, e por terem freqüentado escolas consideradas de boa qualidade e por terem se beneficiado de recursos tecnológicos oferecidos no contexto familiar.

Assim, na dinâmica de um pré-vestibular, o aluno de classe privilegiada, dotado de condições materiais e escolares favoráveis, alcançaria, com o apoio do cursinho, os melhores resultados nos processos seletivos às universidades.

Seria o cursinho o espaço escolar ideal para a democratização e a socialização dos saberes escolares necessários aos processos seletivos das universidades? Essa é uma questão que precisa ser respondida e foi esta questão que me conduziu ao Mestrado em Educação.

Os cursinhos, tradicionalmente, serviram às classes dominantes - herdeiros das disputas entre as facções de poder, pois atendiam, discricionariamente, a apenas parte do estrato social – as elites.

Com a universalização do ensino fundamental e o *boom* do ensino médio, passou a ser crescente a presença de segmentos populares nos cursinhos preparatórios. Descobriu-se, também, que as famílias possuíam uma consciência nítida das novas demandas do mercado de trabalho e de que os cursinhos aumentavam as chances de entrada na Universidade alterando os processos de

acesso às universidades. Paralelamente, a demanda por vagas nas universidades favoreceu a expansão dos cursos superiores particulares. A ampliação de vagas nas universidades de o território nacional, afetou o setor dos cursinhos que também expandiu, procurando atender aos diversos segmentos sociais que procuram os cursos preparatórios para os diversos vestibulares.

São várias, no momento às políticas afirmativas, visando à ampliação das oportunidades para os segmentos populares nas universidades. Descortina-se um novo horizonte para a inclusão dos mais pobres.

As prefeituras de São Paulo e de Salvador já beneficiam e disponibilizam recursos financeiros e materiais para os alunos originários de camadas populares, objetivando seu acesso aos cursos superiores.

Através de outras ações afirmativas, um novo horizonte de oportunidades surgiu na vida de estudantes afro-brasileiros que, antes, só preenchiam 2% das vagas nas universidades.

“No Estado do Rio de Janeiro, a Lei estadual 3.524/2000, em seu artigo 2º., reserva 50% das vagas, em cada curso de graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Norte Fluminense Darcy Vargas(UENF) para candidatos que estudaram a vida toda em escolas públicas do estado. Já a lei 3.708/2001(artigo1º) reserva 40% das vagas para negros e pardos. Cabe a essas universidades definirem os critérios mínimos de qualificação para o acesso às vagas reservadas” ( Revista Ciências Hoje, vol.33, no. 195:29).

Além disso, as instituições de ensino superior públicas, que não adotam o sistema de cotas, têm mostrado o aumento da participação de egressos das escolas públicas, afro-descendentes, indígenas no total de alunos da universidade. Na UFMG, no vestibular 2003/2004, segundo dados da COPEVE, 57% dos candidatos foram originários de escolas públicas. No vestibular de 2002/2003, o índice foi de 58%. No período subsequente, 2004/2005, para um total de 4.494 vagas, o percentual de candidatos de escolas públicas foi de 57% contra 43% de candidatos, provenientes de escolas privadas, o que mostra um ligeiro declínio de candidatos de escolas públicas nos vestibulares. Por outro lado, ainda segundo a Copeve, o vestibular da UFMG de 2004/2005, aponta para um crescimento do

percentual de negros. Segundo a UFMG, no período considerado, o índice de negros e pardos subiu de 31% para 38% .

Como alternativa para a inclusão, a criação de cursos noturnos, tem aumentado as chances de acesso à Universidade<sup>1</sup>. Nesse caso, pode-se indagar se as ações afirmativas das universidades potencializariam o papel dos cursinhos como interlocutores entre o ensino médio e as universidades públicas, uma vez que se nota ter aumentado, também, a oferta de cursos vestibulares que se auto-intitulam “populares”, explicitamente visando atrair esse segmento. Em Belo Horizonte, é conhecida a atuação e a franca expansão dos cursinhos populares dos quais o mais representativo é o Pré UFMG.

Levando-se em conta os recentes dados sobre os números da educação brasileira, segundo o *Censo da Educação Superior* de 2001, formulado pelo *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)*, 4,26 milhões de candidatos disputaram naquele ano, em todo o Brasil, 1,4 milhões de vagas. Em 2001, dos alunos que ingressaram nas faculdades (1,2 milhões), 944.157 passaram por vestibulares e 92.533 enfrentaram outros processos seletivos como o ENEM e a avaliação seriada no ensino médio.

Esse quadro, considerando o montante, arrecadado pelas universidades, via-taxa de inscrição, permite-me imaginar que as instituições federais, deduzidas as despesas com o vestibular, obtêm um excelente capital adicional para investimentos. No caso da UFMG, esse restante do arrecadado é canalizado para investimentos de apoio ao estudante através da Fundação Mendes Pimentel. Segundo dados da FUVEST/SP, o vestibular da USP, que é o maior do país, registrou na edição de 2003 um aporte de sete milhões de reais<sup>2</sup>. Os cursinhos, de modo geral, acompanham e se beneficiam dessa demanda pelo ensino superior em universidades públicas e se mantêm como instâncias preparatórias, convenientes e necessárias.

Cristovam Buarque, à época Ministro da Educação, na Conferência Mundial de Ensino Superior em Paris, no período de 23 a 25 de julho de 2003, afirmava:

---

<sup>1</sup> Em reportagem publicada no Estado de Minas, em 30 de novembro de 2003, fica evidenciada a procura de cursos noturnos para os grupos menos favorecidos, notadamente nas áreas de serviços em que a empregabilidade pode ser considerada quase imediata na versão dos alunos entrevistados.

<sup>2</sup> Dados citados pelo Jornal Folha de São Paulo em 30/05/2004

“Não há mais nenhum motivo para exigir vestibulares. É essencial definir exames de seleção que demonstrem a capacidade do estudante de capturar e desenvolver conhecimentos em vez de exames que demonstrem a capacidade do estudante de responder a perguntas que, exijam, simplesmente, memorização de respostas.” (Revista Ensino Superior, Agosto de 2003: 33)

Chama a atenção o fato de que a opinião do, então, Ministro nada revela em termos de sinalização de mudanças: o vestibular é exame de seleção.

Existem para a captação de alunos diretamente do ensino médio para a universidade o ENEM<sup>3</sup> e a Avaliação Seriada e esses ainda não podem ser considerados experiências consolidadas, sendo, ainda, alvo de críticas e de resistência de algumas universidades federais. O ENEM não vai acabar com o vestibular. Só as universidades que assim o desejarem, pois as instituições de ensino superior são autônomas. Elas é que decidem se irão utilizar os critérios e os resultados do ENEM e de que forma isso poderá ser feito.

Mesmo com futuro incerto, os vestibulares existem para a maioria das universidades federais e estaduais no Brasil. Segundo Rodrigues, em artigo publicado na Revista *Ensino Superior* (Agosto de 2003 p. 36-39)

”De saída, é preciso deixar claro que as fontes governamentais ouvidas disseram não conseguir imaginar como seria se o vestibular fosse extinto e de que modo os estudantes ingressariam nas faculdades, principalmente nas escolas mais procuradas”.<sup>4</sup>

Nesse cenário, os alunos de camadas médias e populares, pressionados pelas exigências do mercado de trabalho que exige uma formação mais qualificada da mão de obra, buscam uma escolarização mais ampla, nos cursos universitários. Esse novo fato pode explicar o aumento de novas instituições universitárias, voltadas para a área de serviços, como Administração, Direito, Relações Públicas, Jornalismo, Publicidade, Música, Turismo e Hospedagem ou Hotelaria.

<sup>3</sup> ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

<sup>4</sup> O artigo se refere às dificuldades dos educadores de extinguirem os vestibulares e defendem por outro lado um aprimoramento de sua aplicação como forma de acesso aos cursos superiores.

Para as camadas médias e populares, o futuro escolar seria viabilizado, na perspectiva de uma conciliação entre estudo e trabalho. Segundo Zago (2000: 27), *“garantindo assim, um crescimento pessoal e profissional, que deve ser assegurado na escolha da carreira e do tipo de curso”*.

Esses novos cursos estão estruturados para permitir o acesso de alunos trabalhadores à universidade. Em consequência, cresce a oferta de cursos vestibulares, muito deles já organizados para o atendimento a esse público em expansão.

Por outro lado, existe, também, um segmento de cursinhos voltado para garantir a aprovação, em vestibulares, de instituições muito competitivas, desejadas por segmentos sociais privilegiados.

Como instituição escolar para além do ensino médio, os cursinhos teriam fortalecido, em sua origem, uma contradição. Eles atenderam, durante muito tempo, discricionariamente, a apenas uma parte do estrato social, as camadas privilegiadas, promovendo o processo de admissão à Universidade. O vestibular, sistema que se colocaria para a sociedade como uma seleção meritocrática e democrática, teria, portanto, beneficiado mais as camadas privilegiadas do que as camadas populares, situação que os cursinhos não poderiam alterar.

Para a clientela das camadas populares e médias, o investimento em cursinhos, voltados para o atendimento das elites sociais, seria reconhecido como uma escolha válida, por ser esse segmento escolar identificado com o sucesso nos vestibulares.

Isso pode explicar porque a clientela de cursinhos, hoje, contém segmentos de todas as camadas sociais. Esses cursinhos ao mesmo tempo em que anunciam serem destinados à clientela de baixa renda, procuram demonstrar sua competência e o sucesso alcançado com o aumento do índice de aprovação nos vestibulares. Com essa imagem, pode-se entender porque os cursinhos, de modo geral, atraem alunos de todos os grupos sociais.

A dimensão e a complexidade da investigação sobre o significado do cursinho, para segmentos populares e médios, em um contexto de mudanças de políticas educacionais, tornam-se um desafio, dado a amplitude de seu impacto social. A minha vivência com os alunos de camadas populares e médias nos cursinhos motivaram uma reflexão sobre o percurso escolar desses jovens, das condições escolares pretéritas e dos processos de passagem pelos cursinhos,

resgatando perdas anteriores nos processos escolares e preparando - os para a aprovação nos vestibulares.

Por que, nos cursinhos, determinados alunos de grupos desfavorecidos apresentam ótimo rendimento escolar e adquirem condições para aprovação nos vestibulares?

Sendo assim, cabe indagar:

Em que medida, os processos pedagógicos oferecidos pelos cursinhos, são diferentes da escola de ensino médio? Qual a percepção desses alunos sobre os cursinhos , o processo escolar, o currículo e sobre seus professores? O cursinho, na percepção desses alunos, é determinante nas possibilidades de domínio dos saberes escolares necessários ao ingresso nas universidades? Qual é a contribuição pedagógica do cursinho na preparação do aluno de camadas populares e médias para o acesso às universidades? A passagem pelo cursinho é um fator essencial para a entrada na universidade?

No estudo desenvolvido procurei verificar se o espaço em que ocorrem essas relações poderia ser considerado um fator definidor das condições de acesso à universidade, ao mesmo tempo em que procurei descobrir o que, no interior dos cursinhos, cria condições materiais e saberes escolares necessários ao acesso às universidades.

O apontamento do significado dos cursinhos, como instância escolar para alunos de camadas populares, pode ser encontrado em autores como Zago (2003) ,Nogueira (2003) ,Portes (1998), Viana (1998), Lahire (1997), Soares (1998), Ferreira 1999), Braga e Peixoto (1997) e Withacker (1988-1998). Estes estudos revelam que a busca de bons cursinhos parte do conjunto de estratégias particulares de universitários, oriundos de camadas populares e médias e de suas famílias, para conquistarem a inclusão e a permanência em um curso universitário seguida da sua conclusão. Isso reforça o interesse em desvendar o que ocorre nesses cursinhos.

Estudos realizados por Portes (2001) e Vianna (1998) demonstram que os alunos de camadas populares só conseguem continuar a superação das dificuldades socioeconômicas e conjunturais, estudando com muita dificuldade, devido aos altos custos do ensino particular e dos cursinhos. Assim, suas famílias tendem a escolher um dos seus membros para o investimento em capital escolar, proporcionando as condições materiais e emocionais para o

sucesso do empreendimento.<sup>5</sup> Arcar com investimentos em um bom cursinho, para um ou mais membros da família, faz parte das estratégias familiares de camadas médias e populares.

Portes (1993) ao estudar, de forma particular, o *estudante universitário* proveniente de camadas populares, procurando entender a interação da família com o percurso escolar desse estudante, levou em consideração, dentro das estratégias escolares utilizadas para o acesso a níveis mais avançados do sistema escolar, a passagem desses alunos por cursinhos.

Conforme se lê:

”Essas grandes estratégias materializam-se no cotidiano em apelos a cursos particulares, como por exemplo, os cursinhos, e a intensa solidariedade material por parte da família”.  
(Viana,1998: 15: 18).

Esses dois casos demonstram que o cursinho apresenta para os alunos de camadas populares, como um investimento, ampliando as condições objetivas de acesso aos cursos superiores, o que confirma estudos de Bourdieu (1996), para quem as oportunidades de acesso ao ensino superior resultam de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais.<sup>6</sup>

Nestes estudos apontados, não foi tratado, de forma específica, **o efeito cursinho** como instituição escolar. Os estudos de Whitacker (1988/1998) tratam o “efeito cursinho” como materialidade em resultados positivos nos vestibulares para alunos que, evidentemente, tiveram suas chances de aprovação aumentadas com, pelo menos, um ano de cursinho.

Dados divulgados pelo MEC, sobre os vestibulares, oferecem os primeiros elementos para o entendimento do valor social do cursinho. Segundo tais dados, no período de 1995 a 2000, houve um aumento de 77,9% no número de concluintes da rede pública no ensino médio e de 28,8% na rede particular.

---

<sup>5</sup>Esse comportamento seria mais notado pelos administradores dos cursinhos, em alunos de camadas médias do interior, quando migravam para a capital dando continuidade aos estudos. Os custos familiares em escolas, moradia, alimentação, livros, lazer e outros investimentos diretos, seriam efetivados pelas famílias, tentando garantir o sucesso escolar de seus dependentes ou sucessores diretos.

<sup>6</sup> Esse rigor seletivo também se manifesta no cotidiano pedagógico do cursinho através de simulados. As pontuações das provas seguem rituais dos vestibulares das universidades federais e, em muitos casos observados, nota-se a evasão de alunos, nos cursinhos, após a aplicação dos testes.



Dados da COPEVE, sobre o vestibular da UFMG, em 1997, também revelam que os candidatos que fizeram cursinho por um período superior a um semestre ou integrado ao 3<sup>a</sup> ano do ensino médio obtiveram notas médias no mínimo iguais à nota média total – 52%. Os candidatos que não frequentaram cursinhos para o vestibular (37,3%) representam a maior parcela dos que prestaram o vestibular, porém são os mesmos que detêm o menor índice de aprovação (7%). Esse resultado aponta, de certa forma, o cursinho como uma estratégia importante dos candidatos, ao vestibular, originários de camadas populares e médias e de outros segmentos socioeconômicos (Soares, 1998: 7-12).

Na investigação realizada, o que me interessou foi compreender o significado do cursinho, dada a peculiaridade do processo seletivo às universidades públicas do país. O que pretendi foi entendê-lo como instância de mediação entre o ensino médio e as universidades, desvendando as particularidades e especificidades dos serviços didático-pedagógicos, oferecidos aos candidatos aos vestibulares, especialmente os alunos de camadas médias e baixas.

Os cursinhos trabalham com duas perspectivas: evitar a desistência escolar, o que seria perda de receita, e garantir um número expressivo de alunos nos vestibulares, como fator estratégico de maximização dos resultados positivos – quanto maior o número de candidatos inscritos, maior a possibilidade de aprovação o que corresponde à “*alma*” do cursinho: maximizar, na mídia, os resultados pós-vestibular.

Os cursinhos poderiam ser considerados instâncias mediadoras entre esses dois territórios - o ensino médio e o superior?

A entrada na Universidade, especialmente nas públicas, é um ato raro, se levarmos em consideração a concorrência para cada vaga. Esse é um terreno propício ao incentivo das atividades publicitárias dos cursinhos. As ações da mídia, nesse tipo de instituição de ensino, ganham maior intensidade nos meses subseqüentes à realização dos vestibulares, oportunidade em que os ex-alunos aprovados e seus professores são apresentados ao “público alvo”, ou seja, os futuros alunos dos cursinhos. Mas é preciso reconhecer, também, que os cursinhos pretendem que as camadas médias e camadas populares apresentem movimentos na direção de usufruir dos benefícios didático-pedagógicos

oferecidos. Assim, se o cursinho exerce um efeito importante nos resultados dos processos seletivos para o ensino superior, cabe indagar: existem situações pedagógicas e sociais nesses cursinhos que oferecem algum mecanismo facilitador das condições de aprovação? Quais são elas? Como esse sistema funciona?

Essa foi a minha motivação para investigar a atuação dos cursinhos e, de modo especial, sua importância para os alunos que o procuram. Mais precisamente, interessava desvendar quais são os seus benefícios como instância de mediação.

Fiz, então, a proposta de realizar um estudo sobre a cultura horizontal de um cursinho, denominado na pesquisa como “Gaia Pré-Vestibulares<sup>7</sup>” destinado à preparação de alunos de ensino médio, provenientes de camadas populares e médias, aos processos seletivos universitários<sup>8</sup>. Interessou-me desvendar como ocorre, no interior de uma unidade escolar-cursinho, a realização de seus objetivos declarados: “proporcionar ao aluno o resgate e ou, a fixação de conteúdos de ensino fundamental e médio e o desenvolvimento de habilidades e competências que conduzam à sua aprovação nos vestibulares e exames de seleção em geral<sup>9</sup>”

O objetivo do trabalho desenvolvido foi entender o efeito cursinho como instituição mediadora na construção dos saberes e habilidades escolares, necessários à conquista de uma vaga em uma universidade, preferencialmente pública.

A investigação procurou compreender, dentro de um “cursinho”, as ações pedagógicas, os valores, seus compromissos, suas opções e como ele pode favorecer o desempenho dos alunos no vestibular. A pesquisa se propôs a identificar as particularidades do aparato de ensino existente: Que serviços pedagógicos são oferecidos pelo cursinho? Como está estruturada a rotina de ensino e de estudos dos alunos e o sentido da passagem pelo cursinho?

---

<sup>7</sup> O nome do cursinho é fictício assim como todos os entrevistados serão referidos com pseudônimos.

<sup>8</sup> Nessa investigação não realizei qualquer caracterização socioeconômica da clientela do cursinho pesquisado. Como se verá no final do capítulo 1, os cursinhos são hierarquizados de acordo com o grupo social que atendem. Os próprios cursinhos classificam a sua clientela. Portanto, é o próprio cursinho “Gaia Pré-Vestibulares” que se apresenta como instituição que atende a camadas populares e médias.

<sup>9</sup> Objetivo anunciado na mídia durante o processo de divulgação dos resultados finais dos vestibulares, para captação do aluno novato do Gaia Pré- vestibulares.

Para isso, defini como metas de pesquisa:

- identificar as estratégias estabelecidas pelos professores dos cursinhos para a socialização dos saberes escolares necessários ao êxito nos vestibulares;
- conhecer as práticas e as ações educativas de alunos no cotidiano do cursinho pré-vestibular;
- conhecer o significado que os alunos atribuem aos cursinhos;
- como eles utilizam e avaliam as estratégias de ensino oferecidas pelos cursinhos;
- identificar os mecanismos operacionais do cursinho que contribuem para o bom desempenho dos alunos nos vestibulares.

### **A proposta metodológica**

A opção metodológica foi pela abordagem de pesquisa qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa tem a qualidade de buscar e de analisar os múltiplos aspectos relacionados ao tema. Para identificar todas as particularidades do objeto de investigação, a abordagem qualitativa me conduziu ao ambiente natural - cursinho, a buscar os dados no contexto em que se desenrolam, a compreender as informações obtidas diretamente dos sujeitos envolvidos, de forma analítica e em busca de seus significados.

A adequação da abordagem ao estudo proposto tem como característica criar condições de pesquisa, acerca de situações das quais se sabe muito pouco. A pesquisa apontou, para o investigador, um estudo de caso; um cursinho em Belo Horizonte, a fim de se elucidar as questões propostas. A escolha de determinado cursinho foi definida pela existência de contato profissional na instituição, facilitando a permissão para a realização da pesquisa.

O Gaia Pré-Vestibulares, localizado no Centro de Belo Horizonte, é classificado, segundo seus próprios dirigentes, como um curso destinado a alunos de camadas médias e populares. A instituição atua no ramo de pré-vestibulares há 15 anos.

O estudo de caso demanda uma série de recursos metodológicos. Em primeiro lugar, a necessidade de dar visibilidade aos cursinhos como instituição de ensino, requer o exame detalhado de uma unidade dessa modalidade de

escola para que se possa responder: O que é um cursinho? Como e quando surgiu? Qual a sua estrutura funcional no sistema de ensino? O que lhe dá legalidade? Qual a sua estrutura organizacional?

Visando estudar as particularidades dos cursinhos como espaço pedagógico, a pesquisa exigiu duas frentes de investigação: a busca de literatura e de documentos que comprovassem sua existência na nossa história e a imersão em um cursinho específico. Foi constatado que o tema é contemplado de forma insuficiente na literatura das áreas da História do Brasil e da História da Educação no país. Essa situação constituiu uma dificuldade para o pesquisador que foi obrigado a usar o apoio do registro da memória de alguns dos professores do cursinho investigado, atuantes no setor – cursinho, desde os anos 60-70, para complementar as informações. Esses professores serão referidos com pseudônimos.

A outra fonte de investigação foi a pesquisa de campo que possibilitou dar visibilidade ao cursinho, através do conhecimento de suas ações, junto aos professores e alunos. Fiz uma descrição densa do cotidiano do Cursinho Gaia, através da observação de suas atividades escolares, dos serviços de atendimento ao aluno, das aulas, visando conhecer esse espaço escolar na sua particularidade, a sua organização e as estratégias didático-pedagógicas disponibilizadas aos alunos dessa instituição.

Nessa etapa, acompanhei a dinâmica de ensino de duas turmas escolhidas e entrevistei professores, envolvidos no processo de preparação desses alunos, com o objetivo de coletar suas opiniões profissionais e pedagógicas sobre o cursinho, o seu cotidiano como instância preparatória de alunos aos vestibulares. As turmas escolhidas eram constituídas de alunos com perfil socioeconômico diferenciado, a partir de informações da secretaria do cursinho<sup>10</sup>, sendo uma turma do diurno e outra do noturno, já que o turno define, pelo senso comum, um perfil socioeconômico diferenciado.

Como recursos metodológicos, além da observação direta dos fatos e de um questionário, visando obter informações sobre os alunos, foram realizadas entrevistas semi-abertas com quatro alunos do cursinho e com todos os professores, com a equipe administrativa e com a orientadora educacional. O

---

<sup>10</sup> Não me foi dado acesso direto a essas informações.

que se buscou foi dar visibilidade às perspectivas dos sujeitos envolvidos diante de um processo de preparação aos vestibulares.

A entrevista semi-aberta permite a captação imediata da informação desejada. Segundo Lüdke & Menga, *“essa técnica valoriza um maior aprofundamento das informações obtidas e estimula o comportamento verbal do pesquisado”*.

Segundo Szymansky ,

“Para o entrevistado, a situação pode ser interpretada de inúmeras maneiras: uma oportunidade para falar e ser ouvido, uma avaliação, uma deferência à sua pessoa, uma ameaça, um aborrecimento, uma invasão. A sua interpretação define um sentido, uma direção, que se manifesta diferentemente conforme a situação é percebida por ele”( Szymansky, 2002: 16)

Trata-se, portanto, de uma estratégia em que o pesquisador parte da constatação de que a entrevista face a face é fundamental em um processo de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado (Szymansky, 2002: 16).

O limite de tempo imposto à realização do mestrado, definiu a conveniência de entrevistas com reduzido número de alunos. Além disso, na dinâmica de funcionamento do cursinho, como se verá no capítulo 2, foi difícil conseguir disponibilidade dos alunos para me concederem uma entrevista. Assim, as entrevistas foram longas, gravadas e transcritas por mim mesmo.

Devido a essa situação, os quatro alunos entrevistados, que configuram a amostra possível, foram os únicos que atenderam ao meu pedido. Essa situação foi contornada com a aplicação do questionário a 60 alunos do extensivo, sendo escolhidos aleatoriamente no universo de duas salas de aula para 30 alunos, no turno da manhã, e 30 alunos, no turno da noite. Por outro lado, as vozes que mais deram sentido e significado às evidências da pesquisa, foram os professores e a orientadora escolar.

Essa dissertação está constituída de Introdução, três capítulos e as Considerações Finais.

Na introdução, situo meu interesse pelo tema, minhas questões de pesquisa e apresento o percurso metodológico que amparou a pesquisa na qual se fundamenta a dissertação.

O capítulo 1. Os cursinhos preparatórios para concursos públicos e o processo de entrada no ensino superior. Procuo situar o cursinho no cenário da educação no país e com esse intento, descobrir como ele surgiu, entender porque ele permanece.

O capítulo 2. O cursinho como unidade de ensino: o Gaia Pré-Vestibulares. Procurei entender como ele surgiu e porque ele permanece como escola. Apresento o cursinho, tal como ele funciona. Nesse capítulo, através da minha observação e dos relatos colhidos com os administradores, professores, a orientadora escolar, alunos e de dados do questionário, procuro dar visibilidade à ação do cursinho como escola preparatória aos exames vestibulares.

O capítulo 3 – Capítulo conclusivo em que procuro refletir sobre a ação do cursinho, procurando evidenciar seus significados como instância de mediação entre o ensino médio e a universidade. Nesse capítulo, estão recuperadas, essencialmente, as situações apontadas pelos professores e alunos em que as atividades dos cursinhos tornam-se relevantes para concursos públicos e para entrada no ensino superior.

Nas Considerações Finais, procuro apontar os indícios mais marcantes sobre o sentido de mediação do cursinho, a sua importância como instância preparatória para os exames vestibulares e assinalo para a necessidade de continuar a pesquisa sobre o tema.

## **CAPÍTULO I**

### **OS CURSINHOS COMO PREPARATÓRIOS PARA CONCURSOS PÚBLICOS E O PROCESSO DE ENTRADA NO ENSINO SUPERIOR.**

Como já foi dito, o tema da minha pesquisa são os cursinhos vestibulares, como são chamados, hoje, os cursinhos preparatórios ao exame vestibular. Concordando com Freitas (1984:552), “a despeito de não integrarem o sistema oficial de ensino, os cursinhos constituem hoje, para todos os efeitos práticos, um nível do sistema educacional”. E, ainda, concordando com críticos do sistema educacional, os cursinhos constataam a falta de articulação entre o ensino médio e a Universidade (Abreu, 1963:1964; Teixeira, 1969). Segundo Abreu, já em 1964, podia-se falar de um sistema escolar apostado ao sistema oficial “o de preparo para os exames de admissão à escola média e o preparo ao exame vestibular do ensino superior” (Abreu, 1963:32).

Apesar das mudanças no sistema de ensino, operadas após o período referido por Abreu, esse sistema paralelo sobrevive. Os exames de admissão foram deslocados para a entrada no segundo grau, após 1971, e, no novo ensino médio, pós LDB de 1996, das escolas particulares tradicionais. Essa nova forma de ensino assumiu conotações diversas e, hoje, chega a ser chamado vestibulinho nas escolas particulares tradicionais. Na escola pública, há uma gama criativa de formas de acesso, incluindo distribuição de senhas e até sorteio. Esse setor não é tema de análise neste trabalho, mas, sim, uma forma de acesso ao ensino superior, razão de ser do meu objeto de pesquisa: o cursinho pré-vestibular. Neste capítulo, meu empenho e meu objetivo são entender sua gênese e sua permanência no sistema de ensino nacional.

#### **1.1. Notas históricas – O cenário do surgimento dos cursos preparatórios com a instalação da corte portuguesa no Brasil.**

Considerando a raridade de estudos voltados para os cursinhos<sup>11</sup>, esse registro inicial representa uma tentativa de organizar algumas pistas “captadas” na

---

<sup>11</sup> Estudos que se referem aos cursinhos o fazem dentro da problemática dos vestibulares. Eles são abordados como variáveis e não centrais na investigação, como é o meu propósito.

literatura sobre a História do Brasil e sobre a História da Educação Brasileira em que foi registrada a existência de cursos preparatórios.

A vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, em 1808, alterou, profundamente, a situação política de nosso país, que passou a ser considerado Vice-Reino. Repentinamente, passava-se da condição de simples Colônia à sede da monarquia lusitana.

Tão logo instalado no Brasil, o Príncipe Regente criou o nosso primeiro estabelecimento de ensino superior. A Escola Médico-Cirúrgica, mandada organizar na Bahia, ainda em 1808. Também, no Rio de Janeiro, diversas aulas médicas, foram reunidas, posteriormente, na nova Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica, complementares a um Instituto Vacínico e a um Laboratório Químico-Prático, este destinado a fazer análises de produtos dos três reinos da natureza, úteis às artes, ao comércio e às indústrias, constituindo outro estabelecimento de ensino superior. Além da criação do curso superior, a nova organização política demandou nova estrutura administrativa.

Para Viana,

“A instalação da família real criou a necessidade de ampla reorganização administrativa, tendo em vista não só a transferência, para o Rio de Janeiro, das Secretarias de Estado, tribunais e repartições antes estabelecidas em Lisboa, mas, também a adaptação, à nova ordem de coisas, das que aqui já existiam ( Viana, 1995: 16-17).

Além das Secretarias de Estado, estabeleceram-se na nova Capital da monarquia portuguesa quase todos os órgãos da administração pública e da Justiça até então existentes em Portugal. Entre eles o Conselho de Estado, as Mesas do Desembargo do Paço e da Consciência e Ordens, o Conselho da Fazenda, o Conselho Supremo Militar e outros. No setor da Justiça, foi a Relação do Rio de Janeiro elevada à condição de Casa da Suplicação , como tribunal superior, julgando em última instância.

É importante ressaltar que, à época da chegada da família real portuguesa, a educação encontrava-se sobre o controle da Colônia e da Igreja que



representavam, de certa forma, os interesses da oligarquia escravocrata, o que perdurou após a Independência.

O clero agia nas fazendas formando o que Romanelli (2002) denomina de “*tios-padres e capelães de engenho*” e que foram, também, os mestres escola ou preceptores das famílias rurais.

Na análise dos textos históricos, é difícil precisar uma data, o momento em que os preceptores e os cursos particulares surgem com uma finalidade propedêutica para a preparação de candidatos às vagas da administração pública, recém-criadas com a transmigração portuguesa para o Brasil e como se dava a preparação para os cursos superiores aqui instalados.

A literatura refere-se às atividades de preceptores<sup>12</sup>, contratados pelas famílias para preparar os seus membros na reprodução dos valores considerados relevantes pelas oligarquias e para atender às novas demandas que surgiam nas capitais das Províncias e no governo central.

Mas a ausência de estruturas formais e especializadas de educação para atender às necessidades do Estado em infra-estrutura, foi responsável, em parte, pela mobilização das famílias dos brasileiros que se reorganizavam, cada qual à sua maneira, e contrataram preceptores escolares para atender às demandas de seus interesses.

A educação dos membros das famílias mais tradicionais tornou-se uma necessidade sócio-econômica, de cunho reprodutivista, e passou a ocorrer além dos limites das escolas religiosas, no âmbito familiar, cuja atividade propedêutica tornou-se consensual para essas famílias. É importante ressaltar que essas atividades não eram controladas pelo Estado e, posso supor, tornam-se o embrião de futuras atividades propedêuticas particulares mais ampliadas, a que estou chamando de cursinhos.

Segundo Novais ,

“A instrução, é bem verdade, abrindo portas para a conquista de cargos, sempre foi um apanágio dos privilegiados ou dos que podiam e almejam ascender. Elemento de reforço do status ou de sua melhoria, a instrução possuía, ainda, uma natureza

---

<sup>12</sup> A palavra preceptor (lat. Praeceptore), significa àquele que é encarregado da instrução de uma criança ou de um jovem. Corresponde à idéia de Mentor ou Mestre nas artes e nas ciências (Michaelis, p:1682)

pública: era ostentada, inscrevendo-se na civilidade das aparências, influenciada pelos preceptores ou professores de ordens religiosas”(Novais 1997: 354-355).

Ainda para Novais,

“Em 1818, quando as reformas já estavam sedimentadas, apenas 2,5% da população masculina livre, em idade escolar, era atingida por aulas régias em São Paulo, situação que deveria ser similar à do Brasil em geral. Por isso, no período colonial e ao longo do século XIX, os pais desejosos de garantir a instrução dos filhos tiveram eles próprios que o fazer, ou que se socorre nos préstimos de parentes e capelães, ou ainda, que contratar mestres para ensinar aos seus filhos as letras e as contas” ( Novais 1997:356)

Com a transmigração da realeza européia, desvelou-se uma sociedade brasileira, marcadamente agrária, em que poucos desfrutavam de uma posição cultural e social sólida que permitisse a ultrapassagem de seus limites culturais, para atender às novas demandas da “Coroa” portuguesa recém-instalada no Brasil.

A necessidade de profissionais qualificados e experientes, para todos os segmentos das atividades sócio-culturais e econômicas, no Brasil, impôs a procura de profissionais de áreas diversificadas, para atender aos objetivos do Estado e à organização do sistema de defesa naval.

É, diante desse imperativo de atender às demandas profissionais da Corte, que a educação tornou-se uma preocupação estratégica por parte da monarquia e dos segmentos sociais mais próximos. Dito de outra forma, para atender à articulação entre portugueses e brasileiros, considerados vitais para a governabilidade (Boson,1968), que a educação criou forças.

Para Romanelli;

“Com D. João, não apenas nascia o ensino superior, mas também se iniciava um processo de autonomia que iria culminar na Independência política do país. Todavia, o aspecto de maior relevância dessas iniciativas foi o fato de terem sido levadas a cabo, com o propósito exclusivo de proporcionar educação para uma elite aristocrática e nobre que compunha a Corte” (Romanelli 2002: 39).

Segundo Romanelli, a educação, até então oferecida às elites brasileiras, era vítima da política de rígido controle da Metrópole sobre as escolas no país,

oferecendo o mínimo de instrução. Nesse sentido, não oferecia uma base escolar sólida para os ofícios de construção naval, para a indústria bélica, mecânica, civil e para a formação de médicos<sup>13</sup>. Com a transmigração da Família Real para o Brasil, a estratégia foi alterada. A política Real estabelece, como política estratégica, criar um quadro de acadêmicos que atendessem às necessidades da Coroa.

No âmbito militar, criaram-se as Academias Militares(1810) e de Marinha, o Hospital, o Arquivo Militar e a Fábrica de Pólvora, renovando-se e ampliando-se os Arsenais de Guerra e Marinha, a construções de quartéis e a fabricação de armas e peças de artilharia e de embarcações. O Brasil ganhou tecnologia a partir de investimentos em indústrias nacionais e na construção de uma Escola de Engenharia. Segundo Cunha, *“os diplomados pela Academia Militar, criada pelo príncipe regente, no Rio de Janeiro, em 1810, não se destinavam exclusivamente às atividades bélicas”*. (1980:94).

Para Cunha,

“A finalidade da Academia Militar garantiria ao Estado a formação de oficiais em Engenharia, Topografia, Geografia, especialistas em estradas, portos, canais, fontes e calçadas: segundo decreto de D. João VI; *“hei por bem que na minha atual Corte e Cidade do Rio de Janeiro se estabeleça uma Academia Real Militar para um curso completo de ciências matemáticas, de ciências de observações, quais a física, a química, mineralogia, metalurgia, e história natural que compreenderá o reino vegetal e animal, e das ciências militares em toda a sua extensão, tanto de tática como de fortificação e artilharia”* (Cunha, 1980: 94).

Segundo Alves ,

“Àquela altura, seria impossível levar o exército a acompanhar o conjunto de inovações que se introduziam nos armamentos – e, por conseguinte, na tática e estratégia da guerra e nas formas de organização das armas – sem qualificar minimamente seus quadros” (Alves,2004:148).

Pode-se afirmar que a primeira faculdade brasileira, constituída para atender amplas demandas da Coroa, foi a Academia Real Militar. Deduzimos,

---

<sup>13</sup> A educação popular foi democratizada e passou a ser de responsabilidade das Províncias que não detinham recursos para a sua implementação. A sociedade era agrária e dispersa o que tornava difícil o deslocamento dos alunos. Na sociedade rural americana, o problema era similar mas atenuado pelas escolas dominicais. No espaço dos templos protestantes, as mulheres educavam as crianças para a leitura da Bíblia, ampliando os conhecimentos nas diversas áreas do saber.

também, que os processos de acesso às instâncias superiores da Corte portuguesa e brasileira davam-se, primeiramente, por indicações da aristocracia - descendência e, por outro lado, através de concursos públicos.

Romanelli (2002) assinala que a maioria das escolas secundárias encontrava-se em mãos de particulares, acentuando ainda mais a conotação classista e reprodutivista do ensino, visto que apenas as famílias de altas posses podiam pagar a educação de seus filhos e lhes proporcionar educação, visando postos de privilégio na ordem administrativa da nação.

Sem um sistema de ensino organizado, o ensino superior definiu suas formas de ingresso, e o ensino secundário, praticamente inexistia.

O Colégio Pedro II, fundado pelo decreto de 2 de Dezembro de 1837, pelo Ministro do Império, Bernardo Pereira de Vasconcelos, organizava, assim, a proposta para a criação do primeiro Colégio Secundário oficial do país. Pereira de Vasconcelos acreditava que a instrução pública seria melhor do que a particular, pois essa se mostrava inadequada, por ser oferecida em salas precárias e por professores mal preparados. O Colégio Pedro II assumiu papel relevante na formação da aristocracia brasileira.

Excetuando-se o Colégio Pedro II e alguns poucos colégios, destinados à educação secundária, não foi plantada no país uma cultura de escola secundária. Essa, não era seriada e funcionava desvinculada de um sistema de ensino orgânico que não existia.

Os cursos secundários, pós-1837, concentravam suas ações pedagógicas nos processos seletivos de acesso ao ensino superior, segundo critérios de seleção, fixados pela própria instituição de ensino superior. Dessa forma, já estava sendo inculcada, no comportamento das elites, a necessidade de cursos preparatórios para a revisão dos conteúdos necessários à aprovação, estabelecidos pelas faculdades e academias militares, o que evidenciava as estratégias de classe, para o prosseguimento escolar nas faculdades.

Além disso, o curso secundário, tendo operado como curso livre até sua regulamentação como ensino seriado nas leis orgânicas, apenas na década de 40 do período republicano, fortalecia a demanda por “aulas preparatórias” para garantir aprovação nos exames de certificação do ensino secundário, praticados pelo

Colégio Pedro II ou Estabelecimentos equiparados a ele e com inspeção do governo Federal (Neves, 1955).

O processo propedêutico ficava sob a responsabilidade inicial de preceptores e, só posteriormente, pelo colégio secundário. Podemos deduzir, então, que essas ações antecedem, historicamente, a formalização dos cursinhos.

Portanto, o sistema preparatório de acesso aos cursos superiores, no Brasil Império, já escapava dos currículos das escolas secundárias e pode ser considerado um embrião dos atuais cursos pré-vestibulares. Eram atividades extra-escolares, toleradas pelas escolas e pelas oligarquias. Segundo Romanelli (2002), já no Brasil Império, os “cursos preparatórios”, via ação dos preceptores, existiram como “territórios escolares” fora do sistema de ensino como ainda é hoje.

Pode-se deduzir que foi necessidade a existência de cursos preparatórios, para os exames previstos, em decorrência da situação do ensino superior, também funcionando como curso livre até o final do Império. O livre acesso aos cursos superiores foi confirmada na Reforma de Leôncio de Carvalho, Ministro do Império do Gabinete Sinimbu, em 1879, quando foi instituído o regime da freqüência livre nos cursos superiores jurídicos, médicos e na Escola Politécnica para as classes abastadas, inspirado nos processos de acesso às universidades européias (Ruas,1978 :131).

Para Romanelli, a transformação que as escolas secundárias sofreriam sofrer no decorrer do século XIX, constituindo-se como cursos preparatórios para o ensino superior, nos permite supor que essa modalidade propedêutica já incorporava os interesses de o prolongamento escolar de seus membros em uma universidade, sendo legitimado pelas classes dominantes.

Segundo Romanelli,

“o fato de que a maioria das escolas se encontrassem em mãos de particulares configurava mais um caráter classista e acadêmico que visava atender as classes dominantes e a formação de seus membros” (Romanelli 2002: 42-43).

Para ela:

“havia um interesse manifesto por parte da classe dominante , a fim de acelerar a preparação escolar de seus filhos e assim

interligá-los no rol dos homens cultos.  
(Romanelli, 2002: 40).

Ainda sob os efeitos das reformas ocorridas no Império, que delegavam às Províncias o direito de regulamentar o ensino primário e secundário<sup>14</sup>, permanecia a flexibilização da legislação escolar, isentando os alunos da obrigatoriedade de freqüência, com o que se instituiu a matrícula por disciplina e se eliminou a seriação no ensino secundário.

Segundo Romanelli ,

“aos poucos, tanto liceus provinciais quanto colégios particulares foram se convertendo em cursinhos preparatórios, para os exames de admissão ao ensino superior”  
(Romanelli,2002:40).

Isso comprova que as atividades propedêuticas dos cursinhos já existiam no século XIX.

Segundo Romanelli ,

” o Colégio Pedro II, criado e mantido pela corte , para servir de modelo às demais instituições secundárias do país, sucumbiu às pressões das elites e, o ensino médio, nessa instituição, passou a ser voltado para preparar os alunos para as universidades de prestígio. (...) apesar dos cuidados que mereceu por parte dos governantes, o Colégio Pedro II, acabou por transformar-se , também, em mero curso preparatório”.(...)“se levamos em conta que, nem liceus provinciais, nem os colégios particulares podiam conferir o grau de bacharel – privilégio do Colégio Pedro II e requisito de acesso ao ensino superior poderia se imaginar quanto desinteresse havia nas províncias pela organização séria do ensino” (Romanelli, 2002: 41).

Os processos preparatórios começavam nas Províncias e culminavam com a passagem pelos exames parcelados que o Colégio Pedro II realizava para conferir o grau de bacharel. Segundo Romanelli, por aí, pode-se avaliar quão propedêutico era o ensino secundário e, ao mesmo tempo, quão seletivo acabou por ser.

---

<sup>14</sup> Desde o Ato Adicional de 1834.

## 1.2 Os cursinhos na primeira república: Organização do Sistema Escolar e o lugar reservado aos preparatórios.

A Constituição de 1891, embora quase omissa em matéria de educação, garantia, quanto ao trabalho, o “livre exercício de qualquer profissão moral, intelectual e industrial (art.72 & 2º), garantindo a livre iniciativa com relação à docência e à freqüência aos cursos superiores jurídicos e médicos.

Segundo Ruas ,

“esse regime , apesar das notórias deficiências acrescidas da condescendência dos exames vagos, só viria cair completamente na República, em 1901, embora voltasse, por alguns anos, dez anos mais tarde” (Ruas,1978: 128).

Não se constatam, à época, manifestações de procurar o sentido do curso superior num projeto de Educação para o país, mas prevalece um movimento de atitudes, respondendo à necessidade de regular o ensino médio ou secundário que existia de forma não organizada no país. Para Tobias as reformas educacionais do Brasil, ocorriam de olhos abertos sobre os modelos estrangeiros, mas de olhos fechados por sobre a realidade educacional do país. Nota comum das reformas educacionais de 1900 a 1931 é a preocupação de estruturar e de uniformizar o curso médio; não se cuida, ou pouco se trata do curso superior, a não ser em função do curso médio”(Tobias, 1991: 249).

Segundo Ruas, “*várias reformas foram, no período, constituídas e abrangeram o ensino secundário e o superior*” (1978: 128).

“Dessas reformulações, talvez a mais citada tenha sido a Reforma Rivadávia Correia (1911), pelos seus aspectos negativos, revivendo, durante quatro anos, a freqüência livre ao ensino superior. Ampliou-se, nessa primeira fase da república, a rede de instituições de ensino superior. Criou-se, em 1920, a Universidade do Rio de Janeiro, reunindo-se a Faculdade de Medicina, a Escola Politécnica e uma Faculdade Livre de Direito” ( Ruas,1978: 128).

No período que antecede a Reforma de Rivadávia Correia, Epitácio Pessoa (1901), em 1º de janeiro de 1901, constituiu a figura do “*O Código dos Institutos*

*Oficiais de Ensino Superior e Secundário*” em que são estabelecidos os critérios para a equiparação de todas as escolas do Brasil ao Ginásio Nacional - o Colégio Pedro II.

A Constituição de 1891, que instituiu o sistema federativo de governo, consagrava a descentralização do ensino e a dualidade de sistemas, já que no artigo 35 itens 3º. e 4º ela reservava ao Estado o direito de criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados e de prover a educação secundária no Distrito Federal.

Para Romanelli,

“era a consagração do sistema dual de ensino, que se vinha mantendo desde o Império. Era também uma forma de oficialização da distância que se mostrava, na prática, entre a educação da classe dominante (escolas secundárias acadêmicas e escolas superiores) e a educação do povo (escola primária e escola profissional). Essa situação refletia, no entanto, a dualidade que era o próprio retrato da organização social brasileira” (Romanelli 2002: 41)

No final do século XIX, na sociedade brasileira que despontava com a República, já se percebiam novos estratos sociais e uma emergente burguesia urbana que se diferenciava da sociedade agro-escravagista anterior. Essa burguesia, segundo Romanelli (2002), *“ensaiava os primeiros passos”* em busca de novos interesses para os seus membros nas novas instituições de ensino superior.

Até 1911, não era exigido curso secundário para ingresso no curso superior. A escola de ensino superior aplicava o exame preparatório e muitas escolas montavam, elas mesmas, os cursos para os exames de acesso. A primeira tentativa oficial para regular o concurso para ingresso no curso superior foi feita pelo Decreto no. 8659 de 5 de abril de 1911, conhecido como Lei Rivadávia Correia, criando, segundo Tobias (1991), o exame vestibular.

Para o autor,

“legalmente oficializado, o vestibular, só apareceu a 5 de abril de 1911, criação que foi do Decreto no. 8.659, de Rivadávia da Cunha Correa (Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1911, Rio de Janeiro Imprensa Nacional, 1914, Vol. I, p. 528), conforme testemunho, entre outros de Nair Fortes Abu-Merhy “ ( Tobias 1991, 132 : 133).



Mas, na verdade, a Lei criou um teste obrigatório para ingresso no ensino superior. O termo “vestibular” não é registrado no corpo do texto da Lei. Entretanto, na literatura nacional, Tobias é um exemplo e utiliza o termo como equivalente a exame de acesso. O termo exame vestibular foi registrado apenas em 1915, no Decreto no. 11530 de Carlos Maximiliano, ao regular o exame de acesso:

“Art.77. Para requerer matrícula nos institutos de ensino superior os candidatos deverão provar:

- a) idade mínima de 16 anos;
- b) idoneidade moral;
- c) aprovação no exame vestibular.

Parágrafo único. Em caso de exame vestibular verdadeiramente brilhante poderá a Congregação permitir a matrícula de candidatos que não hajam atingido a idade legal” ( Decreto N. 11.530 – de 18 de Março de 1915: 9p. Senado Federal).

O Colégio Pedro II não era mais o referencial para os vestibulares de acesso às universidades. Assim, a Lei Rivadávia Correa deixou o caminho aberto para o surgimento de cursos preparatórios aos exames de acesso aos cursos superiores da República.

A administração do Ministro Carlos Maximiliano (1915), à frente da pasta da Educação, procurou reorganizar o ensino médio , “*então em completa anarquia*”, Nos colégios particulares, criaram-se exames de ingresso e provas finais perante bancas oficiais (Tobias, 1991).

Segundo Romanelli, as reformas consideradas desde a proclamação da República, até o início da década de 30, não passaram de “arranjos” frustrados e, mesmo quando efetivadas, representavam os interesses isolados e desordenados dos chefes políticos e dos interesses corporativos regionais que viam no ensino superior uma confirmação de prestígio.

Segundo Fernando Azevedo,

“do ponto de vista cultural e pedagógico, a República foi uma revolução que abortou e que, contentando-se com a mudança do regime, não teve o pensamento ou a decisão de realizar uma transformação mais radical no sistema de ensino para provocar uma renovação intelectual das elites culturais e políticas, necessárias às novas instituições democráticas” (apud Romanelli, 2002:43).

Uma maior abertura da educação para as classes subalternas não era cogitada pelas elites agrárias brasileiras que viam na educação “*dessas gentes*” um risco de governabilidade (Fausto 1976:8).

Segundo Fausto<sup>15</sup>, as notórias dificuldades impostas pelos *caudilhistas*<sup>16</sup> continham os interesses de classe que impediam uma maior democratização das reformas, sendo assim;

“As disputas da Primeira República explicar-se-iam, em última análise, pela oposição entre o setor agrário exportador, representado pelo latifúndio semifeudal, associado ao imperialismo, e os interesses voltados para o mercado interno, representados pela emergente burguesia urbana que já reivindicavam mudanças mais profundas no sistema de poder e na educação”( Fausto,1976: 9)

Podemos, portanto, concordar com Romanelli (1978), ao afirmar que, apesar das tentativas da 1ª. República para organizar o sistema de ensino primário e secundário e eliminar os exames preparatórios, ainda vigentes e herança do Império, a situação não foi alterada. O acesso ao ensino superior continuava garantido para a elite, quer seja com a não obrigatoriedade da conclusão do curso secundário, quer seja pelos exames de ingresso. Segundo Tobias, a origem do concurso vestibular, como exame seletivo pode estar datada na Lei Rivadávia Correia<sup>17</sup>.

Embora o título da lei afirme: “Aprova a Lei Orgânica de Ensino Superior e do Fundamental da República”, seu texto não abarcava a organização e o funcionamento do Ensino Fundamental. Como foi denunciado por estudiosos da Educação brasileira (Romanelli, 1979), o Decreto Lei 8.659/1911, de Rivadávia Correia, reforçava a educação da elite brasileira através da educação de nível superior.

Essa situação permaneceu na Lei 11.530/1915 de Carlos Maximiliano. Embora o título da Lei assinalasse que “Reorganiza o ensino secundário e superior

---

<sup>15</sup> Boris Fausto define a burguesia nacional pré Revolução de 30, como uma categoria que engloba os industriais, os comerciantes, os fazendeiros de café. Baseando-se em critérios de padrão de vida presumidamente semelhantes, engloba, na pequena burguesia, os bancários, os funcionários públicos, os comerciantes e o proletariado urbano – rural Fausto 1976: 8)

<sup>16</sup> Chefes ou caciques políticos

<sup>17</sup> Grifo meu.

da República”, o tratamento da Lei continuava voltado para a regulamentação da Educação Superior. Com o sistema de ensino, organizando de forma precária a articulação entre o ensino secundário e a universidade, permaneceu o terreno fértil para a continuidade dos cursos preparatórios.

### **1.3 As mudanças no ensino superior e os processos de acesso ao ensino superior através dos vestibulares: 1930-1960**

É importante ressaltar, em linhas gerais, o papel da Revolução de 30 no conjunto das reformas econômicas e educacionais que eram aguardadas pela sociedade civil brasileira e, principalmente, pela incipiente burguesia urbano industrial que já se fazia presente no Brasil. As mudanças que estavam ocorrendo na educação brasileira culminaria com a Revolução de 30 que, segundo Cury (1978), *abriria espaço para que as aspirações das décadas anteriores pudessem se realizar*”, atendendo, principalmente, às aspirações da burguesia urbana.

Esse “novo momento” da política brasileira foi decorrente de uma crise conjuntural internacional, reflexo, no Brasil, do “crack” de 1929 e que se traduzia, pela socialização dos prejuízos, gerados pela derrocada do sistema exportador de café, que trazia imensos prejuízos para diversos setores da economia nacional. Porém, para Romanelli (2002), foi *“muito difícil chegar-se a um consenso sobre o que representou o Estado Novo para a vida nacional”*.

Ainda segundo o autor

“Para uns a Revolução de 30 foi um golpe contra os interesses dos latifundiários e favorável aos interesses da burguesia industrial. Para outros segmentos, ele foi o resultado da união de forças entre os setores, moderno, o arcaico e o capital internacional, contra os interesses das classes trabalhadoras”. (Romanelli 2002:51).

Com o colapso do modelo agro-exportador, o Estado mobilizou a Sociedade Civil para as reformas em oposição ao excessivo direcionamento das oligarquias rurais sobre o Estado brasileiro, com reflexos diretos sobre o modelo da educação no país.

Para Freitag,

“A classe até então hegemônica dos latifundiários cafeicultores é forçada a dividir o poder com a nova classe burguesa emergente. Certos grupos militares (tenentes) e a classe burguesa apóiam Vargas que assume o poder em 1930, implantando, em 1937, o Estado Novo, com traços ditatoriais. É criado o Ministério da Educação e da Saúde, ponto de partida para a estruturação das primeiras universidades no Brasil pela fusão de uma série de instituições isoladas de ensino superior”<sup>18</sup> (Freitag, 1979: 48-55).

Segundo Freitag, a política educacional do Estado Novo não se limitava à simples legislação e à sua implantação. Essa política visava, acima de tudo, transformar o sistema educacional em um instrumento mais eficaz de manipulação das classes subalternas, atendendo às novas perspectivas industriais e econômicas, fornecidas pelos segmentos privilegiados. Assim, foram criadas as escolas técnicas profissionalizantes, para as classes menos favorecidas, as quais passaram a compor a nova força de trabalho a ser recrutada pelas elites industriais e financeiras.

Para Freitag,

Preocupada em formar seus quadros dirigentes em escolas de elite, na maioria particulares, esta classe não revela interesse no ensino técnico. A força de trabalho adicional também não poderá ser buscada nos setores médios e baixos da burguesia e da pequena burguesia ascendente, preocupada em ocupar as vagas do ensino propedêutico, a fim de alcançar um título acadêmico -uma das formas de ascensão (Freitag 1979:51).

As escolas técnicas passaram a ser a “escola para os filhos dos outros”, alternativa para os filhos dos operários, para a formação do “exército industrial de reserva” como se fosse um “prêmio” para a classe trabalhadora.

Para Freitag,

“criou-se uma dualidade do sistema educacional que, além de produzir e reproduzir a força de trabalho para o processo produtivo, garante a consolidação e a reprodução de uma sociedade de classes, mais nitidamente configurada que no período anterior” (Freitag 1979: 51-52)

---

<sup>18</sup> As Universidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre são constituídas nesse período.

Nesse ambiente complexo, junto com o Governo de Getúlio Vargas, surgiu a reforma de Francisco Campos, que iria, segundo Tobias,

“coincidir com duas grandes expansões do ensino brasileiro: primeiro, a do ensino médio que, em 1930, tinha 72.541 estudantes e, em 1940, já conta com 170.059 estudantes e, em segundo lugar, com a expansão e multiplicação de Faculdades e de Universidades no Brasil, pondo o Brasil no rol dos países que se preocupam em buscar soluções para o ensino superior” (Tobias, 1991: 282).

A Reforma Francisco Campos, o Decreto número 19.851, de 11 de abril de 1931, conhecido como “Estatuto das Universidades Brasileiras”, ou, Lei Orgânica do Ensino Superior,

“proporciona os preceitos gerais, as variantes regionais, destinadas às universidades estaduais e livres, de que se trata o art. 3º. do mesmo decreto, sendo regulamentadas pelo Decreto 24.279, de 22 de abril de 1934, além disso, há varias disposições destinadas especialmente às universidades federais e federalizadas, assim como a Universidade do Brasil” (Neves, 1953, vol. 4: 754)

Segundo esse decreto:

“O ensino superior seria de preferência realizado em universidades, podendo ser ministrado em estabelecimentos isolados, e estabelecia o “estatuto das universidades brasileiras” sendo que , o processo de acesso, seria determinado pela instituição de ensino superior (Tobias 1991: 279).

Assim, a reforma abriria espaço para os cursos superiores de estudos gerais, ou seja, das faculdades de filosofia, ciências e letras, as quais viriam a se multiplicar como escolas isoladas de formação de professores para o então denominado ensino secundário, via de regra, considerado como um simples instrumento propedêutico para o ensino superior.

Segundo Tobias,

”a reforma estabeleceu e personalizou realmente o ensino médio e, plantou as leis que iriam guiar o nascimento e a explosão do ensino superior, cuja infra-estrutura foi facilitada pelo arcabouço levantado pela primeira vez, por meio da reforma educacional de 1931. O Decreto de 11 de

abril de 1931, serviu de primeiro estatuto da Universidade brasileira.(Tobias 1972: 279)".

A reforma tentou personalizar o ensino secundário, procurando impedir que continuasse o que vinha sendo desde o início, no Brasil: um simples apêndice propedêutico para um curso superior. Assim, Francisco Campos deixou os processos de seleção ou de acesso aos cursos superiores para serem resolvidos pelas universidades, mas, estas não deram conta. Isso nos leva a supor que uma instância preparatória passou a ser exercida fora dos ambientes das universidades e das escolas de ensino secundário, a partir de 1931, ganhando a informalidade escolar, pactuada por familiares e alunos, na forma de cursinhos.

O Decreto 19.851, no seu título VIII, que trata da admissão aos cursos universitários não fala em vestibular e nem em outra forma de acesso. Apenas registra condições para matrícula: comprovação de ensino fundamental de cinco anos; comprovação de aprovação em curso ginasial superior, além do atendimento aos dispositivos de cada instituição.

Em 1934, no Decreto 23.979, que regulamenta a Escola Nacional de Química, encontra-se o seguinte dispositivo, no art. 227: "o exame vestibular será exigido para matrícula no 1º. ano do curso do E.N.Q. enquanto não forem efetivadas as disposições legais atinentes ao curso complementar do Ensino Secundário, com adaptação didática aos cursos superiores"(Neves, 1955 : 17).

Também o Decreto de 8 de fevereiro de 1934, que regula a Escola Nacional de Veterinária, estabelece, no capítulo 3º condições de admissão e matrícula: "*Para admissão ao 1º. ano da Escola Nacional de Veterinária, deverá o candidato submeter-se a um exame vestibular que constará de prova escrita e oral*". Entre as condições para se inscrever no exame vestibular, está incluído; "*ter sido aprovado no 5º. ano do Colégio Pedro II, ou de estabelecimento de Ensino Secundário, sob inspeção permanente do Governo Federal*" ( Neves, 1955: 568).

Portanto, pode-se inferir, desses textos legais, a necessidade de cursos preparatórios aos ditos "exames vestibulares" uma vez que o próprio Ensino Secundário, como condição de acesso, aguardava regulamentação.

Ao ressaltar as críticas existentes à Reforma Francisco Campos, Tobias já denunciava a realidade dos cursinhos preparatórios:

“As resistências à reforma seriam muitas, diante de um quadro marcado por tradições multisseculares de protecionismos, e a inexistência de reformas universitárias e pela devorante realidade do vestibular e de seus cursinhos” (Tobias 1972: 381)<sup>19</sup>.

A Reforma Francisco Campos organizou o ensino brasileiro nos níveis primário e médio. Em decorrência do Decreto no. 19.851 de 11 de abril de 1931, houve “boom” quantitativo de alunos no ensino médio.

Essa expansão foi retomada e reforçada pelo Decreto –Lei no. 4.244, de 9 de abril de 1942, do Ministro Gustavo Capanema, na Lei Orgânica do Ensino Secundário que deveria, segundo o ministro, superar sua posição meramente propedêutica ao ensino superior.

“A finalidade exclusiva do curso secundário não há de ser a matrícula nos cursos superiores; o seu fim, pelo contrário, deve ser a formação do homem para todos os setores da atividade nacional, construindo, no seu espírito, todo um sistema de hábitos, atitudes e comportamentos que o habilitem a viver por si mesmo e a tomar qualquer situação as decisões mais convenientes e mais seguras”. (Exposição de Motivos da Lei Orgânica do Ensino Secundário, apud Tobias 1972: 381)

Portanto, a Reforma Capanema ocupou-se do ensino médio-secundário e técnico em decorrência do aumento de demanda por trabalhadores mais qualificados atendendo, assim, às pressões da aristocracia urbana industrial que não desejava uma reforma escolar mais verticalizada, ou seja, para todos os segmentos escolares. A Reforma Capanema, constituída pelo conjunto das Leis Orgânicas de 1942 a 1946, não se preocupou com o ensino superior que continuou selecionando os novos alunos via vestibular.

---

<sup>19</sup> Grifo meu.

Para Tobias,

“antiga arena de acirradas lutas entre a escola tradicional e particular, de um lado, e a escola nova e oficial de outro; tampouco se preocupa com o ensino superior, que continua expandindo-se, guiado pelas leis de Francisco Campos.” (Tobias 1972: 387).

Para ele;

“Logo no início da “Concepção do Ensino Secundário”, escreve Gustavo Capanema: A reforma atribui ao ensino secundário a sua finalidade fundamental, que é a formação da personalidade do adolescente. E prossegue o Ministro da Educação fazendo, pela primeira vez, em texto de lei federal, referência oficial e solene, à socialização da educação como qualidade necessária à educação brasileira: no caso, ao ensino médio” Tobias, 1991: 285).

Segundo a Lei Orgânica do Ensino Secundário, o curso médio continuaria tendo dois ciclos. O ginásio teria quatro anos, com exames de admissão e seleção tanto para escolas privadas quanto para públicas. O segundo ciclo teria dois cursos paralelos – o *Clássico*, voltado para a área de humanas e o *Científico*, para as áreas de exatas e biomédicas, cada qual com a duração de três anos, sendo qualquer um deles acessível aos candidatos que tivessem concluído o curso ginásial e sido aprovados em concurso de acesso.

Segundo Swartzman.

“A reforma Capanema de 1942, consagra a divisão entre o ginásio, agora de quatro anos e, um 2º. ciclo com três anos, com a opção entre o clássico e o científico. No fim década ciclo haveria um “exame de licença”, nos moldes do “*baccalaureat*” francês, que garantiria o padrão nacional de todos os aprovados” (Swartzman, 1984: 191).

Assim, a Reforma Capanema, como a de Francisco Campos, tinha o propósito de dar uma feição própria à escola secundária, de forma a subtrair-lhe a característica de mera passagem para o ensino superior. Esse intento não ocorreu. Segundo Cunha (1981: 131), “*uma escola feita para a elite dificilmente conseguiria romper com essa tradição propedêutica*”. O que continuava como marca efetiva do sistema era sua grande seletividade.



Segundo Tobias:

“Em 1942, por exemplo, de quase 1,7 milhão de alunos que ingressaram na primeira série do curso primário, somente 16.540 chegaram ao ensino superior em 1953, o que correspondia de 0,25% da população” (Tobias,1991:282)

Além do sistema de vestibular para o acesso dos alunos do secundário ao curso superior, os processos seletivos à moda dos concursos também foram criados no processo de admissão ao ginásio. Da mesma forma, devemos supor que os cursinhos preparatórios existiam para atender aos alunos que concluíam o ensino primário e que buscavam o ingresso no curso ginásial. Foram os chamados “cursos de admissão”.

A partir das Leis Orgânicas do Ensino<sup>20</sup>, apenas o ensino médio, modalidade secundário, continuaria dando acesso a qualquer curso de ensino superior, mediante a aprovação em vestibulares. O ensino médio, modalidade técnico profissional (Normal, Agrícola, Industrial e Comercial), só permitia o acesso em faculdades isoladas, no ramo profissional correspondente, com concursos regulados pelas instituições. O curso médio Normal só dava acesso às Faculdades de Filosofia.

Na reforma Capanema, o processo seletivo de acesso ao ensino superior foi denominado concurso vestibular, ao invés de concurso de habilitação, retificando a proposta de Francisco Campos, de 1931.

A portaria No. 591, de 22 de dezembro de 1949, que regulamenta a Lei n° 20, de 10 de fevereiro de 1947, “resolve baixar as seguintes instruções para a realização dos concursos vestibulares”. O Título da portaria é “Regula o Concurso Vestibular”, mas no seu art. 1º refere-se a concursos de habilitação. Assim, novamente na legislação, os exames de acesso são referidos como vestibular.

Pode-se confirmar que, na vigência das Leis Orgânicas, concurso vestibular e concurso de habilitação são a mesma coisa. Ressalte-se que, pela Lei de 1947, o exame vestibular tinha datas unificadas para inscrição e exames vestibulares:

“A partir do ano letivo de 1947, a inscrição para o concurso de habilitação se encerrará a 20 de janeiro, iniciando-se os exames

---

<sup>20</sup> As Leis Orgânicas do Ensino abrangeram o ensino primário e todos os ramos do ensino médio e foram decretadas entre os anos de 1942 e 1946.

cinco dias depois” : Decreto 9.154 de 8 de abril de 1946 (Nóbrega, 1952: vol. 5 : 588).

Ainda em 1947, o acesso à universidade permanecia vedado aos candidatos egressos de outros cursos médios, como Escolas Técnicas, Comerciais, Agrícolas e Escolas Normais. Esses, se quisessem prestar o vestibular, eram obrigados a buscar o certificado de conclusão do curso secundário, cujo currículo era considerado científico, através dos cursos de adaptação. No currículo dos cursos técnicos, eram suprimidas as disciplinas utilizadas nos vestibulares destinados às classe dominantes, impedindo, com isso, o acesso de alunos originários de segmentos populares aos cursos superiores<sup>21</sup>.

A reforma Capanema reoficializou o ensino, e as políticas educacionais passaram a ser determinadas pelo Estado . O Colégio Pedro II deixou de ser o referencial nacional para os exames de acesso às universidades públicas e regulamentar os processos seletivos a partir dos Estados.

Com a quebra do monopólio do Colégio Pedro II - o único Colégio que, desde do Segundo Reinado, podia preparar candidatos às escolas superiores, a qualidade do ensino ficou ameaçada, pelo aumento do número de pretendentes a este nível, consolidando, via vestibular , um processo seletivo de classe, já confirmado como função da própria Universidade. Os ordenamentos do Ensino Superior, aprovados em 10 de fevereiro de 1947, explicitam essa seletividade.

“O ensino superior é definido como caráter seletivo e tendo por objetos o desenvolvimento da alta cultura e da pesquisa científica, a especialização filosófica, literária, científica, técnica, ou artística e a habilitação para o exercício das profissões técnico-científicas e liberais”. (...)“ É ponto hoje; tanto quanto possível pacífico, que nem todos os indivíduos são aptos aos estudos universitários ou superiores e só isto justificaria as medidas propostas”. (Nóbrega, 1952, vol 5, 332).

No espaço entre as reformas de Rivadavia Correia e de Francisco Campos, observa-se, curiosamente, os cursinhos surgirem e adotarem as denominações de suas atividades como: Curso Pré-Jurídico, Curso Pré-Médico e Curso Pré-

---

<sup>21</sup> Apenas em 1953, os egressos das Escolas Técnicas de nível médio, teriam o direito a qualquer curso superior, mediante exame de disciplinas não cursadas no curso técnico regular.

Politécnico preenchendo, assim, a lacuna propedêutica entre as instâncias do ensino médio e da Universidade. Essa situação não desapareceu com a Reforma de Gustavo Capanema e nem com a expansão da Universidade. A restrição de vagas torna o processo de acesso cada vez mais seletivo e os cursinhos se constituem como operadores das condições favoráveis ao acesso.

A Lei n. 1821, de 12 de março de 1953, vai ampliar as possibilidades de ingresso no curso superior para os portadores de certificado de conclusão do ensino médio em qualquer das suas modalidades.

Segundo Porto,

“a partir da mencionada Lei , já se permitia que os egressos de outros cursos de grau médio se inscrevessem para prestar os concursos vestibulares, com a condição de que tivessem sido aprovados “no exame das disciplinas que bastam para completar o curso ginasial” ( Porto, 1970:234).

Essa mesma lei, já determinava, no ítem I, do artigo 3º. que, ao Poder Executivo, pelos seus órgãos competentes, cumpria;

“proceder aos estudos necessários para estabelecer geral regime de equivalência entre os diversos cursos de grau médio a fim de possibilitar maior liberdade de movimento de um para outro ramo desse ensino e de facilitar a continuação de seus estudos em grau superior”. ( Porto, 1970: 235).

Com o regime de equivalência de oportunidades, as Escolas Técnicas e a escola normal enquadravam-se ao novo espírito da lei (art.69), podendo ser mantido seu currículo sem precisar de complementação. **Os cursinhos exerciam essa tarefa.** A partir dos programas dos vestibulares, elaborados pelas universidades, os cursinhos ofereciam os “preparatórios” para garantir a igualdade de condições de acesso, anteriormente reservadas aos estudantes do ensino médio secundário. Essa democratização de acesso resultou em novo aumento de demanda para o ensino superior.

A análise de Anísio Teixeira, para a expansão das universidades entre 1932 e 1940, apontava para um crescimento de 0,2%; de 1940 a 1951, de 152,8%; de 1951 a 1960, o crescimento foi de 78,1%; de 1960 a 1964 foi de 57%. Portanto,

considerando o período de 1932 a 1962, a expansão universitária foi de 605% e, entre 1940 e 1962, o aumento foi de 700%.

Assim, em menos de 30 anos, mais de 20 universidades foram criadas, sendo que, só em 1960, 15 Universidades Federais. Dilatou-se, consideravelmente, o número de cursos superiores em 30 anos, chegando a 1.115 Universidades até 1960.

Essa situação indicava uma dualidade que prevalece até hoje na relação entre o ensino médio e a universidade. A expansão da universidade pública não atende à demanda dos egressos do curso médio, o que torna o processo seletivo acirrado e árdua a tarefa de preparação, buscada nos cursinhos. Essa situação vai manter o caráter seletivo da universidade.

Esse caráter seletivo e excludente foi explicitado, novamente, nos anos 60 em portaria do MEC:

“O concurso de habilitação é, assim, o estágio intermediário de um processo de seleção, a longo prazo, que principia na fase terminal da escola média e se conclui, em relação aos estudos profissionais, no período inicial dos cursos de graduação” (Guido, 1975; vol. III: 62).

Com efeito, a expansão do ensino superior trouxe os meios necessários para a expansão dos cursinhos, principalmente nas capitais dos Estados, atendendo às demandas geradas pelas oportunidades de vagas nas universidades públicas de prestígio. Mas isso porque a expansão do ensino superior não se efetivou de forma articulada com a expansão do ensino médio, confirmando a continuidade da seleção. De acordo com o censo escolar do Brasil de 1964, apenas 1,5% da população de 1000 alunos que deu entrada no curso primário alcançou o ensino superior (MEC – Documenta, 1967).

Segundo Anísio Teixeira,

“universidade brasileira expande-se sob pressão do desenvolvimento dos conhecimentos humanos e entra em processo de reestruturação, mas, por outro lado, também cresce enormemente a clientela que está a buscar o seu lugar no ensino superior, o que leva à multiplicação de sua matrícula”. (Teixeira, 1967: 257).

Nesse sentido, é possível supor que, diante das tendências de expansão do ensino superior, a consolidação das atividades dos cursinhos pré-vestibulares ocorreu porque eles se tornaram um ritual de passagem para as camadas mais privilegiadas. Os membros desse segmento detinham as informações sobre o alcance das reformas na educação brasileira e dos benefícios que poderiam ser auferidos a eles. Constata-se a inexistência de políticas educacionais à época que sinalizassem para mudanças mais profundas da educação brasileira. Não seria presunçoso arriscar dizer que a educação brasileira era pensada de cima para baixo, dos cursos superiores para os outros segmentos da formação escolar da criança e do adolescente.

Em sua referência aos exames vestibulares, Anísio Teixeira, finalmente, assinalava que o problema da admissão à universidade estaria intimamente relacionado aos cursinhos vestibulares.

“Esses exames eram geralmente organizados separadamente para cada escola. Constituiu progresso apreciável a sua unificação para todas as escolas do mesmo tipo em cada capital. Somente na Universidade de Brasília o vestibular é único para toda a universidade e a matrícula distribuída pelos institutos básicos. Continuam, porém, os exames excessivamente formais, realizados em conjunto e uma única vez, sem possibilidade de revisão nem de reexame, o que os faz depender demasiado do preparo especial para eles. Daí o êxito dos chamados cursos vestibulares, destinados a esse treinamento especial<sup>22</sup>. Há tendências para nova estrutura à seleção do aluno, com maior ênfase nos seus estudos anteriores e, possivelmente, exames mais elaborados, em que antes se apurem a maturidade intelectual do estudante, para o ensino superior e mais o que sabe, do que possivelmente ignore, a fim de evitar o caráter ainda mais eliminatório do que seletivo das provas”. (Teixeira, 1969: 258)

Para Anísio Teixeira (1969), as universidades adotavam a política do “*numerus clausus*”, que indicava a cada ano, o número de vagas de cada escola, mediante processos mais eliminatórios do que seletivos, reduzindo o número de candidatos considerados aptos à admissão.

“Com isso, o número de vagas fixado obedece ao critério das disponibilidades da escola, quanto a professores, espaço e equipamento e obriga as famílias a encontrarem estratégias de preparação

---

<sup>22</sup> Grifo meu.

escolar mais refinada para atender à essa demanda das universidades (Teixeira, 1969: 258).

Para Carvalho,

“O concurso de habilitação tem por finalidade classificar os candidatos aos cursos superiores de graduação, no limite das vagas fixadas por cada estabelecimento, e reunir dados uniformes para a sua posterior observação e orientação após a matrícula”. (Carvalho, 1975; vol.VIII: 62).

Não eram discutidas nem as necessidades da sociedade, nem a capacidade do aluno. Educava-se o número de alunos que a escola comportava, não se considerando o número de que a sociedade estaria precisando, nem – o que é mais grave – o valor dos candidatos que se perdiam. O processo de seleção era individual e os caminhos de preparação para ele, são ocupados pelos cursinhos.

#### **1.4 A institucionalização dos vestibulares e a expansão dos cursinhos preparatórios**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei no. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, mantinha as instruções anteriores de acesso aos cursos superiores, via vestibulares.

Para os vestibulares<sup>23</sup>, cada Faculdade, isoladamente, estabelecia o programa e o modelo de prova, com isso os cursinhos organizavam-se, nesse período, de acordo com os interesses de seus proprietários, especializando-se pelas diversas áreas acadêmicas das universidades e atraindo, para os cursos de ponta, os melhores alunos das redes privadas e pública de ensino.

Segundo Abreu,

“Nos exames vestibulares é o que se sabe: em 1962, no Brasil, nos dez principais ramos de ensino superior, para as 41.023 vagas, na 1ª. série, apresentaram-se, 66.315 candidatos, logrando aprovação apenas 26.752. É esta uma prova que anualmente se repete, da desarticulação entre a escola média e o ensino superior, ainda que seja uma impropriedade falar-se dos exames vestibulares como um todo único, tanto variam eles

---

<sup>23</sup>A universidade de Brasília era exceção porque já praticava, em 1963, de forma experimental – o vestibular único.

conforme a carreira e a escola que se busque".  
(Abreu, 1963:32)

Como demonstração dessa afirmativa, verifica-se, de acordo com o levantamento feito pela CAPES, relativo ao período de 1962, que em São Paulo, no ex-Estado da Guanabara ( atual Rio de Janeiro) e em Niterói, respectivamente 85, 85,6 e 82% dos candidatos fizeram cursinhos para os vestibulares das engenharias; esses totais foram correspondentemente a 84,2, 84,9 e 85,7% em Medicina. E quanto aos resultados nos vestibulares para essas carreiras nesses Estados, em 1962, teriam sido os seguintes<sup>24</sup>:

### Índices de aprovação segundo freqüência a cursinhos

Estados	Engenharia			Medicina		
	Aprovados		Reprovados	Aprovados		Reprovados
	Com Curso	Sem Curso		Com Curso	Sem Curso	
Guanabara	19%	10,9%	70,10%	11,7%	5,2%	83,10%
Niterói	28%	7%	65%	14,5%	7,5%	78%
São Paulo	33,3%	12,4%	54,70%	15,4%	3%	81,60%

Fonte: Abreu, Jayme. A preparação de candidatos a cursos superiores na Guanabara – INEP –(Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, n.93. Vol. 40, jan. mar. 1964: 41).

Essa situação reforça as evidências da seletividade do ensino superior, reconhecida e declarada como característica intrínseca do sistema , como se pode confirmar no parecer da Comissão de Ensino Superior, em 1964, assinado pelo relator Valnir Chagas:

“(…)1. O concurso de habilitação está aberto, independentemente de adaptação, a todo estudante que haja concluído o ciclo colegial ou equivalente de curso reconhecido como nível médio; (...)O concurso de habilitação tem por finalidade classificar os candidatos aos cursos superiores de graduação, no limite das vagas fixadas por cada estabelecimento e reunir dados uniformes para a sua posterior observação e orientação após a matrícula”.(Nóbrega, 1967: 692).

A matéria sobre o vestibular está posta e regulamentada na LDB de 1961. Posteriormente, ao regulamentar o ensino superior, o artigo 21, da Lei 5.540, de 28

<sup>24</sup> Os dados percentuais reproduzidos a seguir são utilizados por Abreu sem a referência quantitativa. Ele reproduz os dados como estão citados na fonte. Da mesma forma essa situação repete-se com os dados tomados de Romanelli e Freitas que se seguem nos tópicos 1.4 e 1.5.

de novembro de 1968, fazia alusão expressa à realização do concurso vestibular de acordo com os estatutos e regimentos das universidades e faculdades isoladas.

A partir do Golpe de 1964, intensificou-se o processo de concentração da renda, devido à política econômica adotada pelos militares. Houve, então, uma grande quantidade de falências de pequenas e médias empresas familiares. O processo recessivo da economia impedia a ascensão da classe média, via poupança, reprodução do capital através das atividades familiares, do artesanato e do exercício das profissões liberais, o que pode explicar a procura pelo ensino superior.

Para Cunha,

“em conseqüência , a demanda do ensino superior aumentou de modo que o crescimento das matrículas resultou insuficiente diante de uma procura cada vez maior. No período de 1964-68, o número de candidatos às escolas superiores cresceu 120%, taxa superior à elevação do número de vagas que foi de 56% no mesmo período” (Cunha 1988: 238).

Em decorrência da expansão da demanda, surgiu a figura do excedente. Segundo Cunha (1988: 239), “*entre 1964 a 1968, o índice de alunos excedentes e classificados, cresceu 212%, o que significava, em 1968, o total de 125 mil excedentes<sup>25</sup> em todo o país*”. Essa busca pelo diploma no ensino superior vai legitimar a atuação dos cursinhos como instâncias preparatórias aos cursos superiores.

O concurso vestibular passou a ser considerado mal necessário para garantir o processo de escolha dos melhores. Segundo Raymundo Moniz Aragão, no parecer de no. 791/69, do Conselho Federal de Educação:

“este concurso vestibular, tem sido considerado um mal necessário, em razão de sua incapacidade intrínseca de realizar adequadamente a seleção criteriosa e justa dos candidatos à matrícula e da contingência do seu processamento, para ajustar o número de estudantes a serem admitidos à capacidade efetiva de ensinar do estabelecimento” (Documenta – No. 107: 87).

Algumas tentativas, para suprimir o vestibular, surgiram, na Câmara dos Deputados, como projeto de Lei no. 735/63, apontado por Porto (1970). O referido

---

<sup>25</sup> Alunos aprovados, mas classificados além do limite das vagas estabelecidas pela instituição.



projeto era considerado simplista, à medida que pretendia extinguir o vestibular, para resolver o problema do número de vagas, atribuindo ao poder executivo a responsabilidade de criar instituições de ensino superior, em número que permitisse atender, indistintamente, a todos os que concluíssem os estudos de nível médio. Esse projeto não foi aprovado.

Tomando a Lei Federal no. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, (a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -L.D.B) como um marco, poderíamos assinalar que, antes dela, a competência para regular a entrada no ensino superior era atribuída ao Ministério da Educação e da Cultura, que a exercia através de portarias e circulares. Depois disso, a competência para passaria as universidades, federação de escolas ou estabelecimentos isolados, de acordo com os respectivos estatutos e regimentos, aprovados pelo MEC.

A L.D.B. não dispunha expressamente sobre a matéria, o que ensejou o Parecer de no. 58/62, do Conselho Federal de Educação, que teve como relator Valnir Chagas.

Segundo Porto,

“É fora de dúvida” – comenta o relator Valnir Chagas que, o concurso de habilitação se inclui na disposição do art. 80 da Lei número 4.024, segundo a qual as universidades gozarão de autonomia didática, administrativa, financeira e disciplinar que será exercida na forma de seus estatutos. Se a lei não restringiu a autonomia universitária para efeito do vestibular, **a ninguém será dado restringi-la daí por diante, estando ipso facto (art.120), “revogada as disposições em contrário”**. A condição única, portanto, é a de que o sistema, a ser adotado por cada universidade, esteja definido no respectivo estatuto a este, por sua vez, tenha sido regularmente aprovado”. (1970, Documenta, 4, 58) – grifo meu.

O esgarçamento do sistema de ensino, evidenciado pelo aumento da seletividade no ingresso ao ensino superior, não ficou sem críticas. Novamente, outro projeto de Lei (no. 2100/64)<sup>26</sup>, da Câmara dos Deputados, tentou suprimir o concurso vestibular, condicionando o ingresso aos cursos superiores a partir do aproveitamento obtido, pelo aluno, no ciclo colegial. Como na década anterior,

---

<sup>26</sup> Idem.

esse projeto não teve conseqüências, e o processo seletivo se tornava mais excludente.

Para Porto ,

“Em 1967, dos 70.337 candidatos aprovados no concurso vestibular, matricularam-se na primeira série, 66.001. A diferença, pois, entre os aprovados e matriculados, é da ordem de 4.336, decréscimo que se pode atribuir as aludidas inscrições múltiplas”.<sup>27</sup>

Em 1968, os aprovados pelo regime de vestibular, foram 82.781 e os matriculados, 75.639. Houve, assim uma diminuição de 7.142.

Em 1969, dos 109.281 aprovados, matricularam-se 101.024; portanto , menos 8.257.

Tal circunstância, indubitavelmente, representava lamentável desperdício que urgia corrigir e a forma que o legislador encontrou foi a unificação do concurso vestibular em sua execução; medida que a Lei no. 5.540/68 determinava , timidamente que assim se procedesse, dentro de um prazo de três anos, a contar da data de sua vigência”(Porto,1970:238)

Pelo disposto na Lei no. 5.540, de 28 de novembro de 1968 e, posteriormente, no Decreto –Lei no. 464, de 11 de fevereiro de 1969, e nos Decretos nos. 68.908, de 13 de Julho de 1971, e no. 79.298, de 24 de fevereiro de 1977, o Ministério da Educação e da Cultura<sup>28</sup>, apontava a necessidade de se criar condições para o aperfeiçoamento da sistemática a ser seguida pelas instituições federais e particulares que compunham o sistema federal de ensino do país, para a realização dos concursos vestibulares, que permitindo o ingresso em seus cursos de graduação:

1. Ao concurso vestibular deve ser conferida a expressão regional, para que o mesmo possa traduzir certas necessidades de conhecimentos das regiões brasileiras.
2. Considerando o potencial de repercussão do aprimoramento do concurso vestibular, sobre o desempenho das bases do sistema educacional e a necessidade de envolver, progressivamente, as instituições de ensino

---

<sup>27</sup> Alusão as opções alternativas para os cursos superiores em uma mesma inscrição.

<sup>28</sup> Ministro Eduardo Portela

superior que o executam para a melhoria dos padrões de funcionamento das escolas de 1º. e 2º. graus.

Pelo dispositivo citado da Lei no. 5540/68 verifica-se que o artigo 17 dispõe:

“nas universidades e nos estabelecimentos isolados de ensino superior poderão ser ministradas as seguintes modalidades de cursos: de graduação, abertos à matrícula de candidatos que hajam concluído o ciclo coletivo ou equivalente e tenham sido classificados em concurso vestibular”.

Verifica-se, pois, que, a partir da década de 60, duas condições eram necessárias para que o estudante se matriculasse um curso de graduação nas universidades e nos estabelecimentos isolados de ensino superior: a conclusão do ciclo colegial ou equivalente, aprovação e classificação no concurso vestibular. **Essa exigência revigorava as atividades dos cursinhos pré-vestibulares na década de 60.**

### **1.5 A legitimação das atividades escolares dos cursinhos pré - vestibulares.**

A situação, atual, dos vestibulares é conseqüência da democratização da educação no ensino médio com a conseqüente ampliação da pressão sobre o ensino superior. Podemos tentar entender a existência dos cursinhos dentro desse processo.

A LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1961, tornou os cursos técnicos equivalentes aos cursos do ensino médio. Além dos concluintes do curso secundário, os candidatos concluintes de todos os cursos técnicos profissionais poderiam, então, candidatar-se a qualquer processo seletivo de ensino superior, aumentando com isso, o número de candidatos por vaga, e tornando o processo seletivo, via vestibular, inevitável.

Algumas disciplinas como as das áreas de humanas passaram a fazer parte do currículo escolar das escolas técnicas, sobretudo no 1º. ou no 2º. ano, deixando para o 3º. e 4º. ano o aprofundamento profissional e o estágio obrigatório. Nesse sentido, o aluno formado na escola técnica estava capacitado a fazer vestibular em universidades particulares e federais de prestígio.

O Conselho Federal de Educação, em parecer da 2<sup>a</sup>. edição de agosto de 1968, em última análise, justifica o vestibular:

“na qual o ideal seria que, não existissem limitações externas à plena expansão das potencialidades de cada um, nessa competição consigo próprio, em busca de ajustamento social e superação individual. Muitos, porém, ficam ao longo do caminho, que vai, progressivamente, estreitando-se, à medida que a educação resulta, em última análise, num processo dinâmico de seleção dos mais capazes”.

O parecer do Conselho Federal de Educação reconhecia as desiguais condições socioeconômicas e culturais dos estudantes e admitia que só os mais capazes e aqueles que possuíam as condições materiais necessárias ao acesso aos cursos superiores em universidades públicas deverão prosseguir os estudos mediante processo seletivo.

O objetivo do Estado era a manutenção do *status quo*, a manutenção daquele conservadorismo universitário, visando preservar a área de privilégios de uma antiga elite (Franco 1968).

Segundo a mesma autora:

“o processo de acesso aos cursos superiores: parece razoável concluir que a grande expansão da escola primária no Brasil, nos anos 60, produziu não só um considerável aumento na matrícula da escola primária, como também um ponderável aumento na matrícula da escola secundária. Essa matrícula, por sua vez, está começando a afetar as matrículas no nível superior, mas parece claro, o que está sendo aumentado nessa área é, somente, o início do que é crível e, virá a ser uma tremenda expansão de estudantes. Não acho isso um pensamento confortável. Certamente se eu fosse reitor de uma universidade em um país que triplicou a sua matrícula na escola primária e duplicou na secundária nos últimos dez anos, ou buscaria meios para quadruplicar o tamanho de minha universidade em relação aos últimos dez anos, ou aceleraria planos pessoais para uma volta imediata a uma bolsa de pesquisa” (Franco, 1968:14).

Dados, apresentados por Valter Garcia (1980), reforçam as questões apontadas por Cunha. Citados por Garcia (1980:223), os números do IBGE denunciavam a seletividade do sistema. Em 1962, para cada 1000 matriculados na

1ª série do ensino primário, apenas 232 alcançavam a 4ª. série. Desses, apenas 145 chegavam até a 1ª. série ginásial e apenas 86 concluíam a 4ª. série ginásial. Na 3ª série colegial só chegavam 63 desses alunos e apenas 48 ingressavam no ensino superior.

Como resposta a essa situação, o Plano Nacional de Educação estabeleceu metas quantitativas até o censo de 1970:

- A) Ensino Primário: matrícula até 4ª. série de 100% da população escolar de 7 a 11 anos de idade e matrícula na quinta série de 70% da população escolar de 12 a 14 anos.
- B) Ensino Médio: matrícula de 30% da população escolar de 11 e 12 a 14 anos nas duas primeiras séries do ciclo ginásial; matrícula de 50% da população escolar de 13 a 15 anos nas duas últimas séries do ciclo ginásial; matrícula de 30% da população escolar de 15 a 18 anos nas séries do ciclo colegial.
- C) Ensino Superior: expansão da matrícula até a inclusão, pelo menos, da metade dos que terminam o curso colegial.

Entretanto, as metas não se concretizaram com a ampliação das vagas em todos os segmentos do sistema escolar, como assinala Romanelli (1979). O crescimento do ensino médio é que registrou o maior índice:

**Crescimento percentual da matrícula nos níveis primário e médio, em dois períodos**

Períodos	Crescimento no primário	Crescimento no ensino médio
De 1960 a 1964	36%	60%
De 1964 a 1968	16%	69%

Fonte dos dados brutos: Estatísticas da Educação Nacional, 1960/1971

Fonte da tabela: Romanelli, 1979:207.

Também, segundo os dados apresentados por Romanelli, o aumento de vagas, no ensino superior, não se deu na proporção adequada à expansão do ensino médio.

**Crescimento percentual de candidatos ao vestibular e do número de vagas oferecidas nos dois períodos**

Períodos	% de inscritos	% de vagas
De 1960 a 1964	50,81	63,9
De 1964 a 1968	120,55	52,76

Fonte: Estatísticas da Educação Nacional, 1960/71, MEC

Fonte da tabela: Romanelli, 1979:207.

Segundo Romanelli,

“O único nível privilegiado do sistema escolar foi o nível médio. O curso primário sofreu uma retração acentuada em seu ritmo de crescimento, mas o ingresso nos cursos superiores foi o aspecto mais crítico do problema. Enquanto em 1960 a 1964, o percentual de alunos inscritos nos vestibulares crescia 50%, o número de vagas oferecidas crescia praticamente em 64%, num saldo, portanto, positivo de crescimento destas em relação aqueles. Todavia, a situação não só se inverteu no período seguinte, como se agravou profundamente, pois, a um crescimento de demanda de 120%, respondeu a oferta, com um crescimento de apenas 52%, percentagem esta que representou um decréscimo de 11, 14% no ritmo de oferta em relação ao período anterior”. (Romanelli, 1979: 207).

A expressiva expansão do ensino médio e a pressão sobre os cursos universitários fortaleceram, de certa forma, os cursos preparatórios que já se encontravam previstos na LDB de 1961 a qual, em seu artigo 46, sugeria “a organização de um currículo diferenciado para o 3<sup>a</sup>.ano do Colegial, visando o “preparo dos alunos para os cursos superiores”.

Segundo Franco,

“A 3<sup>a</sup>. série do ciclo colegial será organizada com currículo diversificado, que vise ao preparo dos alunos para os cursos superiores e compreenderá, no mínimo quatro, e no máximo cinco disciplinas” (Franco, 1968: 280).

Em Minas Gerais, nos anos 60, o Colégio Estadual de Minas Gerais, o Colégio de Aplicação, o Instituto de Educação, o Colégio Militar, o Municipal São Cristóvão e o Colégio Universitário eram tidos como de reputada referência para os diversos cursos superiores da UFMG. Essas escolas públicas estabeleciam currículos diferenciados para o curso científico, voltado para os cursos de Exatas e

de Biomédicas e o Curso Clássico, voltado para a área de Humanidades, antecipando, para os alunos, os desafios dos vestibulares. O ensino médio dessas escolas era buscado pelos egressos dos cursos ginasiais, de diferentes escolas, como um curso diferenciado para o vestibular da UFMG. Os alunos dessas escolas, com frequência, estavam entre os aprovados nos cursos superiores de maior prestígio.

Os alunos candidatos às vagas, nesses colégios, eram submetidos a processos seletivos rigorosos de conhecimento, o que garantia, de antemão, excelência e, portanto, maiores chances no acesso aos cursos superiores das maiores universidades nacionais. As escolas públicas, por essa época, eram freqüentadas por segmentos sociais das classes privilegiadas. O Colégio Universitário recrutava, através de seleção rigorosa, alunos de estabelecimentos do ensino médio e oferecia o curso de 3<sup>o</sup>. ano , particularmente caracterizado como preparatório para o vestibular da UFMG.

Como “a necessidade não carece de lei”, a força da realidade e do impacto das necessidades propedêuticas, para o acesso aos cursos superiores, contribuíram para uma revisão do julgamento e da conduta dos cursinhos, substituindo-se a situação de marginalização, pela aceitação do exercício de suas atividades como escola livre.

Para Cury,

“as nossas Constituições sempre reconheceram a organização da educação nacional em torno da distinção entre dois grandes gêneros de escola: a *livre* e a *regular*. A escola livre está fora do âmbito da LDBEN, até mesmo por opção dos seus dirigentes. É o caso, por exemplo, de escolas de línguas, escolas de natação, de técnicas de computação e dos *cursinhos pré-vestibulares* (grifo nosso). As escolas livres se apóiam no *art. 5<sup>o</sup>. XIII*, da Constituição. Os certificados que elas emitem não possuem valor oficial. Mas podem ter valor de mercado”( Cury, 2000: 64).

Mas os cursinhos, como escolas livres, acabaram atraindo um tipo de julgamento negativo, sendo considerados inadequados, impróprios. Eles também se isolaram, viviam dos resultados alcançados nos vestibulares e omitidos pelo mundo oficial da educação. Seu conceito era formado apenas pelos estereótipos negativos, inclusive acusados de *contrabandistas* do ensino.

Selecionei algumas amostras desses julgamentos restritivos a atuação dos cursinhos”;

Para Valnir Chagas (1963: 280),

“os cursinhos não passaram de ilusório adestramento para suprir, em meses, pelo ensaio de respostas típicas o que o estudante não aprendeu em sete anos”.

Para Nair Fortes Abu-Merhy (1963: 281)

“é neles que os estudantes armazenam um conjunto de fatos e respostas estereotipadas, capazes de vencer as mais exigentes provas como as que tradicionalmente são as do exame vestibular. Esse esforço, além de exaurir a memória dos estudantes, prejudica-lhes a formação”.

Para Lauro de Oliveira Lima (1963: 281)

“os famigerados cursinhos que deformam os alunos pela especialização precoce e que deformaram os objetivos da escola secundária, de caráter formativo”.

Entretanto, a atuação dos cursinhos ganha legitimidade a partir da insuficiente ação propedêutica do ensino médio e pelo aumento da demanda pelo ensino superior. A década de 70 foi testemunha do grande número de estabelecimentos, na modalidade cursinho preparatório aos vestibulares, que se instalaram em todo o país.

A história dos grandes cursinhos brasileiros começou um pouco antes dos anos 70, em 2/07/67, quando o ex-Presidente Costa e Silva assina o decreto- de no. 62.337, organizando um grupo de trabalho para estudar a Reforma Universitária – visando dar maior eficiência, modernização, flexibilização administrativa e formação de recursos humanos, de alto nível, para o desenvolvimento do país. No dia 27/11/1967, a Reforma começou a ser levada para as universidades como o voto do Presidente da República através da Lei No. 5539, modificando o Estatuto do Magistério do Ensino Superior.

O aspecto mais evidente da crise universitária , registrada no documento, era representado pelo aumento constante dos excedentes dos exames vestibulares e pela pressão por mais vagas.



Para Romanelli,

“A reformulação do ensino médio se configurava, ante os membros dessas duas comissões, como forma de conter a demanda em limites mais estreitos, ou seja, através dos vestibulares”. (Romanaelli, 1973, p:234).

A modernização dos vestibulares ocorre, assim, menos por pressão estudantil e mais pela descoberta de que essa “inovação” poderia ser manipulada pelos interventores nas universidades federais– democratizando o acesso, sem prejuízos ou ameaças à estrutura do poder vigente.

Para Cunha,

“O Decreto - Lei 477/69, permitiu a universalização do vestibular unificado, já praticado pela Universidade de Brasília e, ao lado de outras medidas administrativas<sup>29</sup> para procurar eliminar completamente as manifestações de descontentamento das camadas médias diante das dificuldades de obtenção de requisito cada vez mais indispensável de ascensão social via promoção burocrática: o ingresso (via vestibular) e a diplomação no ensino superior”. (Cunha,1988: 241).

O Decreto N. 68.908, de 13 de julho de 1971<sup>30</sup>, dispõe no artigo 1º que a admissão aos cursos superiores de graduação será feita mediante classificação, em concurso vestibular, dos candidatos que tenham escolarização completa de nível colegial ou equivalente.

O Decreto No. 68.908 legitima o Decreto-Lei 477/69, corroborando os seus objetivos de aplicação de vestibular único de acesso às universidades e, por outro lado, cria o curso básico e a matrícula por disciplina nos cursos superiores das universidades federais do Brasil.

Segundo Cunha (1963: 242), *“tendo passado no vestibular e ingressado na escola superior, os estudantes passavam um ano cursando cadeiras de um curso básico”* - preparatório para todos os cursos propriamente profissionais daquela área de conhecimento. Ao seu término, os estudantes eram alocados nos diversos

<sup>29</sup> O Decreto – Lei 477/69 previa a suspensão e a exclusão de alunos e professores que fossem surpreendidos por atividades políticas, consideradas estranhas à convivência acadêmica.

<sup>30</sup> Decreto n. 68.908/71, dispõe sobre concurso vestibular para admissão aos cursos superiores de graduação.

cursos de acordo com os critérios: escolhas individuais, disponibilidade de vagas de cada curso e o desempenho escolar durante o período.

Deste modo, segundo Cunha, a universidade passou “*a preencher aquela capacidade ociosa de alguns cursos*” e, por outro lado, passou a existir, “do lado de dentro”, uma instância propedêutica de acesso, incentivando a competição interna por vagas nos cursos mais procurados.

Assim, o vestibular passou a ser feito por áreas de conhecimento, abrangendo tanto cursos mais procurados quanto os menos procurados, favorecendo o surgimento de cursinhos especializados em determinadas áreas, como relata o professor Almeida<sup>31</sup>, nas Exatas: Mário de Oliveira, Pitágoras e Promove; nas Biomédicas: Lucas Machado, CB2, Pitágoras, Promove, Método, Modelo, União etc.

A proliferação dos cursinhos pode ser considerada notável a partir dos anos 70, à medida que a demanda pelos seus serviços impunha mudanças no sistema propedêutico das escolas particulares e públicas de excelência. Os cursos preparatórios passaram a ser exercidos fora das escolas , conseguindo apoio dos candidatos e das famílias para a preparação aos cursos superiores das universidades federais e particulares de prestígio.

Segundo Ernst Hambúrguer ,

“A crescente sofisticação dos exames vestibulares tem contribuído para uma nítida melhoria dos cursinhos.; alguns utilizam métodos modernos ainda raros no Brasil, e todos utilizam métodos didáticos eficientes. São, provavelmente, as escolas mais eficientes do Brasil. Os vestibulares propiciaram, portanto, o aparecimento de boas escolas particularmente de nível secundário, que são os cursinhos e estão fora do sistema oficial de escolas”. (Hamburguer, 1970: 224).

A razão encontrada para o fortalecimento dos cursos preparatórios ou cursinhos é, segundo Hamburger ,

“de ordem econômica à medida que os investimentos,nos colégios públicos e

---

<sup>31</sup> Professor entrevistado na pesquisa

privados, destinados à melhoria da educação, é muito menor que os investimentos que os cursinhos fazem na melhoria dos procedimentos didáticos–pedagógicos, para um melhor desempenho de seus alunos nos concursos de admissão aos cursos superiores”. ( Hamburger, 1970: 224).

Para Freitas,

“Na reconstrução da história dos *cursinhos*, três fases foram identificadas: uma fase incipiente, anterior a 1971, quando houve a unificação do vestibular, o período 1971-1975 e o período subsequente (1976-1983). O período anterior a 1971 não nos interessa, dada, a sua inexpressividade no recrutamento de alunos. O período 1971-1975 é marcado pela ascensão dos *cursinhos*, no sistema de ensino. O sucesso empresarial dos quatro primeiros anos explica-se pela capacidade que os cursinhos mostraram em se adequar, com grande rapidez, às exigências do vestibular “único” .( Freitas, 1984: 554).

Portanto, a expansão da demanda de alunos do ensino médio, em busca do prolongamento dos estudos no curso superior, estabeleceu uma brutal concorrência por vagas nas universidades públicas e particulares de prestígio, fazendo com que essa modalidade de escola – os cursinhos, atuassem como uma instância além do ensino médio, impondo, de certa forma, custos adicionais para as famílias.

Para o professor Freitas ,

“os cursinhos reproduzem a estratificação de classe no interior do sistema de educação: os alunos egressos das melhores escolas encaminham-se para os cursinhos de melhor qualidade e localizados nos pontos nobres das cidades; aqueles alunos egressos de escolas públicas ou privadas de qualidade inferior, fornecem o contingente de candidatos para os cursinhos ditos populares”. ( Freitas, 1984:557).

Na política universitária, continuavam os discursos relativos à autonomia das instituições e ao aprimoramento das formas de acesso, sem se tocar no fundo da questão que continuava sendo a grande seletividade.

Os vestibulares, cada vez mais competitivos, proporcionaram o aparecimento de bons cursinhos que permaneceram fora do sistema oficial das

escolas. Posteriormente, os cursinhos pré-vestibulares passaram a investir no ensino médio, criando boas escolas, cujo ensino era voltado para finalidades propedêuticas e, que por outro lado, direcionando o aluno para o seu cursinho. Assim, o cursinho teria um aluno preparado e consciente, aumentando as suas chances de sucesso nos vestibulares – o vestibular selecionava aqueles que melhor sabiam fazer as provas e os cursinhos fortaleceram seu papel de “preparatórios” para as provas.

### **1.6 Os cursinhos no cenário das LDBEN de 1996; Lei n.9.394, de 20 de Dezembro de 1996.**

A edição da LDBEN, de 1996, incorporou uma série de inovações pedagógicas, alterando os objetivos do ensino colegial, esgotando a natureza propedêutica do 3º. ano mantida pela LDBEN, de 20 de dezembro de 1961 - Lei n\* 4.024, que explicita as razões propedêuticas, estabelecidas no tópico legal sobre o currículo escolar da 3ª. série;

“Parágrafo 2º. (...) A 3ª. série do ciclo colegial será organizada com currículo diversificado, que vise à preparação dos alunos para os cursos superiores, e compreenderá , no mínimo quatro e no máximo seis disciplinas, podendo ser ministradas em Colégios Universitários” ( LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –1965: 157).

Essas alterações precipitaram, em meados da década de 60<sup>32</sup>, o surgimento dos cursinhos pré-vestibulares, para atender aos alunos que não passavam nos *vestibulinhos* das federais, a partir da formação dos Colégios Universitários.

Para Cunha (1968), a defasagem entre os ensinos de segundo e terceiro graus são consideradas responsáveis pela tensão crescente entre essas instâncias de ensino;

“a universidade, simplesmente, ignora o mundo do ensino médio, e este , sobrecarregado de objetivos múltiplos e coincidentes, não vê como atender às exigências da universidade” (Cunha, 1968:23)

---

<sup>32</sup> A história dos maiores cursinhos preparatórios do Brasil data de 1967 a 1970, porém não é preocupação da investigação a análise cronológica e funcional dos cursinhos pré vestibulares.

A LDBEN 1996, em seu artigo 51 (Lei 5692 – art. 21 caput), ressalta que não há mais exclusividade do exame vestibular para o acesso ao ensino superior. Serve outro processo seletivo como as notas obtidas ao longo do ensino de 2º grau. Segundo Neskier ,

“o MEC realizará o exame Nacional de Segundo Grau para todos os concluintes do 3º. ano e válido para o ingresso no 3º. grau.: “o ensino de 2º. grau, destina-se a formação integral do adolescente”. (...)

No item III, do artigo 51, ressalta-se a importância do aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico explicitados no artigo de Lei”( Neskier, 1997:86).

Além disso, LDBEN, de 1996, possibilitava a criação de novas universidades, especializadas por campo do saber, sem a exigência da multidiversidade, ampliando as chances e as oportunidades de acesso ao ensino superior. Por outro lado, a investigação apontava que as alterações, proporcionadas pela LDBEN de 1996, ocorreram mais do ponto de vista legal. Na prática, os cursinhos pré-vestibulares absorveram rapidamente essas mudanças, gerando novos preparatórios, inclusive para o ENEM, ampliando as chances para alunos de escolas públicas e privadas. Os cursinhos trabalham para a permanência desses alunos com o objetivo de cursarem o intensivo e o superintensivo para as universidades federais e particulares de prestígio.

Para a aluna Mariana do curso extensivo;

“Eu procurei universidades tradicionais e públicas para fazer o vestibular. Percebo que existe algum preconceito com relação as novas universidades. As pessoas procuram as universidades mais tradicionais mais antigas e de maior prestígio”.

Para ela,

“Na escola pública em que estudei, a preocupação com a formação do aluno é predominante. A Escola espera que o aluno conclua o ensino médio. Não é sua preocupação cumprir o programa das disciplinas ao longo do ano e muito menos se toca na questão do vestibular.(Sic)Tem dia que a aula termina às 10:30 da manhã, em outro dia termina às 11:30. Existem várias outras atividades escolares. No cursinho existe horário, o ritmo é diferente, o professor está onde você espera que ele esteja – na sala de aula. A diretoria do cursinho cobra do professor a conclusão do programa e que o planejamento de ensino seja integralmente respeitado”.

Para Isabela aluno do extensivo de Biomédicas,

“existem muitas escolas públicas excelentes e muitos alunos passam nos vestibulares, sem fazer cursinho, talvez por mérito pessoal, mas é muito complicado passar no vestibular sem fazer uma revisão de todo o conteúdo do ensino fundamental e médio”.

A LDBEN de 1996, trouxe a expansão das universidades privadas e o aumento de vagas no ensino superior. Para atender as novas demandas, os processos seletivos foram flexibilizados - as provas do ENEM, entrevistas, análise de currículo, contribuindo para a redistribuição geográfica dos cursinhos, segundo critérios sócio econômicos, selecionando o público alvo. Com as mudanças, os cursinhos rapidamente adaptaram-se às novas regras e possuem, atualmente, uma “roupagem” diferenciada, atendendo a alunos de classes sociais distintas. Para os candidatos, originários de camadas mais privilegiadas, a expansão dos cursos superiores ampliou as chances, já que podem pagar as universidades.

Para os cursos superiores de alto prestígio como Medicina, Odontologia Biologia, Direito, Computação e Engenharias os alunos ainda procuram os cursinhos preparatórios, pois os melhores cursos superiores encontram-se nas federais e a concorrência pela classificação final é acirrada.

As mudanças, introduzidas no sistema educacional do país com a LDB de 1996, não alteraram, significativamente, as relações entre o ensino médio e a universidade. Apesar de indicar que o ensino médio não mais se reduziria a sua finalidade propedêutica ao ensino superior, os anos subseqüentes não demonstraram sua eficiência como um ensino capaz de formar uma educação básica comum e essencial.

Além disso, foi garantida autonomia das Instituições de Ensino Superior para definir os processos de acesso. Não houve mudança imediata no processo vestibular, mas abriu-se espaço para discussão dos modelos de acesso, no bojo da discussão da necessidade de democratizar a entrada no ensino superior.

Segundo os PCNs, para o Ensino Médio, a organização curricular não se orienta para a acumulação de conhecimentos, buscando atender aos vestibulares.

“buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender” (PCNEM/MEC, 1999:13).

Os Planos Curriculares Nacionais de 1999 orientaram a reformulação curricular do ensino médio, respondendo ao que está expresso na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 93494/96.

Segundo texto da apresentação do ENEM<sup>33</sup> – Exame Nacional do Ensino Médio (2001: 5), em um primeiro momento, não se cogita acabar com os vestibulares, mas se alcançar um modelo que viabilize as universidades, no sentido de prover as competências e habilidades necessárias ao prosseguimento no ensino superior.

“O ensino médio é, recentemente, parte da Educação Básica, significando que ele é parte da formação de todo brasileiro jovem para enfrentar a vida adulta com mais segurança. Por isso, o Ministério da Educação, na gestão do Ministro Paulo Renato de Souza, no governo de Fernando Henrique Cardoso, propôs um currículo baseado no domínio de competências básicas e não no acúmulo de informações. Um currículo que tenha vínculos com os diversos contextos dos alunos, “tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações”.(Revista Enem, 2001: 5).

O que se verifica é a tentativa de aumentar as chances de acesso às universidades públicas e privadas, utilizando-se da autonomia dessas instituições para os processos seletivos. Assim, cada questão da prova do ENEM envolve diversas habilidades e áreas do conhecimento que os técnicos chamam de interdisciplinaridade. As provas são complexas e a maioria dos professores de colégios públicos não estariam treinados para as questões propostas pelo ENEM. Segundo relato do professor Abdo, do Gaia Vestibulares – não por incompetência, mas pela notória falta de conhecimento. Antes de se falar em Reforma da Universidade, a reforma deveria estar na reformulação de políticas públicas para o ensino fundamental e médio. Pelo que se observa, estaria surgindo uma nova forma de vestibular tão elitista quanto os já conhecidos, na medida em que, os alunos de escolas públicas apresentam déficits de conteúdos, em relação aos alunos das escolas congêneres do setor privado e, com isso, contrariam os pressupostos teóricos do ENEM de que se estaria democratizando o acesso.

---

<sup>33</sup> Não é preocupação da investigação a análise da eficácia do Enem, o que se tenta fazer é contextualizar os novos procedimentos seletivos e as estratégias dos cursinhos para se adequar aos novos tempos.

A prova do ENEM é executada, mediante licitação, por instituição universitária reconhecida e legitimada pelo MEC, tratando-se, pois, de uma prova de vestibular. O maior risco para esse sistema de avaliação é o desconhecimento do ensino médio, por parte das universidades que ganham a concorrência para a produção das provas do ENEM. Assim, **observam-se, nos cursinhos<sup>34</sup> e em colégios , a partir do mês de junho, inscrições para a prova do ENEM que ocorre no final de agosto.**

Outra situação, implicada nos processos de acesso ao ensino superior, seria a crise econômica por que passam, atualmente, as classes médias e populares, provocando a evasão de alunos das faculdades particulares, devido ao elevado custo das mensalidades e pela dificuldade de se obter financiamento. Mesmo com o advento do PROUNI, os concluintes do ensino médio de escolas públicas e privadas, pertencentes aos segmentos populares e médios, ainda não apresentam condições materiais e financeiras para freqüentarem as instituições privadas de ensino superior.

“Segundo levantamento Censo da Educação Superior de 13 de outubro de 2004 (MEC/INEP), revela que, pela primeira vez, o número de vagas oferecidas na educação superior foi maior que o número de alunos concluintes do ensino médio. “A ociosidade do sistema alcançou 42,2% das vagas oferecidas pelas instituições privadas. Assim, os concluintes do ensino médio de escolas públicas e privadas, pertencentes aos segmentos médios e populares procuraram as instituições federais de ensino superior para os cursos de graduação devido aos altos custos da educação nas instituições privadas, comprometendo as metas do Plano Nacional de Educação de 2001, determina que, em 2011, 30% da população brasileira com idade entre 18 e 24 anos esteja cursando o ensino superior. Atualmente, segundo o Censo da Educação Superior (MEC/INEP – outubro de 2004), o índice está na casa dos 15%, muito longe dos 72% ostentados pelos Estados Unidos ou dos 48% da Argentina”. (Revista Desafios do Desenvolvimento, IPEA, ano 2. março/2005: 29).

A Reforma Universitária, em processo de discussão, tem assinalado a necessidade de ampliação de vagas nas escolas públicas. Segundo dados do MEC para 2001, o número de instituições universitárias é de 1.391, sendo 67 federais, 63 estaduais, 53 municipais e 1.208 instituições privadas absorvendo, no total , 204.106 docentes. Estas universidades, somadas, oferecem 1.265.175 vagas para

---

<sup>34</sup> O curso preparatório para o Enem resume-se na resolução das últimas provas. Geralmente, ocorre em salas pequenas.



4.009.075 inscritos. Destes, apenas 944.157 alunos fizeram a matrícula. Deste total, 102.507 vagas foram preenchidas no setor público, para 7.233.140 do setor privado<sup>35</sup>(Números da Educação no Brasil, 2001. MEC/INEP)

Segundo parecer do MEC (2005), sobre a atual Reforma da Educação Superior, apenas 30% dos alunos que concluem o ensino fundamental, têm acesso ao ensino médio. A falta de vagas e a qualidade do ensino médio – principalmente nas escolas públicas, são apontadas como fatores que contribuem para a restrição dos jovens ao ensino superior.

Segundo o MEC (2005).

“Por mais que o sistema de ensino superior do Brasil tenha crescido, o acesso à educação superior ainda é uma possibilidade para poucos. O Brasil tem hoje, 48 milhões de jovens matriculados no ensino básico. Mas somente 3,9 milhões no ensino superior. Só 9% dos jovens brasileiros entre 18 a 24 anos estão matriculados em cursos superiores, número que na Argentina chega a 32%, e, no Canadá a 62%”( MEC, Julho 2005 – Informativo sobre a Reforma da Educação Superior : 8).

Diante desse cenário, percebe-se que os cursinhos, embora não sejam oficialmente reconhecidos como instituições escolares, operam além do 3º. ano do ensino médio e encontram-se em uma área de grandes mudanças.

Os cursos preparatórios já se desdobram com desenvoltura, em outros segmentos da educação, inclusive em outras instâncias, como os preparatórios para o exercício da advocacia em que se avalia por um lado o desempenho dos alunos, recém formados em Direito e, por outro lado, o ensino das universidades. Uma outra modalidade de cursinho que permanece são aqueles preparatórios, voltados para os exames dos conselhos das profissões liberais como a OAB – Ordem dos Advogados do Brasil, e para as diversas carreiras públicas. Esses cursos desenvolvem atividades semelhantes as dos cursinhos pré-vestibulares, com aulas intensivas e apostiladas, atendendo a uma demanda crescente de candidatos que buscam nas carreiras públicas, melhores condições de vida.

Dessa forma, os cursinhos sobreviveram atrelados aos processos de seletividade para entrada no curso superior e dos rituais de seleção para carreiras liberais e públicas, da mesma forma que começou. Como os processos seletivos

---

<sup>35</sup> Números da Educação Brasileira, fornecidos pelo MEC/INEP – 2001.

ocorrem via vestibular, pode-se deduzir que **a realidade dos cursinhos permanece como uma instância, além do ensino médio ou superior, como curso preparatório que visa atender as diferenças de classe.** Apesar de ter a sua cultura negada pelas esferas oficiais da educação, são reconhecidos, pelos alunos, como uma instância que poderá melhorar o seu desempenho nos vestibulares.

### **1.7 Cursinho-escola: entre a legitimação e o questionamento na atualidade**

Neste final de capítulo, tentarei demonstrar a importância de se tomar o curso pré vestibular como objeto de pesquisa, a partir das estratégias estabelecidas pela instituição para garantir as famílias e aos alunos as condições materiais e escolares sucesso nos vestibulares e para prosseguimento escolar no ensino superior.

Começo fazendo minhas as palavras de Abreu;

“Falamos do mundo ignoto e abandonado dos cursinhos. Em verdade, assim ele é, ignorado em sua existência, salvo pelos que lhe vivem a realidade, desprezado pelos que o entendem como uma chaga em nossa educação, desatentos a que são eles uma decorrência fatal dos defeitos de nosso pseudo-sistema de ensino. Funcionando como instituições vivas e atuantes em nosso *soi dissant* sistema do ensino, não tem não só qualquer reconhecimento como conhecimento oficial de sua existência. Valem apenas pelo que produzem em resultados práticos. Tem assim uma certa nota de marginalidade oficial ao arrepio do papel concreto que desempenham na tentativa de suprirem um elo no nosso sistema educacional. A atitude científica a seu respeito não poderia ser a vigente, de ignorância do que significam sua existência e seu funcionamento pelos responsáveis pela educação. Há que conhecê-los em sua gênese e em sua fisiologia. Porque existem e como existem. Quais, na circunstância, seus méritos e defeitos que sem dúvida os têm, estes últimos, tantas vezes condicionados pelas impropriedades do exame vestibular para que devem preparar. Vale conhecê-los, melhor diria, urge conhecê-los, quem quer que pretenda ter informação razoável sobre os fatos educacionais importantes do país. Conhecê-los nas especificidades de sua dinâmica, nas tipicidades do seu modo de operar, tão diferentes a feição comum às escolas institucionalizadas que deles se diria serem um outro mundo. Um outro mundo na

motivação, de regra muito mais concreta e autêntica, de docentes e discentes. Um outro mundo em alguns aspectos da problemática discente. Um outro mundo em que a eficiência em relação aos fins propostos, aferida por alheios julgadores, é a condição única de sobrevivência e também o caminho de largo êxito empresarial. Um outro mundo, o das aulas até nos domingos e o reino das apostilas. Um mundo que não se pode ignorar pelos defeitos que revele e pelas inspirações positivas que sugira". (Abreu, 1963: 34).

As atividades propedêuticas dos cursinhos foram, portanto, marcadas, historicamente, pela rejeição acadêmica de suas atividades escolares, desconsiderando que a sua existência encontra-se relacionada e demarcada pela ausência de articulação entre o ensino médio e a universidade, que é histórica, e que essa situação acabou por proporcionar o surgimento e a manutenção desses cursos preparatórios.

Para os alunos que conseguiram sobreviver às diversas situações seletivas, ao longo de suas trajetórias escolares, o cursinho emerge como uma alternativa, uma necessidade estratégica e instrumento indispensável para garantir as condições materiais e culturais para o sucesso no vestibular.

Nesta perspectiva, os alunos ainda consideram que o cursinho é um *rito de passagem*, uma necessidade escolar de treinamento para os vestibulares das universidades públicas e privadas de excelência. Mesmo com a expansão dos cursos superiores e com modalidades seletivas que já não exigem tanta dedicação para passar nos vestibulares, os cursinhos continuam ocupando o lugar até então configurado: uma quarta série escolar, um tempo de complementação de estudos para compensar competências não promovidas no ensino médio. Há concorrência mesmo para o ensino superior privado. A expansão de unidades de ensino superior, sem tradição, fortalece a seleção em escolas superiores já reconhecidas. Em Belo Horizonte, temos, como exemplo, a disputa de alunos na PUC que se dá de forma mais competitiva do que nas unidades recém criadas. Também, em Belo Horizonte, temos uma situação bem típica. Até o final dos anos 90, o mercado de Ensino Superior era restrito a menos de 5 grandes Instituições e outras 3 de porte pequeno. Belo Horizonte conta hoje com cerca de 30 escolas superiores.

Além disso, a crescente sofisticação dos exames vestibulares tem contribuído para uma melhoria dos cursinhos. Alguns cursinhos utilizam uma metodologia escolar sofisticada para garantir o sucesso nos vestibulares e cobram mensalidades elevadas. Estes cursos conseguem atrair alunos de camadas populares para os quais as estratégias familiares, através das chamadas “vaquinhas<sup>36</sup>”, garantem, de certa forma, as condições financeiras para custear os estudos de seus filhos em cursinhos de ponta, ou seja, os que apresentam as melhores condições, materiais e pedagógicas, rompendo, assim, com a noção de exclusão territorial e escolar. Porém, essa estratégia não pode ser considerada uma iniciativa coletiva, já que outros fatores de coação externa impedem, para um grande contingente de alunos egressos do ensino médio da rede pública e privada, o acesso às condições materiais para o custeio da educação em uma escola de ponta. Os cursinhos absorvem a demanda desses alunos, oferecendo a complementação de estudos que pode levá-los à Universidade.

Com o surgimento dos cursinhos populares, mais alunos procuram adquirir o capital cultural necessário para o acesso aos cursos superiores de maior procura. Esses novos cursinhos integram o sistema dos denominados “cursinhos populares”, uma categoria de preparatórios surgida como resposta a movimentos de busca de democratização do ensino superior. Surgiram, nos anos 80, os preparatórios noturnos para trabalhadores. Hoje, são grandes instituições que praticam preços mais acessíveis e recrutam alunos de camadas populares, egressos, majoritariamente de escolas públicas.

Essa nova modalidade de serviço atende a um grande contingente de concluintes do ensino médio e passa a apresentar uma nova categorização: os cursinhos comunitários; mantidos por igrejas ou associações de bairros; os cursinhos mantidos pelas prefeituras e que já se encontram disseminados por vários municípios do país; os cursinhos mantidos por associações de trabalhadores de universidades públicas ou privadas e que atuam no mesmo sistema dos cursos livres comerciais.

---

<sup>36</sup> A palavra “vaquinha” é reconhecida na cultura popular como uma associação de várias pessoas para a compra ou realização de um desejo coletivo ou individual (Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1990).

Segundo o jornal Folha de São Paulo,

“Na semana passada, 800 estudantes da USP atenderam ao chamado da universidade. Candidatava-se a uma das vagas abertas para monitores do Pró-Universitário, o curso pré-Vestibular que a USP abrirá na zona leste de São Paulo e que dará aulas de reforço a 5.000 alunos carentes do ensino médio da região. O objetivo: capacitá-los a enfrentar com mais chances de sucesso a competição do vestibular”. (...)a idéia de um cursinho na zona leste de São Paulo é proporcionar ao candidato um maior tempo de estudos, é forçar o aluno a estudar mais” (Folha de São Paulo, 30 de maio 2004; C3).

Outras universidades têm proporcionado aos alunos da rede pública, mecanismos alternativos de inclusão aos cursos superiores para alunos carentes, das regiões periféricas, da cidade de São Paulo.

“A Unicamp, que também preza o critério de mérito como forma de acesso, via vestibular, baixou a guarda e propôs para 2005, o Programa de Ação Afirmativa para Inclusão Social, que estabelece 30 pontos extras na prova do vestibular para os estudantes secundaristas da rede pública. Para os alunos de escolas públicas, que se auto declararem negros, pardos ou índios , serão 40 pontos”. (Folha de São Paulo, 30/05/2005: C3).

Diante dessas novas categorias de cursinhos, é possível apontar para outras formas de cursos preparatórios, destinados aos segmentos médios e nas elites e os cursinhos intermediários, voltados para segmentos populares e médios.

Outras modalidades de preparatórios surgiram, a partir do aumento do desemprego e da queda na disputa por vaga no ensino superior. Esse contexto sócio econômico vem provocando mudanças no comportamento dos jovens de 18 a 24 anos que já concluíram o ensino médio.

“se até o final dos anos 90 eram os pré-vestibulares que reinavam absolutos no setor – preparatórios, nos últimos três anos, são os cursinhos voltados para concursos públicos que mais expandiram a oferta. Somente em 2003, 12 cursinhos que atuavam no ramo de pré-vestibulares aderiram ao ramo dos concursos públicos. A batalha para garantir um emprego estável no serviço público também refletiu no mercado de apostilas que são vendidas em bancas de jornais, com CD-room e exercícios”. (Estado de Minas, 16/05/2005: 23).

Esses novos formatos de cursos preparatórios provocaram alterações espaciais de localização nos pré-vestibulares, destinados as classes mais privilegiadas e que, atualmente, encontram-se localizados nas áreas de maior poder aquisitivo. Por outro lado, as áreas centrais passaram a ser ocupadas por cursinhos populares nos locais antes ocupados pelos cursinhos tradicionais e pelos cursinhos que atendem as demandas das classes intermediárias em ter acesso ao ensino superior. É sabido que o vestibular procura selecionar aqueles que melhor sabem fazer os exames vestibulares.

Para Castro (1995),

“O processo de seleção para o ensino superior tem no Brasil um tom climático e uma dramaticidade que ressoam na alma da classe média. Mas, em vez de denúncias zangadas, é mais útil, registrar não ser à toa que as famílias preocupadas com a educação se comovem com o vestibular. O vestibular determina, em boa medida, o futuro profissional das pessoas”. (Castro, 1995: 62).

Afinal, não me parece demais repetir o lugar-comum, citado por vários professores, de que as atividades propedêuticas do cursinho pré-vestibular trazem algum amadurecimento ao aluno, a partir das aulas dinâmicas, do treinamento sistemático de exercícios e de simulação das provas dos vestibulares, abrangendo em maior ou menor escala, as dimensões reflexivas e o domínio cognitivo dos conteúdos exigidos ou considerados fundamentais para o acesso à universidade.

No cenário atual de condições e possibilidades de acesso ao ensino superior, os cursinhos atuais não preparam apenas a elite para competir entre ela. Os cursinhos atendem a egressos de escolas públicas e parte das camadas médias e populares que querem ampliar sua base escolar, querem compensar deficiências ou defasagens de formação, adquirida no ensino médio, e que lhes configuram como barreiras para o ingresso no nível superior.

Sendo assim, a existência dos cursinhos tem sentido. Eles podem potencializar as condições de acesso ao ensino superior, eles podem operar como um processo de democratização de acesso a este nível de ensino. Reconheço que essas possibilidades não são distribuídas de forma igualitária no sistema cursinhos. Os cursinhos são hierarquizados, segundo a clientela que atendem, eles adquirem identidades. Eles oferecem aparatos metodológicos diferenciados. Os cursinhos

para a elite, para os alunos egressos das escolas tradicionais da classe A, estão localizados em áreas nobres da cidade, praticam altos preços de mensalidade, oferecem pacotes de cursos individualizados.

No outro extremo, os cursinhos chamados populares recrutam a massa de egressos do ensino médio público. No nível intermediário, registramos os cursinhos que se intitulam híbridos, como foi conceituado por um dos meus entrevistados. Eles operam de forma a captar alunos de camadas médias e populares. Operam no sentido de intervir nas chances de ingresso no curso superior. Eles prometem ampliar as chances dos alunos e os alunos os procuram porque desejam a universidade e acreditam no cursinho como instância preparatória de acesso ao ensino superior. Como isso se opera, de fato, dentro de uma unidade escolar – cursinho?

No capítulo seguinte, apresento os resultados da minha pesquisa que se propôs a identificar as particularidades do aparato do ensino existente, nessa modalidade de ensino – o cursinho.

Na investigação conduzida no Gaia Pré-Vestibulares - um cursinho destinado as camadas populares e médias, procurei compreender as ações pedagógicas, os valores, os compromissos, as opções, os serviços oferecidos aos alunos, a estrutura de ensino e de estudos para favorecer o desempenho dos alunos nos vestibulares.

## CAPÍTULO 2

### **O CURSINHO COMO UNIDADE DE ENSINO: O GAIA PRÉ-VESTIBULARES e suas particularidades como escola**

Este capítulo tem por objetivo dar visibilidade ao cursinho como unidade de ensino, a partir da unidade pesquisada o Gaia Pré-Vestibulares. Tomarei para minha análise o registro das observações, anotadas no diário de campo, durante os sete meses<sup>37</sup> de pesquisa na instituição, bem como as informações obtidas, através das entrevistas, realizadas com dirigentes, funcionários, coordenação pedagógica, professores e alunos. Interessa-me entender como o cursinho se apresenta, e como a instituição assume ser uma instância mediadora entre o ensino médio e a universidade.

De acordo com o capítulo anterior, os cursinhos são considerados, do ponto de vista jurídico e comercial, como cursos livres, similares aos cursos de línguas estrangeiras, não sendo autorizados a legitimar as suas atividades através de documentos ou diplomas de conclusão de curso. Eles não são avaliados por quaisquer órgãos do sistema educacional do país. Estão, apenas, sujeitos aos controles contra abuso fiscal, exercido por entidades específicas, tais como o PROCON<sup>38</sup>.

A busca dos segmentos médios e populares pelos cursinhos é estimulada pela mídia, através da veiculação da missão organizacional dos diferentes cursos, que inculcam, na clientela, valores e compromissos, confirmados pelo sucesso de seus alunos nos vestibulares, estampados nos out-doors de ruas e avenidas de suas cidades.

Foi possível constatar que o cursinho Gaia Pré-Vestibulares possui uma identidade própria, sendo capaz de absorver alunos de escolas públicas ou privadas, de estratos sociais diferenciados e de prestígio, com déficits de conhecimentos, trabalhá-los, internamente, a partir de uma dinâmica pedagógica

---

<sup>37</sup> O período de pesquisa de campo ocorreu entre os meses de maio a junho(1ª. fase: análise do curso intensivo) e de agosto a dezembro de 2004 (2ª. fase: voltado para o vestibular da UFMG de dezembro)

<sup>38</sup> A missão educacional do cursinho Gaia Pré-Vestibular é registrada em cartório, os serviços veiculados na mídia são integralmente garantidos ao aluno e, portanto, passíveis de questionamento junto ao PROCON.



especial , diferenciada, preparando-os para o prosseguimento escolar em uma Universidade, de reconhecido valor.

Como já vimos, anteriormente, o cursinho surge como um elemento extra-escola no sistema de reprodução de classes, destinado, primeiramente, as classes privilegiadas (Freitas,1984) mas que, atualmente, vem sendo alcançado por segmentos populares que incorporam os valores e a cultura das elites como forma de sobrevivência, em um contexto social de elevada competitividade.

Diante disso, o cursinho, mesmo sendo considerado um espaço polissêmico, atípico, merece um estudo de sua cultura, adquirida ao longo do desenvolvimento do sistema de ensino nacional, no século XX, que passou a evidenciar sua importância e limitações, como espaço propedêutico para o Ensino Superior.

Quando queremos compreender as “singularidades”, e os “casos particulares” (mas não necessariamente exemplares), parece que ;

”somos obrigados a abandonar o plano de reflexão macrossociológica fundada nos dados estatísticos para navegar nas águas da descrição etnográfica, monográfica”. (Lahire 1997,p.15).

Trata-se, portanto, de uma tentativa humanizada para a compreensão das informações, tendo por finalidade entender as ações fora do plano da racionalidade exclusiva. Por isso mesmo, esse é o momento que me parece estratégico, para entender as ações dos alunos e o seu sentimento de pertencimento à instituição, portadora das condições para o sucesso nos vestibulares.

A seguir apresentarei o que revelou a pesquisa realizada no Gaia Pré Vestibulares.

## **2.1. A história do Cursinho Gaia - Pré Vestibulares**

O Gaia surgiu com o objetivo de atender as frações mais privilegiadas e, que podiam pagar por uma preparação escolar diferenciada, tendo-se instalado, primeiramente, na zona sul de Belo Horizonte. Mas o cursinho Gaia, posteriormente, acompanhou o movimento formado pela a massa de alunos egressos do ensino médio público, e de alunos vindos de escolas particulares,

mudando-se para o centro da cidade. Segundo o prof. Marcos<sup>39</sup>, um dos sócios proprietários do cursinho;

”começamos em 1990, na Zona Sul de Belo Horizonte - a sociedade era formada por uma cooperativa de oito professores de áreas diferentes. Esses professores trabalhavam em vários cursinhos de renome na época. Os fundadores do Gaia Pré Vestibulares consideraram que investir em um empreendimento no ramo escolar, um preparatório para as universidades era um bom negócio. E ao longo de nossa trajetória, enfrentamos muitos desafios, arriscamos muito, diante de um mercado altamente competitivo, como é até hoje. Nos tivemos muitas dificuldades para virmos para a região central de Belo Horizonte”.

Segundo Cunha (1968), os cursinhos, via de regra, são formados pela associação de professores de ramos ou disciplinas diferentes que, com base em experiências adquiridas nos cursos preparatórios, passam para os alunos a imagem de seriedade e de compromisso com o sucesso, ou seja, com a aprovação nos vestibulares.

A formação do cursinho Gaia Pré-Vestibular corrobora as afirmações de Cunha, à medida que a sua história não é diferenciada de outros cursinhos preparatórios.

O professor Marcos, afirma que:

“a transferência, do cursinho, da zona sul para a região central de Belo horizonte foi decorrente da necessidade de se buscar um espaço em que a instituição pudesse expandir. Com a mudança para o centro urbano, o perfil do aluno que freqüentava , anteriormente, o cursinho vai ser alterado, com a chegada de alunos provenientes de camadas médias e populares para o cursinho”.

O modelo, descrito pelo professor Marcos, prevê uma evidência causal, ligando a origem geográfica e social ao desempenho do vestibular, através de mecanismos escolares. Esse modelo geográfico é seguido pelos cursinhos: aqueles localizados na zona sul são voltados para uma clientela diferenciada em relação aos alunos do “centrão”

---

<sup>39</sup> Todos os nomes a que serão referidos nas entrevistas são pseudônimos.

Na opinião do professor Marcos;

”existe uma diferença: o aluno do centro é muito diferente do aluno da região da Savassi. Nos recebemos muitos alunos de bairros periféricos e muitos alunos do interior”.

Os alunos da zona sul, originários de colégios religiosos da região da Savassi, têm uma aprovação quase assegurada nos vestibulares gerais, em decorrência de serem portadores dos capitais cultural e econômico, requeridos nos vestibulares. Além disso, a esses alunos interessam, também, os cursos fora do sistema público, ofertados por algumas instituições particulares que ocupam certo “status”, devido a algum diferencial de seus cursos. Esses alunos contam, ainda, com uma;

“rede de relações sociais que podem, no futuro, viabilizar os investimentos familiares iniciais e garantir esquemas individuais, socialmente constituídos de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (mentes), adquiridos nas, e pelas experiências práticas (em condições sociais e específicas de existência), constantemente orientados para as funções e ações do agir no cotidiano dos habitus familiares”. (Setton, 2002 :.63).

Para Nogueira & Nogueira (2000), as hierarquias sociais reforçariam as divisões sociais no processo de escolarização, à medida que são utilizadas para classificar os indivíduos, segundo o tipo de bem cultural que eles produzem, apreciam e consomem – geradores de discriminação no espaço escolar. Quando esses critérios são contrariados, esses sujeitos deslocam-se no espaço `a procura de novos “nichos”, a partir da reprodução de seu *habitus* de classe.

Na minha investigação, foram identificados pelos alunos dois cursinhos como portadores dessa categoria de classe valorizada pelas elites<sup>40</sup>. Os cursinhos localizados no centro da cidade são considerados populares e possuem clientela pertencentes as classes média baixa e aos segmentos populares.

O perfil dos cursinhos, localizados no *hipercentro* de Belo Horizonte, foi “contaminado” pela presença de alunos de camadas médias e populares e, com isso, não assegurariam mais, no imaginário dos alunos de camadas favorecidas,

---

<sup>40</sup> Mas existem outros reconhecidos e instalados nas regiões nobres da capital como a Savassi e Mangabeiras

aquele diferencial de treinamento dos processos seletivos de épocas passadas. Os estabelecimentos escolares – cursinhos, são portanto, hierarquizados. O Gaia Pré-Vestibular é ator vivo nessa história. Ele deixou de ser um curso tradicional destinado as elite se configura, agora, como um curso destinado as camadas médias e populares e atende, majoritariamente, alunos egressos do ensino médio e das escolas particulares que não estão no rol daquelas consideradas escolas da elite.

Os preços, praticados pelo Gaia, chegam a ser o dobro daqueles cursinhos considerados populares, mas não muito inferiores às mensalidades dos cursos destinados à elite<sup>41</sup>.

## **2.2 A situação geográfica do Gaia Pré Vestibulares.**

O cursinho Gaia Pré-Vestibulares encontra-se localizado em sítio geográfico privilegiado, devido a alguns aspectos estratégicos como: contar com a proximidade da rede bancária, ficar próximo das Faculdades Pitágoras e Promove, da Escola de Direito da UFMG, da UNA, das Ciências Médicas e da Faculdade de Medicina da UFMG e de colégios confessionais, estaduais e técnicos. O entorno do cursinho é marcado pela presença de restaurantes - self-service, livrarias, papelarias, os melhores “sebos” da cidade, linhas de ônibus, museus, bibliotecas, bancas de jornais, apart-hotéis, três Shoppings Centers, farmácias, cafés, estacionamento, Palácio das Artes, Teatro da Cidade, Casa do Jornalista, da Escola Superior de Música e barzinhos - ponto de encontro de alunos de todos os cursinhos da região.

Por outro lado, um dos fatores negativos, mais reclamados durante a investigação, foi relativo à segurança, principalmente para os alunos do noturno, devido à onda de violência que tem crescido, em Belo Horizonte, nos últimos anos.

A localização geográfica do Gaia Pré-Vestibulares contribuiu para o seu sucesso, diante de outros cursos similares e que têm o mesmo objetivo – atender

---

<sup>41</sup> Os preços praticados pelas diversas modalidades de cursinhos foram obtidos a partir de consulta telefônica. Assim, os cursos populares cobram mensalidades – sem material didático, entre R\$ 70,00 a R\$120,00. Os cursinhos, destinados a classe média ou intermediária, cobram mensalidades de R\$170,00 a R\$280,00. Esse é o caso do Gaia Vestibulares e similares. Os cursos destinados às camadas mais privilegiadas cobram mensalidades que variam entre R\$500,00 e R\$800,00.

às demandas de alunos de camadas médias e populares para os vestibulares das federais.

O cursinho Gaia encontra-se próximo à área de circulação de ônibus, de bairros populosos como a Floresta, Santa Tereza, Carlos Prates, Colégio Batista, Funcionários, bairros das classes médias e populares de Belo Horizonte, atraindo, portanto, a clientela dessa região. Por outro lado, o cursinho fica próximo aos Bairros de Lourdes, Santo Agostinho e Savassi, que são considerados bairros de camadas mais favorecidas e, mesmo sendo uma minoria, segundo a informação dos dirigentes, atende parte da clientela dessa região. Outros cursinhos concorrentes encontram-se nas imediações, o que faz com que alunos se encontrem nas lanchonetes e restaurantes e, não raro, nesse espaço de convivência, fazem transferências de um cursinho para outro, em um processo migratório, natural, motivados pelo efeito “boca-a-boca”<sup>42</sup>.

Verifiquei que a localização geográfica do cursinho Gaia contribui para que a sua clientela seja, majoritariamente, constituída por alunos pertencentes as camadas médias e populares e que, atualmente, segundo relato dos dirigentes, escolhem o cursinho pelas condições de custo das mensalidades, das taxas de materiais, da proximidade de suas residências ou facilidade de transporte coletivo, além do reconhecimento da qualidade de ensino propagada na mídia.

### **2.3 O espaço físico destinado aos alunos**

Na opinião do prof. Marcos,

”o prédio do cursinho – Gaia-Pré Vestibulares, possui salas grandes, em forma de anfiteatro, som ambiente, ar condicionado, o que nos possibilitou uma melhor acomodação. O cursinho é bem servido por linhas de ônibus e o entorno, após 19 horas, não oferece impedimento para estacionamento de veículos”.

O prédio foi construído para a finalidade de atender aos alunos de um cursinho. O espaço interno é constituído por grandes salas e, após as aulas, os alunos saem para suas casas, rapidamente, sem problemas para a circulação interna que pode ser geradora de tensões e de insatisfações.

---

<sup>42</sup> Os próprios alunos se encarregam de propagar as vantagens do cursinho atraindo novos interessados.

Considerando, ainda, a informação do professor Marcos,

“O Gaia pré-vestibular oferece ao seu público: 5 salas grandes sendo que as do 3º andar atendem 300 alunos cada, As salas de aula do 2º andar são menores e atendem até 200 alunos cada. As demais salas atuam em rodízio com o 3º ano do Ensino Médio. As salas de aula são arejadas e possuem ar condicionado, telões, computadores, som ambiente e quadro branco. As carteiras escolares são anatômicas e dispostas de tal forma que o aluno da frente não atrapalha o campo visual do colega – é tudo pensado! Além disso, temos a biblioteca, o espaço de vivências junto da lanchonete, sala de computação, redação e sala de estudos, serviço de atendimento ao aluno (SOPE), núcleo de comunicação e pesquisa (IBOPE), núcleo de psicologia, setor de orientação vocacional, núcleo de métodos de ensino e aprendizagem e sala de manutenção dos equipamentos das salas de aula que funciona de segunda a sábado para atendimento ao professor”.

Dessa forma, considero que o espaço físico do cursinho proporciona uma relação de interdependência e de vivências entre as instâncias e agentes de socialização, de forma a garantir que as relações interpessoais, entre os professores e alunos, possam contribuir para na construção de estratégias para a aprovação nos vestibulares ou para impedir rupturas, que no jargão do cursinho, significam evasão.

#### **2.4 A arquitetura do Gaia Pré Vestibulares**

O prédio onde funciona o cursinho Gaia apresenta uma arquitetura contemporânea. O seu espaço interno foi inteiramente reformulado para atender a um colégio de ensino médio e a um cursinho pré-vestibular. Trata-se de uma estratégia corporativa que procura aproximar o aluno do Ensino Médio dos alunos do cursinho, objetivando, com isso, criar um clima de competitividade, voltado para os vestibulares.

Os alunos do 3º ano, do Ensino Médio, ocupam salas de aula com capacidade para até 60 alunos<sup>43</sup> - menores que as do cursinho e com toda a tecnologia instrucional. Essa estratégia de gestão do cursinho Gaia não é isolada,

---

<sup>43</sup> A capacidade da sala de aula não é inteiramente ocupada, chegando no “pique da matrícula”, entre 50 a 60 alunos.

pois a tendência, no mercado de cursinhos, é atender, ao mesmo tempo, alunos de Ensino Médio e de cursinho para garantir maior envolvimento da instituição com o aluno, reduzindo, as evasões, e permitindo tempo de permanência dos alunos na instituição.

A concepção arquitetônica original, destinada às grandes demandas de até 300 alunos por sala, foi substituída por ambientes menores com capacidade de atender no máximo 100 alunos de ensino médio. As salas foram construídas ocupando salões, em patamares em que o aluno da frente não atrapalha o campo de visão de outro e o quadro é colocado de forma que se possa ter ampla visibilidade da aula, do professor ou da projeção multimídia. Segundo o prof. Marcos, *“esse perfil arquitetônico foi inspirado nas escolas americanas modernas em que as salas apresentam uma forma de anfiteatro”*.

O “design” da sala permite ao aluno ter maior visibilidade do quadro branco e o som ambiente favorece o professor que pode trabalhar com menor esforço vocal, pois as salas são dotadas de modernos equipamentos de mídia.

Como são salões em forma de anfiteatro, a atmosfera ambiente é tratada de forma singular com ar condicionado, reduzindo o desgaste físico do professor e dos alunos. Mesmo assim, percebi, no trabalho de campo, intensas reclamações, por parte de alguns alunos, do funcionamento do ar condicionado.

O prédio possui quatro andares, sem elevadores e o acesso é feito por escadas largas o que permite a saída rápida dos alunos. No primeiro e no segundo piso, as salas foram adaptadas para acolher as séries que vão do 1<sup>a</sup>. ao 3<sup>a</sup>. ano do ensino médio. Para os alunos do 1<sup>o</sup>. e do 2<sup>o</sup>. ano do Ensino Médio, a saída se dá pela área lateral o que favorece o escoamento. Em cada andar, os alunos possuem escaninhos alugados onde podem guardar os seus pertences escolares e duas baterias de banheiros, masculino e feminino. A cada intervalo entre as aulas, os banheiros são limpos e colocados em condições de uso.

Quanto à satisfação do aluno, em relação ao quesito instalações e condições materiais, na opinião do prof. Marcos,

“Fazemos pesquisas constantes com os nossos alunos sobre o laboratório de informática, biblioteca e sobre a introdução do sistema de aprendizagem virtual (Ensino à Distância) em Matemática, Física, Química e Biologia. O grau de satisfação percebido

nas pesquisas fica em torno de 80%. Esse mecanismo de pesquisa a que o Diretor se refere, é medido pelo IBOPE<sup>44</sup>, denominação dada pelos professores para a aferição do grau de satisfação interna. Trata-se de um questionário que o aluno responde avaliando os serviços de atendimento e os professores”.

Para o Diretor, 80% de aceitação é um índice satisfatório e que: , “é também o índice mínimo de satisfação com o professor”<sup>45</sup>. Para o diretor, as condições materiais - a arquitetura, o revestimento das paredes e dos pisos, o balcão de atendimento, os funcionários do atendimento, a limpeza interna e o layout da fachada - contribuem para que o aluno, de camadas mais privilegiadas, reconheça nesse espaço escolar do cursinho Gaia, uma extensão do seu *habitus* familiar e escolar. Por outro lado, esse visual, segundo o Diretor, causa uma impressão positiva para os demais alunos, gera um clima bom para todos e atrai alunos de camadas médias e populares que valorizam a escola com aparência bonita.

O hall do cursinho corresponde ao espaço mais moderno, sendo que o piso e o balcão de atendimento são revestidos de granito e lembram o *hall* dos antigos cinemas de Belo Horizonte.

Dessa forma, o cursinho aposta em um diferencial estratégico, em uma conjugação de pontos positivos para atrair novos alunos como: a moderna concepção arquitetônica em que o prédio foi construído, e não adaptado, para ser um cursinho de Pré Vestibular, da sua trajetória de sucesso nos vestibulares, da carga horária de 30 aulas semanais, do material didático e de seus professores que são reconhecidos pelos alunos como detentores de elevados índices de aceitação no IBOPE da instituição.

## 2.5 Como se processa a matrícula no Gaia Pré Vestibulares

Segundo relato de Vanessa, secretária do Cursinho Gaia, existe;

---

<sup>44</sup> É usual que os professores se refiram a essa pesquisa de avaliação., simplesmente como IBOPE.

<sup>45</sup> Em qualquer época do ano, se o professor avaliado obtiver uma pontuação inferior a 80%, ele será advertido e, caso sua avaliação não melhore - ele será demitido. O cursinho segue os princípios da qualidade total na prestação dos serviços, pois acreditam ser a forma de dar retorno - ao aluno e familiares, pelo investimento.



“uma equipe de funcionários que fica, permanente, durante o ano visando à captação de alunos. Como a matrícula é sazonal, o cursinho contrata freelancers, para essa fase, visando atender os alunos novatos. Alguns alunos procuram o Gaia Vestibulares apenas para sondar preços e alternativas de descontos. Os “free lancers” são funcionários temporários contratados em novembro e ficam até março, alguns deles são novamente contratados no período de julho a agosto, períodos destinados às matrículas para o curso extensivo e intensivo. Os atendentes são alunos do cursinho ou estudantes universitários que utilizam o que recebem de salário, para abater prestações nas universidades ou amenizar o custo do investimento familiar na sua subsistência. Os alunos – funcionários, trabalham no “call center” cuja finalidade é receber as ligações de alunos sobre o processo de matrícula e encaminhá-los aos atendentes de plantão”.

O processo de matrícula no cursinho Gaia é um ritual muito importante, pois determina o número de aulas que o professor terá e aponta, de certa forma, nos períodos de baixa matrícula, os sinais de redução do quadro de atendentes e de funcionários da administração. Tudo parece “girar” em torno da matrícula. O processo de matrícula sofre, imediatamente, os efeitos dos resultados nos vestibulares, veiculados na mídia e na publicidade, confirmando ou não o sucesso do cursinho nos resultados dos diversos processos seletivos.

Na opinião de Vanessa,

“o serviço de matrícula deve ser muito rápido, pois a concorrência<sup>46</sup> pode captar o nosso aluno por falta de um bom atendimento. É importante ressaltar que o cursinho treina o seu atendente no “call center” e no atendimento de balcão, ou seja, a recepcionista. Os cursos de treinamentos são feitos por empresas profissionais especializadas. O nosso funcionário é uniformizado para se destacar no hall e no prédio, para que as famílias tenham maior visibilidade e atendimento rápido”.

Para a matrícula, são exigidos dos candidatos apenas documento de identidade e a comprovação de endereço. O controle de matrícula é feito através do contrato assumido pelo aluno e pelo responsável.

---

<sup>46</sup> A palavra concorrência é um jargão dos cursinhos referindo-se aos outros cursinhos similares.

## 2.6 O espaço de convivência no Gaia Pré Vestibulares

Como foi revelada, por Vanessa, a administração do cursinho destina aos ex-alunos e alunos matriculados tarefas de atendimento ao público, já que eles conhecem a operação do cursinho, a biblioteca, o centro de informática, as salas de aula e outras dependências. Nesse caso, eles não precisam de treinamento. Eles são designados para fazer uma visita guiada com os pais ou responsáveis pelos alunos interessados na matrícula, sendo isso muito mais eficiente, pois estão motivados, conhecem os professores e o cursinho – “vendem” mais fácil a imagem do Gaia Pré-Vestibulares.

O aluno só terá acesso ao interior do cursinho se estiver matriculado, caso contrário, ele terá um acompanhante pois, segundo a secretária:

“temos equipamentos e materiais particulares de alunos que têm de estar protegidos, visamos dar segurança aos nossos alunos. - Só se entra no cursinho por sistema de catraca digital (hand key), a máquina faz leitura digitalizada da inscrição e uma leitura biométrica da palma da mão”.

Só um aluno tem as características daquela mão. Outro aluno, não poderá entrar utilizando uma inscrição falsa. Mesmo assim, alguém pode burlar o sistema, então, o cursinho mantém mais dois funcionários na portaria. A *“segurança, hoje em dia, é vital para a tranquilidade de nossos alunos, estamos na região central de Belo Horizonte onde tudo pode acontecer”* (Vanessa).

Em cada andar, o cursinho Gaia coloca um disciplinário que impede a entrada, em classe, de alunos atrasados, mantendo a ordem e administrando a ausência de algum professor - esvaziando os corredores e impedindo qualquer tumulto que possa prejudicar o trabalho de outro professor.

Segundo relato da aluna Priscila, *“é razoável a preocupação com a segurança do prédio e com a disciplina dos alunos, já que as turmas são numerosas”*. A relação pessoal dos alunos com os disciplinários é de cordialidade. Segundo professores e alunos entrevistados, muitos deles tornam-se amigos desses funcionários. Esses funcionários atuam em todos os andares do cursinho e garantem a segurança dos alunos e dos professores, caso algum material acabe, como pincel ou haja uma pane no sistema de iluminação, de som, de multimídia ou mesmo aconteça algum caso relativo à disciplina - esses funcionários entram

imediatamente em ação. Eles, também, atuam nos eventos disponibilizados pelo cursinho.

A secretária Vanessa, afirma que:

“o cursinho possui um mini-hall onde os alunos se encontram no recreio. Uma vez por mês, eles se apresentam com suas bandas na hora do recreio. Esses eventos são feitos pelo núcleo de comunicação e marketing do cursinho. Esse evento ocorre, na verdade, uma vez por semestre, ao longo de uma semana. É o momento em que o aluno tem de se mostrar para o seu colega, para o seu público, é bom para o ego deles – o hall fica cheio”!

Esse hall, local também em que há lanchonete, é percebido pelos alunos como uma extensão da sala de aula, um local de confraternização, de vivências, onde são organizadas suas relações sociais e, eventualmente, destinado as representações artísticas. É um espaço de socialização em que muitas das diferenças de classe são minimizadas e favorecem um relacionamento que pode se estender além do cursinho, como já foi percebido na pesquisa de Portes (2001).

Na opinião de Vanessa,

“A lanchonete é um serviço terceirizado. Existe um “banner” com os valores das calorias dos alimentos e quais os mais adequados para eles. Os alunos contribuem com sugestões que, normalmente, são acatadas, para a melhoria dos serviços da lanchonete que está conosco desde 2001”.

Para a orientadora do Gaia,

“a preocupação com a venda de alimentos saudáveis é muito grande e levada a sério pelos pais, já que a grande maioria dos alunos passa o dia aqui dentro do cursinho e só retornam para casa para dormir” (Clarissa).

Mas para a secretária,

“Quando os alunos querem, no entorno do cursinho existem diversas casas de alimentos rápidos –fast-foods, de todos os tipos, e até melhor para os alunos, pois eles podem sair para o espaço urbano o que contribui para descansar e aliviar a cabeça deles”.(Vanessa).

Uma singularidade do cursinho, como escola, corresponde as salas de aula - espaço de convivência e de aprendizagem. Para a diretoria do cursinho, as salas de aula, foram construídas para disponibilizar aos professores e alunos, uma série de recursos didáticos. Houve preocupação com a disposição do quadro para as aulas expositivas, pois elas são dominantes, *"investimos muito na multimídia", repensamos a disposição das carteiras e até a pintura das paredes foi analisada para definir a cor menos estressante"* (Marcos).

A segurança, no cursinho, é considerada vital e, como já vimos, os alunos só têm acesso ao interior do prédio por sistemas de catracas - como são reconhecidas pelos alunos - "hand kay" que executam a leitura biométrica da mão, evitando a presença do "penetra".

## **2.7 A grade curricular do Gaia Vestibulares**

Como em qualquer instituição de ensino, o tempo escolar no Gaia é dimensionado e organizado por disciplina. Há variações na carga horária para que o tempo escolar seja ajustado ao curso extensivo (anual) com sua seqüência, ou ao curso Intensivo (semestral). Além disso, o tempo escolar se ajusta às escolhas dos vestibulandos, com bastante flexibilidade, para abarcar as "áreas de exatas, de humanas e biomédicas. De modo geral, as disciplinas são: Língua Portuguesa e Literatura, Biologia I e II, Matemática I e II, Física I e II, Química I e II, História, Geografia, Inglês e Espanhol.

O curso extensivo e intensivo<sup>47</sup> dispõe de uma carga horária de 30 horas-aulas semanais para os turnos da manhã e da tarde. O curso noturno oferece uma carga horária menor, sendo de 26 horas-aula, de segunda a sexta feira, mais aulas complementares de Inglês e Espanhol, no sábado, pela manhã ou à tarde. História e Geografia têm uma "carga horária" equivalente, ou seja, 2 horas aula, por turma e por turno. As aulas de Filosofia só entram para segunda fase da UFMG e com 12 horas-aula para atender ao programa exigido para o vestibular de Direito.

---

<sup>47</sup> O curso extensivo é oferecido pelo período de 10 meses. É um curso anual e rivaliza com o 3º ano do Ensino Médio. O curso Intensivo é semestral e prático. Os professores resolvem os exercícios e comentam a teoria. O Superintensivo é um curso oferecido a partir da 1ª. etapa da Federal e, costuma ter a duração de 5 semanas. O Etapa II é um curso oferecido para os alunos aprovados após a 1ª. etapa da UFMG. Trata-se de um treinamento, por disciplina e com exercícios de questões abertas..

### Composição curricular semanal do curso extensivo

Disciplinas	Manhã e Tarde					Noite							
	Núcleo Comum	Núcleo Específico (divisão em cinco Áreas)					Núcleo Comum	Núcleo Específico (divisão em cinco Áreas)					
		A	B	C	D	E		A	B	C	D	E	
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	4						4						
Matemática	4		1		1	1	4		1		1	1	
Física	3	1	2			2	3		1				1
Química	3	2	2				3	1	1				
Biologia	3	2					3	1					
Geografia	2,5			2	2		2,5			1	1		
História	2,5			2	2		2,5			1	1		
Língua Estrangeira	2						2						

#### Discriminação das áreas:

**A** ( Biomédicas); **B** (Exatas com Química); **C** (Humanas); **D** (Gerenciais); **E** (Exatas sem Química). Esta composição visa atender aos diversos vestibulares das universidades públicas e privadas. Para História e Geografia, o núcleo comum tem duas aulas e meia. Esta meia aula é revezada entre as duas disciplinas. Trata-se de aulas complementares de assuntos atuais para as duas disciplinas. Os conteúdos versam sobre temas diversos: política, focos internacionais de tensão, meio ambiente, economia nacional e internacional, os blocos de pressão, cartografia, população mundial etc. As aulas de língua estrangeira ( Inglês ou Espanhol) ocorrem aos sábados que é, também, no cursinho, considerado dia letivo. A aula de Filosofia é contratada à parte, pois trata-se de uma disciplina que só é exigida na 2ª. etapa do vestibular da UFMG, para o curso de Direito e, portanto, fora da grade anual dos cursos extensivo e intensivo. O curso, voltado para os alunos da 2ª. etapa, tem o seu início logo após a última prova da UFMG, sendo oferecido à parte.

### Composição curricular semanal do curso Intensivo

Disciplinas	Manhã e Tarde					Noite								
	Núcleo Comum	Núcleo Específico (divisão em cinco Áreas)					Núcleo Comum	Núcleo Específico (divisão em cinco Áreas)						
		A	B	C	D	E		A	B	C	D	E		
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	4						4							
Matemática	4		1		1	1	4		1		1	1		
Física	3	1	2			2	3		1				1	
Química	3	2	2				3	1	1					
Biologia	3	2					3	1						
Geografia	2,5			2	2		2,5			1	1			
História	2,5			2	2		2,5			1	1			
Língua Estrangeira	2						2							

#### Discriminação por áreas:

**A** (Biomédicas); **B** (Exatas com Química) **C** (Humanas); **D** (Gerenciais); **E** (Exatas sem Química). O curso Intensivo tem uma duração de 4 meses e o material didático e o número de aulas visam atender às demandas dos alunos pelas faculdades privadas de excelência. Assim, o cursinho oferece apostilas com mapeamentos de textos (mas resumidas), com exercícios voltados para esses vestibulares.

Como estratégia para atrair novos alunos, o cursinho Gaia cria cursos de aprofundamento em disciplinas específicas (2ª. etapa), com material acessório, produzido pelo professor e com uma carga horária de 4 horas por disciplina. É uma forma de “segurar” o aluno do cursinho para não fazer aulas particulares. Verifica-se, na estrutura curricular do cursinho Gaia, a incorporação dos sábados, domingos e feriados como dias letivos, principalmente às vésperas dos vestibulares.

Para o professor Marcos,

“a programação das aulas é feita a partir do programa do vestibular do ano anterior. Iniciado o ano letivo do cursinho, em meados de fevereiro, aguarda-se a reunião do COPEVE da UFMG, geralmente em abril ou maio, para verificarmos as alterações nos programas. Raramente ocorrem

mudanças significativas e, quando ocorrem, o cursinho modifica imediatamente a sua grade curricular e as apostilas, se necessário. Assim, recentemente, aconteceu , com a inclusão de Filosofia para o vestibular de Direito na UFMG. O que se faz é ajustar o tempo ao número de aulas disponíveis. Quando o programa é muito extenso, o cursinho pode estabelecer um curso extra para os alunos”.

## 2.8 O material didático

Os materiais didáticos dos cursinhos preparatórios são as chamadas *apostilas*<sup>48</sup>, também adotadas no Gaia Vestibulares. Trata-se de um resumo de conteúdos do ensino fundamental e médio que formam o arcabouço teórico dos programas dos processos seletivos das universidades. As apostilas são elaboradas pela própria equipe de professores. Esses materiais são seguidos de exercícios de questões dos últimos vestibulares, o que empresta as apostilas, uma imagem de atualização. A coletânea dos chamados mapeamentos<sup>49</sup> é agrupada, por razões estratégicas<sup>50</sup>, em um único volume, para facilitar o transporte e o manuseio por parte dos alunos. A coleção completa é constituída por cinco volumes, com todas as disciplinas dos vestibulares das IFES, com resumo das obras literárias indicadas e com de outros materiais didáticos acessórios, como textos de redação, atualidades e meio ambiente.

As apostilas são entregues aos alunos mensalmente, após o pagamento das mensalidades e do pagamento da taxa de material. Ao final do curso intensivo ou do extensivo, o aluno terá uma coleção de materiais que, caso passe no vestibular, transforma-se em mercadoria. Os alunos que passam nos vestibulares

---

<sup>48</sup> Do lat. *Apostilla*”; *após aquelas coisas*. Adição ou correção marginal ou interlinear de um manuscrito. As apostilas surgem em oposição aos livros didáticos que remuneravam as editoras. Os cursinhos, há muito tempo – não há dados sobre o início da utilização das apostilas junto aos estudantes, utilizam-se desse artifício lucrativo e, atualmente, vendem seus materiais didáticos via de regra, através de franquias.

<sup>49</sup> Os professores autores do Gaia chamam de mapeamento de texto a estratégia de dimensionar os textos de um determinado conteúdo ao tempo do curso dado. Assim, para o extensivo (anual), os textos são completos e para o curso Intensivo (semestral) os textos são mais resumidos e adequados para 4 meses.

<sup>50</sup> As apostilas agrupam todas as disciplinas em um único volume, tendo como objetivo o acompanhamento dos conteúdos trabalhados em classe. Os volumes completos são organizados por provisão de tempo de execução, ou módulos. Esse conjunto de apostilas recebe o nome de mapeamento. Assim, se um professor atrasa um determinado conteúdo isso irá obrigar o aluno a trazer mais material para a próxima aula. Há um outro fator de natureza comercial: as apostilas são entregues parceladas, a fim de obrigar o aluno a pagar a taxa de material e a mensalidade.

costumam vender os seus materiais aos novos estudantes do cursinho ou emprestam para os seus colegas tirarem xerox, o que é muito comum.

Aqueles alunos, portadores de boas condições econômicas, adquirem as apostilas. Aqueles com dificuldades financeiras utilizam o expediente de “xerocar” as apostilas novas ou adquiri-las mais baratas, dos antigos colegas. Nas proximidades do cursinho, existem livrarias denominadas “sebos” que comercializam não só livros raros mas, também, apostilas de diversos cursinhos.

As apostilas são percebidas pelos professores como “resumões” de todas as matérias, já que o tempo necessário para trabalhar com todos os conteúdos, propostos nos programas dos vestibulares, não caberia na grade curricular convencional do cursinho. Caso os professores não consigam cumprir a programação, por razões diversas - feriados que coincidem com as aulas de um determinado professor, deficiências de alunos que impedem o desenrolar de uma aula ou por outros motivos, nesses casos, o cursinho pode optar por aulas extras, com material didático acessório, cumprindo, assim, a programação acordada com o aluno<sup>51</sup>, reduzindo a tensão entre o professor e o aluno.

A produção do material didático no Gaia Pré-Vestibulares é muito dinâmica, sobretudo quando se trata da elaboração dos resumos de obras para os vestibulares. As obras solicitadas na PUCMINAS e na UFMG são diferentes o que obriga a equipe de professores de literatura, cada semestre, a disponibilizarem para os alunos todo o material dos vestibulares. O objetivo das apostilas é o de auxiliar o professor a dinamizar as aulas em menor tempo e a reduzir o volume de aulas extras.

Um dos problemas das apostilas, na opinião do professor René (Literatura):

“consiste no risco do autor da apostila minimizar os conteúdos propostos pelas universidades - por que é tudo muito rápido e, nesse caso, pode ser prejudicado o estudo de obras”.

Os materiais didáticos, sobretudo as apostilas, apresentam algumas finalidades estratégicas, além da exposição dos textos aos alunos. Elas adquirem

---

<sup>51</sup> Essas aulas extras, elevam os custos indiretos da administração, reduzindo a margem de lucro que é estabelecida pelos sócios antecipadamente, porém, quando a disciplina é prioritária para os alunos na 1ª. ou 2ª. etapa dos vestibulares, as aulas extras ocorrem com material didático apropriado que são vendidos aos alunos.



uma natureza revisional dos programas escolares do ensino básico, para o treinamento dos exercícios propostos. Os exercícios das apostilas, com muita frequência, reproduzem as questões das provas passadas dos vestibulares. O objetivo é o de familiarizar o aluno com o “tipo de questão” da prova, sua construção e sua linguagem. Esses exercícios são acompanhados dos gabaritos no final de cada capítulo. As questões abertas, aquelas destinadas à segunda etapa dos vestibulares das IFES, são resolvidos em classe ou em aulas extras.

Esses materiais têm a particularidade estratégica de reduzir, ao máximo, as aulas extras, através de mapeamentos dos textos, tornando a apostila extremamente pragmática<sup>52</sup>.

No manuseio das apostilas, o professor trabalha os “macetes”<sup>53</sup> das provas: como as questões são elaboradas, o que se quer avaliar na questão, a redação das questões, a seqüência dos conteúdos, o tempo de resolução de cada questão, etc. É um treinamento constante para as provas de seleção as IFES.

Na opinião do professor Cléber (Química), sua aula acompanha, rigorosamente, o programa estabelecido pela COPEVE da UFMG. A aula tem como referência, para os alunos, a apostila de Química em que os conceitos e os exercícios são trabalhados em classe. As aulas, segundo o professor, são tradicionais, no jargão do cursinho “*cuspe e giz*” e as apostilas são materiais de referência do aluno para seus estudos e exercícios.

Também para o professor Fausto, de Matemática, as apostilas são muito importantes pela seqüência dos conteúdos, porque ajudam os alunos que não têm uma base matemática para acompanhar as aulas. Nesse caso, ele desenvolve uma lista de exercícios, complementares às apostilas de Matemática e indica a monitoria para acompanhar os alunos. Para o professor Fausto, as evidências das falhas no ensino da Matemática, no ensino médio, contribuem, em muitos casos, para os alunos mudarem de área no cursinho.

---

<sup>52</sup> Foi percebido, no trabalho de campo, que alguns professores já estão habituados com os textos e exercícios das apostilas e não seguem, portanto, as rotinas estabelecidas nos planejamentos pedagógicos e na seqüência dos textos. As aulas são adequadas ao ritmo de aprendizagem dos alunos.

<sup>53</sup> A palavra macete faz parte do jargão do cursinho, à medida que insinua as receitas para a resolução mais rápida e eficaz de um problema na hora da prova.

O sucesso das apostilas é legitimado pelos vestibulares - quando os exercícios propostos coincidem com as questões dos vestibulares oficiais, o autor da apostila é reconhecido e, em muitos casos, passa a ser cogitado por outros cursinhos para escrever o seu material. As atualizações dos conteúdos são feitas a partir de encartes de textos, o que contribui para o “marketing” didático e visual das apostilas.

As apostilas do cursinho Gaia Pré-Vestibular, são vendidas às escolas privadas do interior e para outras cidades do país, através de uma rede de parcerias escolares, estabelecidas através de franquias, aumentando as possibilidades de lucratividade da empresa e tornando o trabalho da instituição conhecido. Ampliando a lucratividade do cursinho, o professor, autor da apostila, tem o seu trabalho remunerado por direitos autorais, assegurado em contrato<sup>54</sup>.

Para o professor Marcos:

“desde 1996, o cursinho Gaia já exportava apostilas e tecnologia instrucional para os nossos parceiros do interior de Minas e de outros Estados através da Rede Gaia de Educação”

Na opinião do professor Abdo, autor da apostila de Física;

“ atualmente, as apostilas, são denominadas de “livros” pelas redes educacionais e seguem as diretrizes do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) o que obriga as editoras, que surgiram com os cursinhos, como o Objetivo, o Positivo, o Pitágoras, o Promove, Gaia Pré Vestibulares e dezenas de outros a respeitarem as diferenças regionais e os programas dos vestibulares destas regiões, bem como os direitos autorais.”

Portanto, para o professor, as apostilas têm de se adequar aos programas e à cultura de um determinado Estado ou região, para ser considerada apta a ser adotada pela rede educacional de um cursinho parceiro. Por outro lado, as apostilas têm de se adequar às normas técnicas de revisão para que se possa ter

---

<sup>54</sup> O percentual de remuneração pelo direito autoral varia entre 5% a 10% por edição, discriminados nos contratos.

credibilidade junto aos sujeitos e atores do processo propedêutico do cursinho conveniado.

Nesse relato do prof. Abdo, fica clara a importância da apostila para o aluno, como referencial teórico e prático e, segundo o professor”:

“o aluno observa se o conteúdo dado em classe tem sua seqüência na apostila, para posterior leitura. Se o professor não acompanhar a apostila o aluno irá reclamar junto à coordenação pedagógica do cursinho”.

Ele ainda apontou que *“as apostilas de Física do cursinho precisam ser reformuladas com a adição de novos exercícios e de uma revisão mais apurada dos textos”* - argumentação que não é compartilhada pela direção do cursinho que sinaliza para os elevados custos de uma revisão constante dos materiais. Mas, para ele, todo o material didático deveria ser constantemente atualizado, para não passar uma imagem de que o cursinho está superado.

O professor observou que:

“quando isso ocorre, o aluno, sem nenhum constrangimento, leva uma apostila de um cursinho concorrente com textos e exercícios, mais atualizados”.(Abdo).

Mas há resistências ao uso de apostilas como material didático essencial. Além da necessidade de ampliação de exercícios, já apontada, ele afirma que as apostilas estão com conteúdos muito reduzidos o que acaba comprometendo o resultado final dos vestibulares.

Uma das características dos livros didáticos e, por extensão, das apostilas dos cursinhos, é a versão reducionista dos textos originais e dos conteúdos. Dito de outra forma, os textos das apostilas não induzem ao aprofundamento dos conteúdos e não estabelecem uma “conversa” com outras disciplinas – são textos rasos e descontextualizados, construídos a partir de manuais didáticos.

Na opinião do professor René (Literatura):

”são idéias lançadas e incorporadas pelo aparelho burocrático-pedagógico do cursinho e,(sic ...) repassado aos alunos e familiares a equívoca idéia de modernidade, da qualidade total e da excelência escolar”.

Dito de outra forma, é repassar uma “coisa velha”, de baixa qualidade literária, como uma “coisa” nova, de qualidade. É claro, que, alguns autores que já participaram da produção de materiais para os cursinhos, apresentavam materiais de elevada qualidade. O autor mais lembrado pelos professores do cursinho Gaia, nas entrevistas, foi o professor de matemática, Mário de Oliveira<sup>55</sup>,

Também para a aluna Isabela:

“as apostilas deixam a desejar à medida que, em algumas disciplinas, apresentam textos e exercícios ultrapassados, obrigando a aluno a buscar em outras apostilas, de outros cursinhos, explicações para as suas dúvidas ;”faltam textos mais atualizados sobre o meio ambiente, geopolítica, exercícios novos de Matemática, Física e Química, enfim, as apostilas precisam de ser revistas”.

Mas o uso de apostilas faz parte de uma concepção de prática escolar que considera a apostila algo moderno. Usar apostila tornou-se moda e, no cursinho, essencial.

## **2.9 As atividades da Monitoria.**

O serviço mais procurado pelos alunos no cursinho Gaia, principalmente pelos que apresentam dificuldades de aprendizagem em disciplinas como Matemática, Química, Física e Português, é o da monitoria.

Consiste em uma prestação de serviços complementares, com atendimento individual ou em grupos pequenos, para melhor aprendizagem. Em algumas situações, os monitores trabalham articulados com outro setor, o SOPE (Setor de Orientação Pedagógica e Educacional) para ajudar os alunos que não sabem estudar. Neste caso, eles trabalham com dicas<sup>56</sup> para melhorar a rotina e o desempenho nos estudos.

---

<sup>55</sup> Professor de Matemática e fundador do Curso Mário de Oliveira, especialista em concursos de admissão ao ginásio e às universidades brasileiras, anos 50 e 60. Foi um dos fundadores da UNI-BH.

<sup>56</sup> A palavra “dica” é muito utilizada no jargão do cursinho. Trata-se de procedimentos didáticos simplificados para a resolução rápida de um problema.

Os alunos começam a procurar os serviços da monitoria tão logo começa o período letivo do cursinho. Os serviços são mais exigidos a partir da publicação dos resultados dos primeiros simulados. Observa-se que alunos com deficiência em disciplinas como Língua Portuguesa, Geografia, História, Inglês ou Espanhol, passam a exigir, atendimentos mais sistematizados. Para esse atendimento, o cursinho contrata, às vezes, profissionais fora do quadro de professores que podem ser graduados ou estudantes universitários. É um caso extremo e só ocorre se o monitor ou professor não tiverem disponibilidade no horário. É muito comum observar o professor se esquivar do atendimento da monitoria, pois a hora-aula tem custo baixo<sup>57</sup>, se levar em consideração o preço da aula regular.

Na opinião do professor Rodrigo, "o professor-monitor pode marcar "aulões" para uma revisão de capítulo, ou para explorar um tema relevante com possibilidades reais de cair em uma prova de vestibular. Algumas vezes, o professor monitor é exigido para substituições eventuais ou torna-se solicitado pelos alunos para ser o professor titular da turma. Esse fato é gerador de tensões entre os professores, criando competitividade negativa e destrutiva, corroendo as relações profissionais. É o caso do professor Fausto (Matemática), que era monitor e, devido a sua dedicação ao ensino de matemática, foi considerado pelos alunos como o professor mais adequado para assumir as aulas do Gaia Pré-Vestibulares, na vaga deixada por outro professor de mesma área.

Diante do risco de conflitos, professores e monitores trabalham com programas pré-estabelecidos pela coordenação pedagógica que é exercida pelo professor Marcos, um dos sócios do cursinho. A monitoria é percebida pelos professores entrevistados como uma oportunidade que esses jovens professores almejam, para chegar a patamares superiores no sistema de ensino do cursinho.

O serviço de monitoria fica à disposição dos alunos de 2<sup>a</sup>.feira a sábado, em horários estabelecidos pelo cursinho, pela manhã, tarde e à noite, exceto sábado à noite e domingo. Às vezes, o cursinho inclui o domingo para aulas de obras literárias, quando não o faz aos sábados.

---

<sup>57</sup> Leva-se em consideração para efeito de pagamento da aula da monitoria, o valor aula do 3<sup>o</sup>. ano do Ensino Médio, sem os benefícios, ou seja, R\$10,00. O professor do cursinho, ganha, em valores atualizados R\$45,00, a hora.

Em decorrência do serviço da monitoria, alguns alunos entram no cursinho às sete horas da manhã e só saem às vinte e três, utilizando os serviços pedagógicos do cursinho como espaço escolar para estudar.

Os monitores trabalham individualmente ou em grupos com os alunos e, posteriormente, trabalham com grupos maiores que, em algumas ocasiões, são chamadas de “aulões”. Com o tempo, os monitores podem chegar até ao número máximo de alunos em sala de aula do cursinho. Esse tipo de serviço é apontado, pelos professores, como uma escola para professores, pois os monitores trabalham com todos os equipamentos que os professores têm à sua disposição e, assim, estão sendo treinados para a função de professor de cursinho.

Na opinião dos alunos:

“a monitoria de algumas disciplinas como Biologia, Química e Matemática estão sempre cheias. O setor não dá conta de atender às nossas dúvidas, exceto nos aulões ou nos “tira-dúvidas”. Muitos colegas meus procuram as “salinhas” – aulas particulares, fora do cursinho, para melhorar o desempenho nas disciplinas específicas de suas áreas” (Isabela, aluna do extensivo).

Ainda para Priscila,

“se você tem dúvida, os monitores estão lá, eles tiram nossas dúvidas, ajudam a entender os exercícios, ajudam a aprender a estudar”.

Para a aluna Priscila (do extensivo),

“as monitorias estão sempre lotadas, atendendo sempre pequenos grupos é, por isso, que cerco os professores após as aulas para responder às minhas perguntas”.

A procura pelos serviços da monitoria é maior que o número de monitores e salas disponíveis. Os alunos procuram atendimentos em outros turnos ou formam grupos de estudos na biblioteca.

## **2.10 O setor de redação.**

Além da monitoria de Exatas, que é muito procurada pelos alunos, o setor de Produção de Textos, Língua Portuguesa e Literatura é muito exigido. Nas entrevistas e no questionário, ficou claro que o número de livros lidos pelos alunos é baixo, uma média de um livro por ano e, na maioria dos casos, raríssima leitura

de jornais e revistas, principalmente de alunos de segmentos populares. Essa indiferença quanto à leitura e, também, em relação ao contexto sócio-político, por parte do aluno, de uma maneira geral, contribui, segundo os professores, para a reprovação nos vestibulares, já que a redação é considerada obrigatória e os temas escolhidos pelas universidades são atuais e contextualizados.

Na opinião da professora Margarida (Redação)

“percebo que os nossos alunos, atualmente, são mais alienados sobre o mundo que os cerca e só interessam pelas coisas que dizem respeito aos seus grupos”.

Para a professora, há necessidade de trabalhar com muita leitura, desenvolvimento de vocabulário e de interpretação de textos.

“O curso de redação permite que o aluno, ao longo de um ano, consiga adquirir um hábito razoável de leitura e consiga desenvolver rotinas de redação. Percebo que os textos melhoram muito ao longo de um ano e muitos alunos conseguem ter, na redação, o diferencial para aprovação nos diversos vestibulares”. (Margarida).

No trabalho de campo, junto ao setor de orientação, a profa. Clarissa relatou o caso de aluno que, procurando o serviço de orientação, com dificuldades em Língua Portuguesa, afirmou que nunca havia lido um livro sequer, ao longo do ensino fundamental e médio, corroborando, assim, as afirmações da professora Margarida, responsável pelo setor, de que os alunos que chegam ao cursinho, de modo geral, têm pouco hábito de leitura.

Os temas, propostos para a produção de textos, pela professora Margarida, seguem a temática de assuntos que são atuais e que são considerados relevantes pelas Universidades Federais. Os temas são retirados do cotidiano o que obriga, indiretamente, o aluno a ler jornais e revistas, disponíveis na biblioteca do cursinho ou na internet. Às vezes, como em algumas universidades particulares, o cinema é incorporado à temática dos vestibulares como ocorre com o filme de W. Salles - “Cidade de Deus”, no vestibular da PUCMINAS em junho de 2004. Procuram-se desenvolver redações sobre as temáticas de filmes contemporâneos,

que fazem uma leitura contextualizada sobre os diversos aspectos da sociedade brasileira.

O objetivo, percebido pelos professores de redação do cursinho, é o de alertar os alunos para a dinâmica e a atualidade dos temas propostos nos vestibulares.

Na opinião da professora Margarida,

“Eu percebo que a maioria dos alunos ficam espantados diante dos fatos, estão infantilizados e despolitizados aos 17, 18, ou até mais anos e, claro, que esse desinteresse afeta os resultados das provas, principalmente na produção de textos e nas provas de História e Geografia, à medida que os temas da atualidade são incorporados em questões de múltipla escolha e abertas nos vestibulares das IFES”.

Assim, para a professora, o aluno, ao se preparar para as redações exigidas nos vestibulares, desenvolve a interpretação contextualizada dos textos, a lógica formal da escrita, a leitura e a interpretação dos enunciados das provas abertas e a melhoria da caligrafia.

As aulas de redação seguem os padrões oficiais dos vestibulares, em formulários próprios e são corrigidas por profissionais habilitados, contratados pelo cursinho.

### **2.11 O setor da biblioteca.**

A biblioteca, existente no Gaia, tem avaliação diversificada entre os seus usuários. A biblioteca do cursinho Gaia apresenta-se como um diferencial em relação à concorrência, à medida que, segundo os professores Cléber (Química) e Fausto (Matemática) que trabalham, também, em outros cursinhos, a maioria dos cursinhos concorrentes não possuem área física para se ter uma minúscula biblioteca e nem são possuidores de um acervo de livros com a finalidade de atender as demandas dos alunos.

O cursinho Gaia oferece aos seus alunos, na biblioteca, outras opções de materiais didáticos, paradidáticos, jornais, revistas e terminais de computadores para consultas via internet, nos três turnos. Segundo depoimentos, tomados na



pesquisa de campo, os alunos afirmam que a biblioteca do cursinho é sub-utilizada já que o material didático se constitui de apostilas e seria fundamental que outros livros e materiais didáticos fossem incorporados ao acervo. Os alunos precisam de materiais didáticos complementares. Assim, acabam levando para o espaço da biblioteca outros materiais didáticos inclusive da concorrência e formam grupos de estudos - a biblioteca torna-se, então, um espaço livre para estudos dos alunos.

No depoimento do professor René (Literatura), afirma que:

"um dos problemas negativos da biblioteca é o precário acervo de livros para emprestar aos alunos, corroborando as entrevistas obtidas com os alunos".

Segundo o professor, quando ele solicita um livro, "*encontra-se emprestado ou demora muito a ser entregue*". Com isso, os alunos tentam tirar xerox dos capítulos que eles precisam, senão a aula fica comprometida. Na opinião do professor... "*a biblioteca do cursinho é coisa para inglês ver!*"

Para os alunos entrevistados, o espaço da biblioteca é mais utilizado para estudos individuais ou em grupo. Os grupos de estudos, segundo a bibliotecária, "*são sempre compostos dos mesmos alunos e eles sempre ocupam os mesmos lugares*".

Para alguns alunos entrevistados, a biblioteca é vista, também, como um lugar que os alunos procuram para "matar as aulas" consideradas chatas ou desinteressantes para os seus objetivos nos vestibulares. Eles preferem estudar sozinhos, ocupar o tempo para leitura de jornais e revistas.

A biblioteca encontra-se disponível nos três turnos para os alunos, inclusive aos sábados.

## **2.12 A sala dos professores**

Ao contrário dos colégios tradicionais, que possuem amplas salas para os professores, no cursinho Gaia, a sala dos professores é pequena e desconfortável, sem ventilação adequada.

A sala de professores não dispõe de "toilette" e, nesse caso, os professores compartilham os sanitários dos alunos. Segundo os professores entrevistados, na

maioria dos cursinhos em que trabalham, o espaço de descanso é mínimo e inadequado.

No projeto original do cursinho a sala dos professores não havia sido lembrada ou planejada pelo arquiteto e, quando da reforma do prédio, ela ficou por último, já que todo o espaço disponível deveria ser utilizado para salas de aula.

Segundo relato do professor Marcos,

”era para sala dos professores ficar no 1º. piso, próximo da garagem mas, com o passar do tempo, ela foi oficializada entre o 2º. e o 3º. andar, onde , segundo os proprietários do cursinho deveria abrigar o setor de apostilas”.

Segundo o professor René,

” a sala dos professores é muito abafada, sinto que os professores ficam incomodados com o espaço, o calor e a ausência de sanitários nas imediações (para os professores) e, não existe um computador para rodarmos nossos programas ou para acesso na internet”.

Porém, a sua atual localização possui uma razão estratégica que está relacionada com o rápido deslocamento do professor para as salas de aula. Nesse espaço convivem, por turno, de dez a quinze professores, monitores ou outros atores de apoio à operação do cursinho. Quando o sinal toca para terminar uma aula ou para o final do intervalo ou recreio, um funcionário da administração entra na sala dos professores e já é reconhecido como um “sinal – vivo” para o rápido deslocamento para as salas de aula. Não há ambiente para a permanência do professor na sala dos professores.

Isso pode ser explicado na situação do “professor de cursinho”, que, na maioria das vezes, é considerado um professor *aulista*<sup>58</sup> em diferentes cursinhos.

Assim, ele não tem tempo vago para permanecer junto com colegas. A sala de professores acaba sendo um espaço que não faz falta e que não é reivindicado

---

<sup>58</sup> No jargão do cursinho, o professor *aulista* só trabalha com a preparação, treinamento e resolução de exercícios, não abrindo espaço para discussões sobre temas relativos à educação ou de interesse da categoria. Essa posição é respeitada no grupo de professores, pois alguns professores trabalham em colégios da rede privada e têm posturas diferenciadas diante dos desafios do cursinho.

pelos professores. É recorrente, à hora do intervalo ser interrompida para avisos ou pequenas reuniões.

### **2.13 A Sala de Informática**

A sala de informática, a exemplo da biblioteca, possui um espaço físico pequeno em relação ao número de alunos que a utilizam. Possui uma dezena de computadores que são compartilhados pelos alunos, segundo a funcionária do setor. O aluno pode fazer leitura eletrônica dos jornais e revistas do país, bem como fazer pesquisas. Mas, segundo a funcionária, se ela deixar, eles ficam batendo papo na internet. O cursinho possui programas do ED – Ensino à Distância, voltados para as áreas mais procuradas pelos alunos. Constatei que o material mais procurado no setor de informática corresponde à área de Biomédicas e Exatas, embora exista material que versa sobre história antiga, curiosidades na Geografia Física e para línguas estrangeiras.

Embora dotada de equipamentos modernos, atualizados e que ajudam a estimular o aluno a resolver as suas dúvidas e a rever os conteúdos dos vestibulares, através de CDs, adquiridos de editoras, e por programas produzidos pelos professores, esse “ciberespaço” é pouco procurado. Ao contrário do que imaginam os sócios-proprietários, os alunos não são atraídos para o cursinho pelos seus atributos tecnológicos. De um modo geral, são o corpo docente e os resultados nos vestibulares os maiores atrativos para a escolha dos cursinhos. Essas impressões, reveladas na pesquisa de campo, são corroboradas pelo professor René que trabalha em outros cursinhos”o cursinho X e Y têm o foco nas aulas e no desempenho dos professores e alunos em classe, é isso que atrai o aluno para nós,”

No cursinho Gaia, a *internet* continua estigmatizada como o mundo da cópia” dos textos literários e assuntos do cotidiano que serão debatidos, a posteriori, próximo dos vestibulares, pelo professor.

No trabalho de campo foi observado que, entre os alunos, quando se refere a *internet* ela é entendida como: ” para outras finalidades como acervo de músicas, de “bate –papo” e outras utilizações”. Mesmo o denominado ED – *Ensino à Distância*”, encontra pouca aceitação por parte dos alunos do cursinho que,

resistem à ausência do interprete, do mediador para validar o texto ou as informações sugeridas em classe, nesse caso – o professor.

Os alunos do cursinho, que apresentam déficits de conteúdos, preferem as aulas tradicionais, verticalizadas, com esquemas e resolução de exercícios em classe. Esses alunos são muito resistentes, consideram que a tecnologia é importante mas querem o professor por perto.

Os alunos do cursinho revelam-se conservadores diante da linguagem virtual e exercícios disponibilizados em classe e na biblioteca via CD.

Esses alunos preferem as aulas particulares à interação com a ED. O que eles preferem é interagir com os professores e monitores do cursinho e utilizar a multimídia apenas para um resumo ou conclusão de revisão.

Diante disso, o setor de informática é mais utilizado para outras atividades recreativas ou para buscar informações sobre os vestibulares de centros acadêmicos de excelência, tais como os programas de matérias para provas, os formulários de inscrição, as provas dos seus últimos vestibulares, que são fornecidos livremente via internet. Também são procuradas as avaliações dos cursos superiores que pretendem<sup>59</sup>. Portanto, o aluno poderá ver, em casa, se tiver os equipamentos necessários, as revisões dos conteúdos e das provas de outras IFES.

Para o professor Fausto (Matemática),

"a informática invadiu as salas de aulas dos cursinhos, faculdades, colégios e das empresas. Algumas disciplinas já constam em programas de CD-Room e são muito interessantes, ajudando a melhorar a qualidade da aula, porém, corre-se o risco da aula se tornar cansativa pois o aluno prefere ainda a aula conservadora, no quadro, com giz ou pincel, não importa; para ele, o professor ainda é insubstituível.

---

<sup>59</sup> Essas informações são complementadas pelas revistas especializadas em vestibulares, vendidas em bancas de jornais sobre os diversos vestibulares do país. Observa-se, no trabalho de campo, que as bancas de jornais, no entorno do cursinho Gaia, vendem materiais didáticos em CD de todas as matérias e periódicos finamente ilustrados de todas as áreas dos vestibulares e as últimas avaliações das principais universidades do país, bem como, as avaliações feitas pelo MEC das universidades públicas e privadas do país.

Para o professor, não negando a importância da informática em classe, ele tem a preocupação de que esta ferramenta, mal utilizada, distancia o professor do aluno, criando um vazio no qual, ele, professor, será a vítima do IBOPE.

Para o professor, as aulas são muito cansativas, para os alunos a aprendizagem é relativa. Para estes alunos, a aula “virtual” deveria ser utilizada apenas para a “revisão da revisão”.

”a sala de informática e aulas de multimídia ajudam muito a fixar certos conteúdos, é mais “legal”, as imagens favorecem a memorização de certas passagens de conteúdos, considerados pelos professores como importantes. Com os equipamentos, pode-se praticar jogos, exercícios, análise de textos e trechos de filmes, considerados pelas universidades como importantes para se entender certas passagens da História, da Geopolítica contemporânea e de questões ambientais” .( Wilson, aluno do extensivo).

Alguns colegas reclamam dessas aulas. Segundo o aluno pesquisado - “acham que o professor está enrolando e preferem a aula tradicional, de esquemas no quadro”. Ele considera que essas aulas são muito interessantes, pois tem-se a presença do professor entre o texto, a imagem e o aluno. Para alguns alunos que não têm conhecimento prévio, essa aula será um passa-tempo. Esse aluno não sabe analisar as imagens e nem o contexto”.

Para Wilson,

”para mim a multimídia é novidade, acho que é importante, não considero que os professores que a utilizam estejam enrolando. É novidade mesmo, pois, na minha escola, não tinha( sic)... essa tecnologia à disposição dos alunos. As aulas eram tradicionais, com os professores falando, falando até os alunos dormirem. A multimídia favorece a aula, ela fica mais interessante mas alguns alunos dormem (Isabela, aluna do extensivo).

Para Priscila,

“as aulas de multimídia tornam os conteúdos mais atraentes em relação à apresentação da apostila, principalmente nas aulas de História, de Geografia e de Atualidades. A aula virtual quebra a rotina

das aulas do cursinho” (Priscila, aluna do extensivo).

Mas, na sala de informática do cursinho Gaia, na opinião do professor Marcos,

“encontra-se estendida para todas as salas de aula, onde os equipamentos de multimídia também estão instalados e podem proporcionar aulas interessantes, revisões mais adequadas já que o material está pronto e disponível aos alunos”.

As entrevistas apresentam contradições, sendo que há grupos, apontados pelos alunos e pela orientação pedagógica, com déficits de conteúdos e que sentem, em relação a informática e a multimídia, muita superficialidade.

De um modo geral, os alunos consideram positiva a multimídia como complemento das aulas expositivas, mas preferem as aulas expositivas tradicionais já que, apesar de toda a tecnologia, a palavra final é a do professor. Portanto, caberia a ele “dosar”, adequadamente, as aulas.

Segundo o relato dos professores, os alunos do cursinho gostam de esquemas nos quadros, de aulas pausadas e consideram esses recursos de multimídia, como periféricos à aprendizagem, principalmente alunos com grande déficit de conteúdos.

Para os alunos de classes mais privilegiadas e portadores do diferencial cultural, a aula expositiva ou em multimídia são revisionais e procuram agregar outras informações que possam significar um diferencial nos vestibulares, o que só é percebido por aqueles que já fizeram mais de um vestibular. Os equipamentos das salas de aula incluem o som, o retroprojetor – que já é pouco utilizado, diante de outras tecnologias como o telão e a multimídia, incluindo o DVD e o vídeo cassete.

Entretanto, no grupo de alunos da pesquisa que responderam ao questionário, 88,4% consideram as salas multimídias como elemento que favorece a aprendizagem, situação que foi evidenciada, também, nas entrevistas.

## 2.14 Os simulados

O termo *simulado*, já incorporado aos cursinhos, se refere ao sistema de avaliação, geralmente bimestral, “à moda” dos vestibulares oficiais. Consiste em uma avaliação acumulativa dos conteúdos dados em sala e que apresenta, a rigor, semelhança com as provas dos vestibulares. A data e o conteúdo da avaliação são comunicados aos alunos, bem como os procedimentos de inscrição. Os formulários de inscrição são preenchidos pelos alunos e cobra-se uma taxa simbólica que se refere ao custo do material, aplicação, correção e classificação. O processo é todo informatizado e representa um custo adicional. Os alunos são separados por opção de área para uma melhor verificação. O caderno de provas segue o mesmo formato das provas oficiais com questões de múltipla escolha, exceto a prova de redação que é feita à parte. O aluno preenche os campos do gabarito com o mesmo ritual e rigor exigidos nos vestibulares oficiais. Todo o ritual da avaliação deve ser levado em consideração, pelo aluno, que mede o tempo de duração da prova e, com isso, o cursinho espera que o aluno esteja preparado no momento real da prova.

A aplicação do simulado, no cursinho, é caracterizada pelo sistema classificatório e distintivo, à moda do que pode ocorrer no momento do vestibular e reflete as disposições dos alunos em relação “às regras do jogo”.

”o simulado é importante para o aluno verificar a sua aprendizagem. É importante para que ele aprenda a se situar no ambiente emocional de uma prova, a aprender a lidar com as cobranças pessoais e familiares e a controlar a ansiedade de querer fazer tudo correndo”(Fausto ).

Por outro lado, o cursinho é também avaliado, indiretamente pelo aluno, à medida que os resultados, em uma ou outra disciplina, possam interferir negativamente no resultado final. Para o professor, o aluno nem “pestaneja”, ele culpa o professor pelo resultado negativo e o pune no IBOPE.

Também para os alunos, *”os simulados ajudam o aluno a aprender a fazer a prova da UFMG. É mais um treinamento que prova”* (Isabela).

O gabarito da prova é exibido no hall do cursinho , onde o aluno confere os pontos obtidos ,juntamente com o gabarito oficial do simulado. Os simulados são

realizados aos sábados, considerados, pelo cursinho, como dia letivo. Os fiscais das provas são os funcionários que recebem uma ajuda de custo para trabalhar nesse dia. Os professores são poupados desse trabalho pois seria considerado, pelo acordo sindical, como aula extra o que inviabilizaria a aplicação dos simulados.

## 2.15 O Corpo Docente do Gaia Pré Vestibulares

A composição do corpo docente dos cursinhos, nos anos 60, era constituída, segundo Cunha (1968: 17), *“por engenheiros, médicos, militares da ativa ou da reserva, advogados, escritores, seminaristas, autodidatas que exerciam o magistério ou dos professores do próprio colégio.* Essa situação ainda perdurou nos anos 70.

Segundo relato do professor Arthur,

”esses profissionais eram atraídos, para as salas de aula do cursinho, pelo salário; considerado um diferencial. O denominado “bico” que faz parte de nossa cultura - “como um “expediente tolerado” com a finalidade de se obter um rendimento a mais no salário de carteira, sempre fez parte da nossa cultura”.(sic).

Atualmente, os professores do cursinho formam um grupo mais eclético, atraindo, também, professores licenciados. Entendo que a construção de um imaginário profissional do professor de cursinho pelos alunos vem de casa, a partir das experiências de familiares feitas, anteriormente, em cursinhos preparatórios e que contribuiu para o seu sucesso.

Na pesquisa que realizei fica claro que o papel do professor do cursinho vai além de suas atribuições profissionais. Ele se torna, um importante fator de referência para que os alunos estabeleçam as estratégias de estudos e para a superação do limite pessoal, estabelecido por um arbitrário cultural que é o vestibular. Esse fator contribui para que os alunos permaneçam na escola além dos horários de aula, seguindo as orientações de estudos, feitas pelos professores e pelo SOPE<sup>60</sup> em classe.

---

<sup>60</sup> SOPE \_ Serviço de Orientação Pedagógica e Educacional



O grupo de professores que compõe o atual corpo docente do cursinho Gaia é constituído por profissionais experientes no ramo de pré-vestibulares. Esse grupo de professores tem, em sua maioria, mais de 5 anos de casa. É constituído por 29 professores de todas as áreas do conhecimento e, a grande maioria, possui algum tipo de graduação. Não é exigido do professor do cursinho Gaia, a graduação<sup>61</sup> em licenciatura. Desde que tenha domínio do conteúdo, tenha experiência comprovada e atenda às demandas dos alunos em classe e durante o processo do vestibular, pode ser professor. Entretanto, não se pode confirmar a permanência do quadro de professores, tal como foi descrito por Cunha em 1968. A maioria dos professores do curso Gaia Pré-Vestibulares é egressa de cursos de licenciatura. Destes professores, apenas 2 não possuem licenciatura, sendo um médico – professor de Biologia e, um Engenheiro, professor de Matemática.

A singularidade do cursinho Gaia corresponde à composição, por gênero, do seu quadro de professores. Apenas as disciplinas de Língua Portuguesa e de Espanhol, possuem 5 professoras. As demais disciplinas são ocupadas por profissionais do sexo masculino, ou seja, 24 professores. Na área de serviços de apoio estão os setores com maiores incidências do sexo feminino: correspondem aos núcleos de orientação, psicologia, administração, comunicação, redação, biblioteca, sala de informática, ou seja, nos serviços periféricos às salas de aula.

A maioria dos professores está concentrada em duas áreas importantes do cursinho: Biologia e Matemática, totalizando 11 professores. A disciplina com menor número de profissionais é História, em que apenas um professor trabalha com todas as turmas do cursinho – extensivo e intensivo.

Com exceção do professor Abdo (Física), os demais professores trabalham em outros cursinhos ou em colégios da rede particular de ensino. O fato de trabalharem em outras escolas não é percebido de forma negativa pela administração, pois esses professores são considerados, pelos alunos, “*como os melhores professores do cursinho*” e, por outro lado, como são queridos nas outras

---

<sup>61</sup> No estudo sobre a história dos cursinhos, verifiquei que os professores dos cursos preparatórios são constituídos por auto-didatas; médicos, engenheiros, padres, militares, professores graduados e leigos. Em nenhum momento, no desenvolvimento da pesquisa documental e bibliográfica, percebi algum grau de exigência de que o profissional de cursinho deva ser graduado. O que demonstra, de certa forma, que as atividades propedêuticas dos cursinhos deveriam ser consideradas transitórias e, por isso mesmo, não exigiriam do poder público, uma maior verificação de suas atividades docentes.

escolas: “*podem atrair alunos para o cursinho (prof. Marcos)*. Ressalte-se que a jornada de trabalho dos professores é, de modo geral, muito intensa. Eles trabalham, praticamente, em três turnos.

Para o professor Abdo,

“No primeiro semestre, a minha carga horária era de 65 horas semanais e, no segundo semestre, aumenta mais cinco horas aula. As minhas atividades profissionais no cursinho afetam a minha vida pessoal. Praticamente moro no cursinho. Trabalho nos três turnos e só para casa dormir. A minha esposa trabalha e estuda a noite. Nos finais de semana, quero mais é curtir a minha família”.

Os professores plantonistas e monitores, que atendem os alunos ao longo dos turnos e da semana, sobretudo aos sábados, domingos e feriados, são constituídos por jovens professores que são contratados pela administração, em caráter emergencial e podem, a partir do seu desempenho profissional e das suas habilidades, como professor do cursinho, vir a assumir uma ou mais classes de aula, como é o caso dos professores Fausto, Abdo, Cléber e Renê, que já foram monitores.

No espaço do cursinho Gaia, os professores formam um grupo muito competitivo e compromissado com o sucesso dos alunos nos vestibulares. Esse desempenho é explicado, em parte, pelos resultados de suas disciplinas nos vestibulares das IFES. Nesse sentido, “quando uma disciplina é mais exigida nos vestibulares, o professor terá de prestar contas à administração e aos alunos pelas dificuldades que eles passaram (prof. Marcos).

Verifiquei que os professores, de uma maneira geral, não comentam na hora do intervalo, sobre o seu desempenho em classe ou sobre o desempenho dos alunos. Tal fato não escapou de uma comparação feita com professores que trabalham no 3<sup>o</sup>. ano integrado do cursinho Gaia em que para eles é importante uma troca de informações sobre o andamento de determinada classe.

Fora do cursinho, a grande maioria dos professores não mantém relações sociais com os colegas e raramente conhecem as famílias de seus companheiros. Entendo que o trabalho do professor de cursinho é muito desgastante pela pressão que sofre, em primeiro lugar, dele mesmo - para cumprir uma programação muito extensa, exigida pelas IFES; em segundo lugar, do aluno, que necessita que ele

resolva as suas deficiências de conhecimentos; e, em terceiro lugar, da administração - que espera que o desempenho do professor não comprometa e provoque evasão de alunos.

Dessa forma, é importante ressaltar que, para ser professor de um cursinho, antes de mais nada, independente se ele é ou não licenciado, pós-graduado, com mestrado ou doutorado, o seu desempenho no cursinho está diretamente associado a sua capacidade de comunicação, a sua criatividade em classe, e a sua empatia com as turmas - fatores que são verificados nos IBOPEs semestrais<sup>62</sup>, situação já destacada por Freitas em 1984,

“graduação universitária ou cursos de pós graduação, dedicação exclusiva e experiência em docência universitária não são atributos relevantes na definição do bom professor de cursinho. O que se valoriza a esse nível é fundamentalmente a capacidade de se dominar uma linguagem que permite manter a atuação de turmas grandes e heterogêneas” ( Freitas, 1984:558).

Observei que o aluno valoriza, nas aulas do cursinho Gaia, a capacidade do professor de “decodificar” a linguagem da disciplina e, com isso, permitir a ele, aluno, ter uma maior assimilação dos conteúdos dos vestibulares. Entendo que os professores do cursinho desenvolvem uma linguagem oral e escrita de forma peculiar, já que todo o material didático é produzido por ele e, resumido de tal forma, que os conteúdos podem ser assimilados pelos alunos. Todavia, outros fatores interferem no desempenho desse profissional em uma sala de cursinho. Trata-se de suas habilidades, além dos conhecimentos necessários à sua atuação em classe como: a capacidade de contar anedotas, quebrando o “gelo” da aula” - a grande maioria dos alunos não suportam uma aula completa ; de recitar e cantar, facilitando a compreensão de certos conceitos, considerados relevantes pelo professor, principalmente nas aulas de exatas e biológicas. Entendo que, essas estratégias, tipificadas nas artes cênicas, contribuem para chamar a atenção dos alunos para certas singularidades específicas das disciplinas.

---

<sup>62</sup> É interessante observar que o aluno, na hora de responder as questões do IBOPE, consegue separar, de alguma forma, o professor que é sério, que cumpre a programação prevista, daquele que brinca muito em classe e os alunos apresentam resultados negativos nos simulados. Os alunos cobram, através do IBOPE ou de reclamações ao SOPE, novas posturas por parte do professor.

Diante disso, “considero inadequada a sala de aula do cursinho ser considerada pelas pessoas como um “picadeiro de um circo, como é comum se ouvir nos bastidores das escolas”(Cléber).

A qualificação profissional dos professores visa atender às necessidades técnicas do cursinho Gaia, à medida que os professores incorporam a “missão da escola” - estabelecida pelos sócio proprietários e que, para Bourdieu, emerge como *violência simbólica*. Para eles, no sentido de garantir a satisfação do aluno -*cliente*<sup>63</sup>: o professor deve estabelecer uma plano de ensino, que lhe permita atender às necessidades desses alunos diante dos vestibulares.

Atualmente, a assistência da equipe de professores aos alunos acontece na sala de aula e, via de regra, estende-se através do material didático, escrito por eles, no qual os resumos dos textos e dos exercícios ajudam na compreensão da disciplina. Esse trabalho apresenta o seu desfecho no curso “tira dúvidas<sup>64</sup>”. O professor do cursinho pode ser definido como um especialista em dar aulas.

”o professor formado em um contexto acadêmico, que privilegia a dimensão técnica do ensino-aprendizagem, voltado para resultados em vestibulares, principalmente, é, então, incorporado pelo cursinho. As apostilas produzidas por esses professores visam à memorização dos conteúdos e, os exercícios devem ser rigorosamente planejados para garantir resultados altamente favoráveis e eficazes( Pereira 2000, 16:25).

Outros fatores caracterizam o desempenho e a permanência do professor no cursinho questões como da assiduidade, pontualidade são consideradas, por eles, pontos fortes e requisitos fundamentais para uma boa imagem junto aos alunos e para avaliação positiva no IBOPE escolar. Normalmente, as faltas dos professores são compensadas com a reposição das aulas, em horários acertados com os alunos, para não comprometer o cronograma estabelecido pela programação anual. Porém, percebe-se que o índice de ausências dos professores

---

<sup>63</sup> Essa expressão tornou-se recorrente no jargão do cursinho, a partir de 2003, quando começou a ser implantado a gestão de qualidade total na educação, já experimentada pela “concorrência”, como forma de se garantir a qualidade das aulas e atrair mais alunos no processo de matrícula.

<sup>64</sup> O curso tira-dúvidas ocorre esporadicamente, a partir da solicitação dos professores para um tema pontual relevante.

é muito pequeno e, quando acontece, todos ficam sabendo na sala dos professores devido ao “rearranjo” dos horários de aulas.

”a alma do cursinho, “reside” na competência e na atuação do professor - expressão maior da metodologia e nos avanços técnico-pedagógicos, colocados à disposição do seu aluno” (Cléber).

Além das aulas, os professores e monitores são responsáveis pela criação das aulas de multimídia, das apostilas, dos textos adicionais, das revisões, enfim, de toda atividade pedagógica do cursinho.

As entrevistas revelam que o trabalho do professor é mais valorizado no cursinho, em relação aos seus colegas do ensino médio devido:

“os professores estão por dentro da matéria que cai no vestibular e passam para o aluno um olhar crítico daquilo. Você aprofunda no conteúdo que ele falou e aprimora as leituras dos textos. É na sala de aula que ocorre a motivação de estudar e passar no vestibular” (Priscila).

É do quadro de professores que se forma o grupo gestor do cursinho. Para o professor Marcos, “o quadro de diretores de ensino do cursinho tende a emergir da competência gerencial de seu corpo docente”, o que garante, para os sócios proprietários, legitimidade por parte de seus pares. Por outro lado, aqueles professores, considerados pelos alunos como os que detêm domínio do conteúdo, são convidados, pela direção, para escrever livros – as apostilas, e são acertados os direitos autorais. Posteriormente, essas apostilas farão parte do acervo bibliográfico do sistema de ensino do cursinho: “Rede Educacional Gaia”, atendendo a uma clientela nacional.

## **2.16 Os alunos do Gaia Vestibulares**

Não foi possível levantar os dados de matrículas e demais informações sobre os alunos do cursinho, o que era minha expectativa. De certa forma, essas informações foram dificultadas, ou mesmo sonegadas pela administração. Os dados referentes às matrículas constituem, via de regra, as informações mais importantes para se conhecer a situação real da concorrência. Assim sendo, não devem ser tornados públicos, porque poderiam ser apropriados pelos concorrentes.

Portanto, o que apresento refere-se ao conjunto de 60 alunos que responderam ao questionário da minha pesquisa ( tabela a seguir) o que revela a natureza e as tendências dos alunos do Gaia Vestibulares.

**Questionário aplicado aos alunos Gaia Pré-vestibulares.**

		No.	%
Origem / Naturalidade	Outros Estados	3	5
	Capital	38	63
	Interior	19	32
Conclusão escolar 3o ano do ensino médio	Publica	32	53
	Privada	28	47
Fez vestibular 1 vez		13	21,6
Fez vestibular 2 vezes		36	60,0
Fez vestibular 3 vezes		7	11,6
Fez vestibular mais de 3 vezes		4	6,6
Nunca fez vestibular		0	0,0
Área procurada: Biomédicas		34	56,6
Área procurada: Exatas		10	16,6
Área procurada: Humanas		15	25,0
Indecisos		1	1,6
A disciplina em sala é melhor que no ensino médio?	Positivo	49	81,6
	Negativo	8	13,3
	Indeciso	3	5
Quem paga minha escola?	Familiares	41	68,3
	Aluno	16	26,6
	Outros	3	5
Opção pelo ensino superior	Público	43	71,6
	Privado	4	6,6
	Outras	13	21,6
Grau de credibilidade do cursinho	Influenciou na matrícula	49	81,6
	Não influenciou	10	16,6
	Outras	1	1,6
A equipe de professores é um referencial positivo em relação ao ensino médio?	Concorda	56	93,3
	Não Concorda	3	5
	Indiferente	1	1,7
As salas multimídia melhoram a aprendizagem?	Positivo	53	88,4
	Negativo	7	11,6
	Indiferente	0	0
O cursinho atende aos objetivos dos vestibulares?	Totalmente	43	71,6
	Parcialmente	17	28,4
	Não atende	0	0

\* Total de alunos: 60

\* Turnos: Manhã e Noite

\* Turma: extensivo

- Elaboração do autor
- Fonte: questionário aplicado

Dessa forma o questionário aponta que a maioria dos alunos que estuda, atualmente, no Gaia, é originária da Capital – **63%**; sendo que **31,5%** dos alunos são do interior. Esse fato reflete a tendência, já observada na pesquisa, de que com a interiorização do ensino superior e das franquias de redes educacionais nacionais, os alunos do interior já não se deslocam com a mesma intensidade de décadas passadas<sup>65</sup>. Por outro lado, com a chegada de alunos do ensino médio de escolas públicas da Rede Metropolitana de Belo Horizonte, reduziu-se a perda de matrículas. O Gaia Vestibulares atrai, no momento, alunos de camadas médias e populares com empreendimentos pessoais e familiares, objetivando a aprovação nos vestibulares. São originários de grupos sociais que buscam, no cursinho, formas de compensar as desvantagens escolares e de condição social.

“a posse do capital escolar e cultural garante oportunidades diferenciadas de ingresso no ensino superior ou em diferentes cursos da universidade, o que tem efeito acumulativo e contínuo para os investimentos familiares e pessoais”(Pereira,2000: 79).

Na análise do questionário, podemos observar que a maioria dos alunos do Gaia Vestibulares é originária de escolas públicas – 53,3% que apontam para o crescimento desse segmento escolar nos vestibulares das IFES. Por lado, os dados apontam para um percentual de 47% provenientes de escolas privadas, confirmando que, para eles, a aprovação no vestibular ainda depende de investimentos. Esse dado confirma as informações das pesquisas realizadas por Withacker (1989 e 1999), de que ser egresso de escola particular no ensino médio não é garantia de aprovação no vestibular.

Diante do processo seletivo, 73,2% dos sujeitos já tiveram duas ou mais experiências em vestibulares foram reprovados e 21,6% estão no cursinho, preparando-se para uma segunda tentativa. No grupo, não encontrei aluno que ainda não tivesse feito exame de vestibular.

As causas dessas reprovações dos alunos devem-se a dois fatores relevantes, apontados na investigação: o primeiro deles corresponde à elevada

---

<sup>65</sup> Os professores do cursinho, devido a sua experiência em vestibulares anteriores, afirmam que, em anos passados, os alunos do interior eram maioria.

concentração de alunos em uma mesma área – biomédicas (56,6%), reduzindo, assim, as suas chances de aprovação para os cursos de elevada competitividade por vaga, como é o caso de medicina, terapia ocupacional, odontologia e veterinária.

A busca pelo cursinho Gaia é apontada pelos alunos, a partir do critério credibilidade: para 81,6% essa credibilidade é associada aos índices de aprovação, acrescida dos serviços de apoio oferecidos ao estudante. Para 93,3%, a equipe de professores do cursinho torna-se o grande diferencial em relação aos demais cursinhos<sup>66</sup>. É nesse sentido que, concordando com Viana (1998), a escola contribui como ator ativo no processo do sucesso escolar, à medida que oferece as disposições pedagógicas e administrativas para a concretização desse empreendimento, por parte do aluno. Os alunos sabem onde devem buscá-las. Isso também é apontado por pesquisas realizadas por Withacker (1989:1999), ao afirmar que ser egresso de escola particular, no ensino médio, não é garantia de aprovação no vestibular.

Para Pereira (2000),

“As “estratégias educativas<sup>67</sup>”, estabelecidas pelos alunos e familiares, conforme expressão de Bourdieu, caracterizam-se pela utilização das instituições educacionais e, conseqüentemente, pelo crescente número de qualificações colocadas no mercado de trabalho, como forma de concretização dos investimentos iniciais em educação”. (Pereira 2000,p:73).

Assim, o questionário revela certas singularidades como, por exemplo, os critérios de credibilidade da instituição e nas escolhas dessa modalidade de serviços pelos alunos, que levam em consideração a qualificação do corpo docente, além do bom desempenho do cursinho nos vestibulares.

---

<sup>66</sup> Os cursinhos colocam retratos dos professores em out doors

<sup>67</sup> As estratégias educativas no sentido que é atribuído por Bourdieu, tendo como finalidade, a obtenção e maximização dos lucros a partir dos investimentos em tempo, dedicação na obtenção dos resultados positivos nos processos seletivos.



## 2.17 Serviço de apoio essencial ao estudante: O setor de Orientação Pedagógica e Educacional (SOPE)

O setor de orientação do Gaia Pré Vestibulares é responsável pelo levantamento de dados de sua clientela, após o processo de matrícula efetuado na secretaria. O aluno preenche uma ficha com dados pessoais e de sua família apenas. Esses dados são gerais, não sendo preocupação do cursinho ampliar as informações sobre os alunos com o objetivo de ter um mapa socioeconômico e cultural. Dito de outra forma, não é o objetivo do cursinho possuir um “banco de dados” com informações escolares de seus alunos.

Durante o processo de matrícula, o setor de orientação oferece “dicas” aos alunos novatos de como assistir as aulas no cursinho e como se obter o melhor rendimento em classe, propondo algumas premissas a serem observadas, através da leitura do manual do aluno. São normas de conduta e de direitos do aluno<sup>68</sup>. Ao longo do período letivo, os funcionários do setor de orientação solicitam a entrada dos orientadores na sala de aula e comunicam aos alunos os serviços a serem prestados pelo cursinho Gaia

No ritual de apresentação do cursinho para os alunos, são explicitados - via “Manual do Aluno”, pelo SOPE, os procedimentos e atenções em relação à conduta na classe e no espaço de escolar, para um melhor aproveitamento das aulas e dos momentos de interação.

“o impacto do primeiro dia letivo é vital para o cursinho que expõe, para o aluno, as suas especificidades didático-pedagógicas e para o aluno diante do desafio de se fazer o cursinho. Os alunos consideram que, no primeiro dia de aula, o professor mostra o programa da sua disciplina e o tempo disponível para cumprir a programação”. (Clarissa)

Seria como se o professor falasse para eles: *“olha, mãos a obra e não atrapalhem a aula, pois o tempo é escasso”*.

Segundo Clarissa, orientadora escolar e responsável por esse setor, *“esse é o primeiro momento de tensão do setor com a equipe de professores”*. Existe uma enorme resistência, por parte dos professores, ao setor de orientação

---

<sup>68</sup> Essas normas são encaminhadas aos alunos no primeiro dia de aula, quando recebem o Manual do Aluno em que os direitos e os deveres do aluno são explicitados.

e, as orientadoras do cursinho pois, segundo ela, “*os professores vêem o setor de orientação como uma instância burocrática, de vigilância e de controle dos proprietários do cursinho*”.

Para a orientadora, a partir de perguntas feitas aos alunos, durante o atendimento individual, no SOPE, foi diagnosticada a ausência do hábito de leitura, ao longo de todo o ensino médio, principalmente daqueles alunos originários de cursos supletivos.

O papel do setor de orientação “*é promover a mudança desses comportamentos e criar novos hábitos necessários aos desafios dos vestibulares*”(Clarissa).

Os procedimentos, sugeridos aos alunos do cursinho Gaia, não apresentam novidade em relação aos manuais da concorrência que, segundo os professores René e Cléber que trabalham em outros cursinhos, apresentam as mesmas sugestões. Nesse material – Manual do Aluno, são apresentadas, pelo SOPE, algumas sugestões para o melhor aproveitamento das aulas; são “dicas” de como o aluno pode e deve tirar melhor proveito do tempo que passa no cursinho.

Nesse material, destacam-se:

**I. *Ouçã e não anote as explicações dos professores mecanicamente.***

Na prática, os alunos, enquanto o professor está explicando, fazem anotações, não prestando atenção ao que está sendo desenvolvido em classe e se é pertinente ao programa proposto pelos vestibulares, já que a maioria já fez algum vestibular anterior.

A professora Clarissa deixou claro a importância dessas sugestões, pois vários alunos possuem uma qualidade de saber focar a atenção no discurso do professor, dispensando certas anotações que, por certo, encontram-se nas apostilas. A presença de alunos com habilidade de atenção plena é rara, mas eles existem, e sabe-se, no meio deles, de casos de alunos que não trazem material para a sala e passam “de primeira” no vestibular. São casos raros e, geralmente, apresentam excelentes classificações. Os demais alunos devem desenvolver uma habilidade, considerada essencial para um bom aproveitamento das aulas expositivas.

## **II. Promover a atenção e a concentração durante a aula.**

Na opinião de Clarissa, “*o diferencial do cursinho, em relação ao ensino médio, consiste na importância do silêncio e da disciplina em classe*”. Percebe-se, em classe, que os alunos cobram firmemente esse comportamento dos colegas e dos professores para manutenção da disciplina. Tornam-se impacientes com colegas que formulam questões fora de hora, principalmente com os colegas considerados fracos.

Nesse sentido, a orientadora assinala que a conversa e a indisciplina no cursinho não são toleradas.

“A ausência do controle disciplinar, por parte dos professores, permite à diretoria, pela pressão exercida pelos alunos, que querem a disciplina em classe, a imediata substituição do professor. Quando o professor atua de forma pouco ortodoxa, ou seja, imprevisível e, em decorrência de seu “maneirismo”, é percebido como eficaz procedimento didático” Clarissa).

Para promover a atenção do aluno, o professor tem de representar e atuar além de seus conhecimentos e, “*as brincadeiras dentro da matéria são toleradas e não extrapolam o conteúdo proposto*” (Abdo). O SOPE só intervém na dinâmica pedagógica do sistema classe se o professor ou o aluno estiverem “dando problemas”

## **III. Ao assistir uma aula, é sugerido ao aluno envolver-se com o conteúdo proposto pelo professor, fazer perguntas.**

Para a orientadora, “*o aluno não faz muitas perguntas para não atrapalhar o desenvolvimento da aula ou, por outro lado, por medo de ser criticado pelo colega, pois desconfiam de sua bagagem escolar*” (Clarissa).

O serviço de orientação se faz presente, também, para um apoio estratégico vital.

“o aluno que chega ao cursinho, não é considerado apenas o candidato, ou seja, aquele tipo de aluno que necessita tão somente de aulas muito bem dadas, de material completo e complexo, de monitores para atendê-los a tempo e a hora”.(Clarissa).

Ainda segundo a orientadora,

“os alunos são originários da capital ou provenientes do interior e procuram o cursinho em “bloco” ou seja, com colegas de colégio ou com os seus pais. O objetivo é, antes de tudo, *enturmar*. É procurar assentar próximo uns dos outros na sala de aula ter segurança em um espaço estranho” (Clarissa).

O processo de “enturmação”, para o SOPE, é respeitado, por um lado, pelo cursinho como uma forma de se evitar uma reação negativa na matrícula e, por outro lado, é vista como um processo de adaptação ao espaço escolar de um cursinho. Trata-se de um ato pedagógico de se “misturar” alunos já experientes em vestibulares, com alunos novatos de colégios, ou mesmo de outros cursinhos concorrentes.

Verifiquei que o processo de adaptação ao espaço escolar do cursinho é muito complicado, principalmente para alunos que são originários de escolas com salas pequenas e de intensa relação de amizades. Percebe-se, nos relatos das entrevistas, que um dos principais problemas, entre aqueles sentidos pelos alunos, é esse impacto inicial – “é *gente demais*!”(Mariana). No início do período de matrícula, é freqüente a presença de pais, responsáveis pelo contrato de serviço escolar do cursinho, junto à secretaria e ao SOPE. Porém, não foi possível a obtenção de dados sobre essa ação dos pais.

Embora importante, devido ao crescimento de pesquisas sobre a relação: pais x escola, a questão não é abordada nesse trabalho. Entretanto, as marcas do sentido, atribuído à família, não passaram despercebidas ao pesquisador.

Estudos sociológicos mais recentes têm chamado a atenção, para o envolvimento das famílias com a instituição escolar de seus filhos, independente da situação de classe (Nogueira 2004:47).

Esses estudos demonstram a importância dessas instituições escolares e da necessária visibilidade que devam ter para os alunos e familiares. Há alunos para os quais, de modo especial, o pagamento das mensalidades do cursinho e as despesas para manutenção em Belo Horizonte, no caso de alunos vindos do interior, são situações reconhecidas como esforço familiar para prosseguimento de

estudos. Embora tenha constatado essa situação, não inclui a relação família-escola na investigação.

Para o setor de orientação, o aluno encontra, no cursinho Gaia, um profissional com disponibilidade de tempo para uma conversa preliminar e um posterior encaminhamento para outros profissionais de fora, se for o caso. *“Muitos alunos precisam de uma reeducação para o estudo, de reeducação para a leitura e de socialização para o convívio com uma massa crítica de colegas”.* (Clarissa).

Para assegurar essa ajuda, o SOPE tem agregado um núcleo de métodos de ensino e aprendizagem, que reúne o trabalho do serviço de orientação com o trabalho dos monitores, dando estratégias para que os alunos aprendam a organizar rotinas e hábitos de estudo.

Segundo ela, alguns alunos que chegam do interior ficam perdidos na cidade grande, longe da família, procurando alternativas pessoais para socialização com outros colegas que convivem com esse drama de distanciamento de casa, com a sensação de esmagamento em salas numerosas e com a obrigação de passar no vestibular.

Esses fatores ajudam na desestabilização emocional do aluno o que contribui para a evasão escolar após os três primeiros meses, chegando a 10% do total de alunos, segundo funcionários do cursinho.

Para reduzir essa evasão, o serviço de orientação procura estabelecer métodos de estudos para os portadores de deficiências escolares, passando, para o candidato, o perfil dos estudantes de sucesso nos vestibulares – o que *“eles fizeram para passar no vestibular”*, com o objetivo de motivá-los, elevar a auto-estima e, aumentar o seu período médio de permanência.

Para Isabela (Extensivo);

“a organização do cursinho, em Belo Horizonte, é melhor que na escola em que estudei. A maior dificuldade que tinha no ensino médio de minha escola era encontrar as pessoas responsáveis pelo seu setor.” (Isabela).

Para ela, *“no cursinho, as pessoas estão nos lugares certos e sempre prontas para te atender. Isso me dá muita segurança”* .(Isabela).

Segundo relato da aluna, que é do interior de Minas;

”no início, quando comecei a estudar no cursinho, procurei o setor de orientação, pois estava com dificuldades de adaptação ao estilo de aula do cursinho e a solidão em Belo Horizonte, “mexia comigo”. Posteriormente, fiz novas amizades, aqui mesmo, no cursinho, a maioria dos meus amigos são do interior e também passaram pela mesma experiência de adaptação e solidão. É um caso que se supera devagar”.

Para Mariana, aluna do extensivo

“ nunca procurei o setor de orientação e não tenho opinião formada sobre esses serviços. Alguns colegas meus já procuraram, para exercícios de relaxamento, orientação vocacional e técnicas de estudo, acho válido solicitar uma ajuda, mas nunca procurei tais serviços”.

Por outro lado Wilson, aluno do extensivo, considera que

“o setor de orientação auxilia o aluno a organizar melhor a vida. Considero que a maioria dos alunos necessitam de uma avaliação psicológica, precisam de ajuda para organizar as suas vidas, é muito difícil esse “negócio de cursinho e de vestibular”, ninguém está preparado para isso, mas, no final, tive de encontrar o meu jeito de estudar mesmo, cada um tem um ritmo”.

Também para a aluna Priscila:

“diferente do meu antigo colégio onde a gente tinha que se virar sozinho. Aqui você pode pedir ajuda para aprender a dar conta dos exercícios (sic), se a gente acha que não vai dar conta a orientadora te ajuda, ela te anima a acreditar em você e arrumar seu jeito de estudar , é assim, ela dá muita força”.

Para a orientadora,

“o trabalho com os alunos é muito lento (sic), pois tem de se desconstruir velhos hábitos de estudos e estimulá-los para a aprendizagem `a maneira do cursinho” (Clarissa)

Verifiquei que a orientadora considera o trabalho solitário, já que os professores, como dão muitas aulas, não dispõem de tempo para uma melhor integração com o setor e, também, para um melhor acompanhamento do aluno com déficit de aprendizagem, o que prejudica melhor entrosamento com o setor de

orientação. Entendo que o SOPE torna-se um incômodo para os professores, pois identifica nas suas falas não apenas os principais problemas de aprendizagem em classe, mas, também, problemas relacionados à competência do professor.

Os professores do cursinho são percebidos pelo SOPE, segundo o professor José Antônio, como “dadores de aula” – pois, não possuem uma disponibilidade de tempo para questões pedagógicas, ligadas à vida dos alunos. *”Se os alunos derem conta de tocar o barco, tudo bem, senão cancelam a matrícula e procuram outros cursinhos”*, afirma o professor. Isso parece sugerir que o SOPE tem função importante no Gaia Vestibulares.

Foi solicitado à orientadora, pela administração, o perfil escolar de quem procura o setor de Orientação e foi averiguado que os alunos, que mais procuram o SOPE, são aqueles com baixa estima, baixa aprendizagem, sem hábitos de estudos e marcados pela sucessão de fracassos, de tropeços e de recomeços”. Para a orientadora *“é nesse sentido que o SOPE deve funcionar construindo um elo entre o professor e as dificuldades dos alunos”*(Clarissa)

Segundo relato da orientadora,

”os alunos reclamam que o professor do cursinho parece que está falando grego. Para estes alunos, o professor parte do princípio que eles já sabem a matéria. Parece que o professor não está aqui para ensinar, está aqui para fazer revisão ( sic)”.  
(Clarissa).

Entendo que, com a chegada de alunos de camadas sociais mais diversificadas aos cursinhos, os professores ainda não se adaptaram esse novo perfil de aluno, com deficiências de conhecimentos e que, *”se não forem atendidos”*, saem e procuram outro cursinho que fala a sua língua, ou seja, que seja capaz de entender as suas dificuldades cognitivas.

Para a orientadora, esses alunos apresentam alta volatilidade e abandonam o cursinho em pouco tempo:

Segundo Clarissa,

“temos então, de estabelecer (sic), estratégias escolares para que as aulas sejam mais produtivas, como a resolução de provas dos últimos vestibulares ou outros caminhos. Nesse sentido, o SOPE auxilia à direção para a permanência do aluno no cursinho.

Também para a orientadora, os alunos de camadas populares relatam a posição de algumas famílias que revelam não acreditarem na possibilidade real deles conseguirem o ingresso na universidade, fato que gera mais insegurança no aluno.

Neste trabalho, o setor de orientação percebeu que o quadro familiar de alunos de camadas populares, que conseguiram sobreviver a extensos processos de exclusão, contribuiu muito pouco, para assegurar ao aluno condições de bom aproveitamento no cursinho. Às vezes, os pais são analfabetos, ou só um dos dois. Geralmente, a mãe é analfabeta. Há alunos cuja família não tem condições financeiras de “bancar” os estudos de um filho nas universidades, mesmo sendo públicas<sup>69</sup>. Segundo relato da orientadora, nesses casos, é muito comum um dos membros da família desestimular o seu filho(a), a estudar. Como política estratégica, o cursinho reduz as mensalidades escolares, tendo como objetivo imediato manter alunos de camadas populares e captar novos alunos até os vestibulares.

Verifiquei que durante esse processo de “ajustes”, efetuado pelo SOPE, o professor fica alheio ao que se tenta fazer nos bastidores das salas de aula e, não percebe que o setor de orientação está tentando ajudá-lo a preservar a sua hora-aula, o seu salário

Quando é possível, a orientadora alerta os professores para a presença de alunos com dificuldades de aprendizagem em classe e apresenta sugestões para o desenvolvimento de aulas diferenciadas, com o objetivo de fazer ver, ao professor, a possibilidade de se encontrar mecanismos criativos para favorecer a aprendizagem desses alunos.

Segundo ela,

“pela prática e pelo andamento dos conteúdos, os professores percebem a presença desses alunos com deficiências cognitivas, pois, alguns deles passam a utilizar recursos didáticos alternativos como jogos cognitivos similares aos da televisão, músicas, letras e brincadeiras para se dominar um determinado conteúdo”(Clarissa).

E continua:

---

<sup>69</sup> Estudos de Portes sobre a permanência e a sobrevivência no espaço acadêmico, mostram a importância do suporte institucional, para viabilizar as conquistas dos alunos na UFMG.



“a política estratégica do cursinho é trabalhar para desempenhar esse papel de motivar o aluno na superação de suas dificuldades materiais e emocionais e de que é possível “virar o jogo”. É criar um clima de otimismo e motivar os alunos.

Para o setor de orientação, “*é visível a dificuldade dos alunos com déficits cognitivos para acompanharem o ritmo das aulas e para a formulação de rotinas de estudos no ambiente do cursinho e em casa*”(Clarissa). É função do SOPE orientar esses alunos na aquisição das habilidades de estudo.

Mas, para a orientadora, a visão de que só os alunos egressos de escolas públicas têm deficiências é parcial, pois, os alunos de escolas particulares que chegam ao cursinho também apresentam uma indiferença ou desinteresse em diversas áreas do conhecimento e só começam a se motivar, por ocasião das inscrições dos vestibulares nas universidades federais ou por pressões familiares.

Há mais problemas com os alunos do turno da noite, porque eles têm problema de tempo para estudar. Muitos são arrimos de família.

Para Clarissa,

“O setor de orientação ajuda, geralmente, esses alunos a organizarem o pouco tempo de estudo que possuem, para os fins de semana (sic). Esses alunos levam mais tempo para ingressarem nas universidades públicas e suas opções acadêmicas estão associadas ao imediato aproveitamento no mercado de trabalho, portanto só podem estudar à noite”.

Segundo estudos do SOPE, para esse segmento de alunos que visam estudar à noite, os cursos superiores de maior prestígio, como Medicina, Odontologia, Veterinária, Ciências Biológicas e Enfermagem, nas IFES, são pouco atraentes, devido à falta de tempo, à necessidade de dedicação exclusiva para o retorno dos investimentos que, nesses casos, seriam de longo prazo. Para esses alunos que trabalham, os cursos superiores mais atrativos são aqueles de curta duração e identificados com “empregabilidade” imediata. Portanto, eles procuram estudar Direito, Ciências Econômicas, Contábeis, Administração, Informática, Comunicação, Nutrição e Engenharias. Esses parecem ser os cursos mais procurados em decorrência da mais imediata inclusão no mercado de trabalho e por compatibilizem a relação custo e benefício.

Entre os alunos vindos de cursos técnicos, as maiores deficiências são na área das “Humanas”. Entretanto, segundo a UFMG, eles são os que apresentaram os melhores resultados nos vestibulares dos últimos anos, já que a instituição aprova nos vestibulares muitos alunos do CEFET e do COLTEC<sup>70</sup>. Os egressos de cursos técnicos procuram os cursinhos para adquirirem habilidades em disciplinas em que se consideram mais fracos como a História, a Geografia, a Biologia, a Língua Portuguesa e Redação ou Produção de Textos.

Para estimular e manter o aluno no cursinho, o SOPE desenvolveu o *Projeto de Estudo*. Esse consiste em um trabalho voltado para alunos com deficiências de organizar o tempo de estudo ou como estudar com outro colega ou, ainda, como participar de grupos de estudos. Este projeto visa valorizar a organização, da auto-estima do aluno, de trabalhar com a visão de futuro, a perseverança e o desenvolvimento da confiança.

Para se manter uma política de resultados positivos nos vestibulares, o cursinho monta estratégias para motivar os alunos no processo de aprendizagem e de superação das suas dificuldades, trazendo profissionais para fazerem palestras sobre a carreira, a remuneração do profissional e o campo de trabalho em uma tentativa de ampliar os horizontes dos alunos diante de um país que vive uma questão grave: a do desemprego estrutural.

No cotidiano do cursinho, são adotadas estratégias pedagógicas centradas nos alunos, como dinâmicas de grupo sobre os cursos superiores. Segundo ela, durante a dinâmica com os alunos solicita, para uma amostragem informal:

“que os alunos levantem a mão sobre qual a profissão que mais gostariam de exercer e a maioria, as vezes à metade dos participantes, aponta para medicina e a outra metade para o curso de Direito e de outras áreas de humanas”(Clarissa)

Essa amostragem informal da orientadora é corroborada pelo questionário aplicado aos alunos do extensivo para fins da pesquisa. O público alvo da pesquisa foram os alunos da manhã e da noite, por apresentarem perfis sócio-escolares

---

<sup>70</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica e Colégio Técnico da UFMG. Entretanto, pode-se afirmar que os egressos dos cursos técnicos federais não podem ser considerados referência para essa avaliação. Essas escolas são referências, nacionais, na formação técnico científica. Não são a essas escolas técnicas que se refere a professora Clarissa.

diferenciados, sendo que 60 alunos foram considerados nos dois turnos - com 30 alunos entrevistados pela manhã e 30, à noite.

Ficou clara a intenção, naquele momento, dos alunos, para opção pelas áreas de Biomédicas – 56,6% da preferência dos entrevistados, o que é um fator preocupante, pois o número de inscritos no vestibular é “enormemente” superior ao número de vagas na UFMG, chegando a 30 candidatos por vaga. Isso quer dizer que, antes do vestibular, a maioria deles já estará reprovada e, raramente, o cursinho consegue reverter esse quadro.

Na opinião de Clarissa, *“o objetivo do setor de orientação é o de inculcar valores positivos: de que eles têm de correr atrás”, da “superação dos desafios mesmo”!* Para ela, *“uma outra forma de motivá-los, é levá-los para uma visita técnica as universidades com o objetivo de conhecer o espaço acadêmico”*. O setor de orientação não tem como fazer uma triagem de alunos pelo perfil socioeconômico e um trabalho de condução para carreiras mais viáveis. Isso não seria ético. A atitude considerada ética consiste no respeito à opção profissional do aluno nos vestibulares.

Para o setor de orientação, os alunos que possuem formação escolar anterior deficitária se consideram culpados, maculados pela deficiência escolar do qual são portadores, em relação aos colegas de escolas destinadas às classes dominantes.

Um outro fator que chama a atenção do SOPE é o impacto que os cursos supletivos produzem nos alunos. A grade curricular dos cursos supletivos é considerada incompleta e a forma fragmentada<sup>71</sup> como os alunos fazem o curso interfere, no final, na fragilidade dos conhecimentos necessários, sendo que, a reprovação nas universidades federais é em largo número.

Muitos destes alunos, segundo relato da orientadora, são da periferia ou pertencem aos quadros das camadas populares. São observados alunos pertencentes à classe média, mas são poucos que chegam ao setor de orientação para uma conversa. Para a orientadora, *“esses alunos admiram o saber dos professores do pré-vestibular e acham que eles possuem uma didática boa para*

---

<sup>71</sup> Os alunos do curso supletivo fazem disciplinas isoladas e, com isso, não fazem as relações com as outras disciplinas. São cursos estanques e que trazem enormes malefícios, segundo os atores da pesquisa, para um melhor compreensão dos conteúdos nos vestibulares.

*passar o conteúdo e são cuidadosos na exposição dos assuntos no quadro”.*  
(Clarissa).

Para ela,

”os alunos com grandes deficiências cognitivas , se consideram fracos como alunos e, que não darão conta de realizarem o sonho de se tornarem universitários. Têm medo de fazer perguntas na sala de aula, consideram que fazer perguntas aos professores atrapalham o tempo útil da aula, não toleram indisciplina”. (Clarissa).

Esses alunos consideram que a defasagem de conteúdos é da responsabilidade deles, portanto, se paralisarem as aulas com suas perguntas ou brincadeiras irão atrapalhar eles próprios”.

Nesse sentido, o cursinho procura valorizar ações pedagógicas como a formação de grupos de vivência, em horário extra-classe mas, para o SOPE, *são poucos os que freqüentam esses momentos, se verifica uma troca de experiências”*(Clarissa).

O SOPE indica os serviços de monitoria das diversas disciplinas, incluindo o setor de redação, com os horários diversificados de atendimentos individuais, expostos no *hall* e nos andares do cursinho, para se dar visibilidade a essa modalidade de serviço. O SOPE sabe que as medidas são paliativas diante dos desafios que esses alunos terão de superar à curto prazo – *“mudanças de atitudes diante dos desafios da vida”*(Clarissa). Mas o SOPE é, no cursinho, o serviço especializado que procura ajudar os alunos na superação das dificuldades, existe para evitar evasão e reprovação e para apoiar o cursinho a cumprir a meta estabelecida: preparar melhor os candidatos ao vestibular.

“Essas palavras - exclusão, reprovação, rejeição viraram jargões que confundem e tensionam as posições em jogo, mas pouco auxiliam na interpretação e na superação política do problema que consiste na aprendizagem e na aprovação nos vestibulares (Silva,2003 :18).

No espaço do cursinho Gaia, o SOPE procura atender às solicitações de alunos de segmentos populares que se sentem perdidos e decepcionados com eles próprios, diante da proximidade dos vestibulares e *“comparam a sua situação*

*escolar com (sic) os colegas que vieram de escolas particulares e viram a matéria toda.”(Clarissa).*

Como o cursinho é um espaço escolar de massa, os alunos de camadas populares podem incorporar os valores e as relações sociais de colegas de camadas mais privilegiadas e estabelecerem estratégias inconscientes de superação e de sobrevivência escolar. Criam novas amizades, fazem grupos de estudos e se confundem no espaço de convivência.

As informações obtidas com a professora Clarissa, devido ao papel estratégico que ocupa no setor de apoio aos alunos, confrontadas com as informações obtidas nas entrevistas com os alunos e professores e, ainda, com os registros do pesquisador, ofereceram a composição de um panorama que mostra a importância do cursinho para aqueles que o procuram. Interessa-me, entretanto, saber o que os professores e alunos dizem sobre ele e como eles avaliam a experiência do Gaia Pré Vestibulares.

### **CAPÍTULO 3**

#### **O CURSINHO COMO UNIDADE DE ENSINO DE MEDIAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO E A UNIVERSIDADE: COMO OS ALUNOS E PROFESSORES INTERPRETAM AS PARTICULARIDADES DO CURSINHO ESCOLA**

Os dados da pesquisa de campo revelaram, no espaço escolar do Gaia Pré Vestibulares, a construção de um certo sentido social, estabelecido por alunos e professores, através de interações, de vivências, de aprendizagem, enfim, um espaço de relações sociais intensas, que contribui para ampliar as relações sociais além dos vestibulares. Em muitos casos, essas intensas relações escolares, construídas e vivenciadas no espaço escolar do cursinho podem perdurar ao longo do curso universitário.

As atividades escolares dos cursinhos, também reveladas na pesquisa de Portes (2001), são consideradas como necessárias para uma visão geral dos conteúdos e para o desenvolvimento de habilidades e procedimentos técnicos, objetivando o sucesso nos vestibulares, principalmente de universidades públicas, corroborando, assim, as afirmações de Solari(1984) e de Withacker(1989). Tal fenômeno fica evidenciado, atualmente, pela procura ampliada por cursinhos chamados populares<sup>72</sup> que têm como finalidade atender a essa demanda de alunos das escolas públicas ou daquelas privadas que não representam instituições de ensino de prestígio.

O cursinho atua, então, como uma extensão escolar, uma espécie de 4º ano do ensino médio e confirmar assim, sua tradição de preparatório.

Não é sem razão que o sucesso no vestibular, para os sujeitos da pesquisa de Portes, é visto, por uns, como um “golpe de sorte”( Portes 2003:66). Mas, para outros, o cursinho é apontado como uma oportunidade para uma revisão dos conteúdos necessários aos processos seletivos das universidades, o que teria melhorado as suas chances..

---

<sup>72</sup> Os cursinhos populares emergiram nos anos 90 devido à forte demanda de alunos de camadas populares que conseguiram concluir o ensino médio em escolas públicas e buscaram ampliar as suas perspectivas profissionais e pessoais através do ensino superior.

Para Cunha (1968), fazer o cursinho não é uma necessidade, principalmente para os alunos das camadas privilegiadas em que a preparação escolar mais refinada, mais aprofundada já é um diferencial, no acesso aos cursos superiores de maior prestígio e para a reprodução do *habitus* familiar.

Para os segmentos populares, o cursinho funciona, então, como uma alternativa escolar estendida do ensino médio, de caráter revisional, que pode capacitá-los às universidades ou faculdades com o objetivo de obter uma profissão, ter acesso a um emprego de qualidade. Nesse caso, os familiares contribuem para que esse investimento escolar obtenha o êxito imaginado, como demonstra Portes (2001: 14).

Para Bonnewitz (2003;13), nas representações comuns, que podem ser colhidas nas pesquisas de opinião ou na mídia, o grupo familiar apresenta um certo número de características reconhecidas como normais e específicas desse grupo. Para a autora, a família é uma realidade que ultrapassa os indivíduos (como prova de transmissão do sobrenome, investimentos em saúde, educação). Ela forma uma comunidade dotada de vida e de uma visão particular de mundo; aparece como natural e óbvia. Segundo a autora, a família se apresenta como articuladora das relações de intimidade de seus membros e da concretização dos projetos considerados relevantes. Os avós, os irmãos, os tios e os primos bem sucedidos podem intervir financeiramente, determinando meios para a concretização e a reprodução dos *habitus* familiares em educação. Não é raro, na população que freqüenta cursinhos preparatórios, encontrarmos sujeitos cujos gastos com a educação são assumidos por parentes próximos como os avós ou tios, como encontrei no Gaia Vestibulares.

Para a aluna Mariana,

“a minha família me apóia muito. É minha mãe que paga os meus estudos, transporte, alimentação, lazer, taxas de livros e inscrições nos vestibulares. A minha família é a minha base, se não fosse ela seria muito difícil estudar”

Para Isabela,

“A minha mãe trabalha na escola em que eu estudava. A minha mãe é solteira e o seu dinheiro não dava para pagar os meus estudos em Belo Horizonte. É o meu avô que paga o meu estudo”.

Pierre Bourdieu (1998) mostrou que segmentos das classes médias procuram cooptar as mesmas estratégias das classes privilegiadas para a

obtenção dos capitais sócio-culturais como forma de garantir o sucesso dos empreendimentos escolares e profissionais de seus filhos. O aumento de demanda para cursinhos que atendam camadas médias pode revelar essa dinâmica social, tal como apontada por Bourdieu. Por outro lado, os alunos também percebem que tempo, dedicação e mudanças de atitudes serão necessários para a viabilização e concretização dos investimentos familiares.

Os jovens dos segmentos sociais privilegiados devem as suas famílias não só os encorajamentos e exortações ao esforço escolar, mas, também, um *ethos* de ascensão social e de aspiração fervorosa de desenvolvimento de capital cultural (Bourdieu, 1998).

Para os alunos originários de segmentos médios e populares, que conseguiram sobreviver a todo processo socioeconômico e cultural de exclusão e que conseguiram chegar até ao vestibular, o cursinho se torna uma alternativa positiva de revisão, imersão e reflexão, na realização de seus objetivos.

Como estratégia educativa, a frequência a cursinhos foi uma constante nos sujeitos da pesquisa de Portes.

“Nós quisemos observar as trajetórias de sucesso escolar no meio operário lá onde são as mais espetaculares, a fim de fazer ressaltar fortemente a estratégia educativa familiar que elas encerram” (Portes, 2001:14).

Em pesquisa realizada na década de 80, com alunos que ingressaram em diferentes cursos, em diferentes unidades da UNESP, foi evidenciado o que Whitacker (1989) chamou de “efeito cursinho”. Na grande maioria dos cursos pesquisados por ela, a aprovação no vestibular era obtida na segunda ou na terceira tentativa depois de frequência a cursinho, em pelo menos durante um semestre Withacker (1989).

Também para Solari,

“A frequência a um cursinho pode aumentar a probabilidade de acesso à universidade porque, através de um treinamento intensivo sobre como responder as questões prováveis de uma prova, o aluno pode melhorar seu nível de desempenho no exame vestibular” (Solari, 1984 p:145)



Pesquisas realizadas no antigo Estado da Guanabara, nos anos de 1963 a 1964( Cunha, 1965) e Abreu (1963 e1964), também confirmam o “efeito cursinho” nos vestibulares, apontando que as chances de aprovação nos cursos mais concorridos aumentaram com a freqüência a cursinho.

Em 1962, dados revelados pela CAPES, referentes aos Estados de São Paulo e Guanabara, apontaram que nos cursos de Engenharia e Medicina, o fator freqüência a cursinho foi considerado instrumento indispensável (Abreu, 1963).

Freitas (1984), em pesquisa realizada em 1982-1983, também demonstrou o “efeito cursinho” nos vestibulares da UFMG entre 1971 e 1980.

**Distribuição segundo a freqüência a "cursinhos" dos candidatos aos concursos Vestibulares da UFMG no período 1971-1980**

Nº de alunos	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1980
Alunos que freqüentaram	2768	6235	6383	8747	6948	8597	10054	10621	10025
porcentagem	19,4	35,2	33,1	49,8	44,2	44,7	53,7	55,4	51,2
Alunos que não freqüentaram	11529	11479	12901	8820	8769	10624	8676	8569	9569
porcentagem	80,6	64,8	66,9	50,2	55,8	55,3	46,3	44,6	48,8
Total porcentagem	14297	17714	19284	17567	15717	19221	18730	19190	19594
	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**\* Dados estimados: perdeu-se em1972, 42,5% dos dados e, em 1973,43,2%. Estima-se que 90% dos mesmos referem-se a estudantes que não freqüentaram cursinhos.**

Os dados revelam o aumento de participação dos alunos que freqüentaram os cursinhos e a queda daqueles que não freqüentaram. Isso faz supor que o aumento pela procura de cursinhos retrata o reconhecimento do sentido dessa etapa preparatória para os que pretendiam ingressar na Universidade.

Segundo números do último vestibular da UFMG – ano de 2004, em um total de 70.727 candidatos para 4.494 vagas, 62% dos candidatos são brancos e 38% negros. Quanto à origem escolar, o artigo revela que 57% são alunos de escolas públicas e 43% de escolas privadas. Já entre os alunos aprovados, 59% são de escolas privadas e 41% de escolas públicas, sendo 29% de negros e 71% de brancos<sup>73</sup>.

<sup>73</sup> Os dados foram obtidos na Revista da UFMG ano 2- no.5 de julho de 2004: 115 – Edição Vestibular. É importante salientar que não foi possível obter dados mais detalhados da pesquisa, pois a COPEVE não publicou para o público externo por considerar que são informações reservadas.

Na pesquisa que realizei, para um total de 60 alunos que responderam o questionário, nos dois turnos – manhã e noite, 68,3% dos alunos têm os seus estudos garantidos pelos familiares e, por outro lado, 13,3% dos alunos, trabalham e pagam os seus estudos, o que corrobora as teses de Bourdieu e Lahire sobre investimento familiar nos empreendimentos educacionais. O restante 5% dos alunos pesquisados têm os seus estudos pagos por bolsas ou outros benefícios não discriminados<sup>74</sup>.

Os resultados do questionário aplicado, de certa forma, confirmaram, também, as conclusões obtidas por Cunha (1968) e Portes (2001) e reforçaram que segmentos médios e populares procuram investir em ações escolares organizadas como forma de obtenção do capital escolar necessário ao prosseguimento acadêmico.

Nesse caso, considero pertinente incluir o cursinho, como uma dessas estratégias, haja visto que ele foi considerado e legitimado pelos sujeitos da minha pesquisa como portador de atributos propedêuticos aos processos seletivos – os vestibulares. Assim, considere as ações escolares do cursinho como estratégia dos alunos para “*compensar a desvantagem inicial que devem à atmosfera cultural de seu meio*”, como afirma Bourdieu (1998: 46) e assegurar o prosseguimento escolar no ensino superior.

Para o autor, o capital escolar possibilita que os alunos desenvolvam um aparato cognitivo e particularizado, constituído de determinadas categorias de pensamento e de formas de ação, visando à integração social e moral no grupo social.

A credibilidade de que o investimento no cursinho possa ser revertido em possibilidade de ingresso no 3º. grau, pode explicar porque na pesquisa que realizei 81% dos alunos que responderam ao questionário revelaram que a sua escolha foi decidida pela competência do cursinho escolhido, mostrada nos resultados dos vestibulares, pela sua marca do sucesso dimensionada pela mídia.

Para 71% dos meus vestibulandos, as atividades escolares do Gaia são vistas como positivas para a preparação aos vestibulares, e os outros 28,4%,

---

<sup>74</sup> Além de informações obtidas no questionário, esses dados foram confirmados pela administração do cursinho.

acham que as atividades, atendem, apenas parcialmente, sua necessidade de capacitação. Portanto, buscar o cursinho como caminho ou estratégia de melhor qualificação para o vestibular é fato para 100% dos meus entrevistados.

A questão central é saber se os cursinhos desempenham função escolar significativa, a ponto de amenizar as desvantagens escolares anteriores, à medida que, no seu espaço físico, convivem alunos de segmentos sociais diferenciados, não sendo, portanto, um espaço escolar e social homogêneo.

Não é papel da escola reduzir as desigualdades sociais e, muito menos, solucionar problemas familiares. O espaço escolar é um espaço de interações, de representações, de vivências, de socialização - trata-se de uma natureza escolar estruturada que, nas sociedades capitalistas, tem como objetivo a reprodução de classe. Sendo assim, podemos afirmar que as atividades escolares dos cursinhos são toleradas em decorrência de sua cultura reprodutiva, incorporada pelos agentes sociais diversos como forma de se obter um retorno dos investimentos considerados favoráveis de acesso aos níveis superiores de ensino.

Mafra (2003), fundamentada nos estudos, produzidos na Inglaterra e nos Estados Unidos, sobre o “efeito escola” em alunos de famílias de baixa renda, aponta que:

“as escolas não solucionavam nem os problemas familiares trazidos pelos alunos nem reduziam as desigualdades sociais, cujas origens estavam arraigadas nas estruturas econômicas da sociedade” (Mafra 2003: 109:110).

Freitas (1984) procurou demonstrar que a hierarquização dos cursinhos, para atender diferentes segmentos sociais, reproduzindo a estratificação do sistema de ensino seria um fator determinante, para que, a passagem por cursinho não tivesse impacto sobre as chances de aprovação de alunos egressos de colégios “ruins”. Levantando dados de aprovação, nos vestibulares da UFMG (1971 a 1980), ele demonstrou que os cursinhos que atendiam aos alunos de 3 colégios tradicionais, em Belo Horizonte, Dom Silvério, Santo Antônio e Loyola, aprovaram muito mais do que aqueles cursinhos que atendiam aos egressos de colégios que, segundo ele, seriam apontados como “ruins”. Mas, as conclusões de Freitas precisam ser revistas no cenário atual dos cursinhos e frente aos estudos que

demonstram seus efeitos positivos para a aprovação nos vestibulares, para segmentos sociais diversificados (Withacker 1989) e Soares (1997).

Na minha pesquisa, o questionário revelou os alunos acreditarem em que as atividades escolares do cursinho os ajudam a superar as suas desvantagens, trazidas do ensino médio, considerado deficiente, reduzindo as distâncias entre os seus saberes escolares e aqueles que são necessários à sua aprovação em vestibulares.

Com isso, posso afirmar que o cursinho Gaia opera como instância escolar, procurada pelos familiares de alunos de segmentos populares e médios<sup>75</sup>, como espaço escolar capaz de desenvolver demandas cognitivas necessárias aos processos seletivos das universidades.

Essa argumentação é corroborada pelo estudo de Soares (1997, p.11) sobre o vestibular da UFMG de 1997, no qual o autor aponta para os seguintes dados:

“os candidatos que fizeram cursinho por um **período superior a 1 semestre** obtiveram notas médias superiores aos alunos que não fizeram cursinhos (21,4% dos inscritos, cuja nota média foi de 50,4% e com um **fator de aprovação de 8,9%**). Todavia, os alunos que fizeram o cursinho - integrado ao 2º grau, obtiveram médias no mínimo, iguais à nota média total, representando **11,4%** das aprovações”<sup>76</sup>.

Com esses resultados, o cursinho Gaia pode mascarar o efeito puramente mercantil de sua atuação e, a partir de suas ações propedêuticas, interferir, objetivamente, como unidade escolar de mediação entre os alunos do ensino médio e dos portadores de diplomas técnicos e acadêmicos e o seu desejo de prosseguimento escolar em uma universidade.

Entendo que o papel do cursinho é o de representar bem suas ambigüidades, primeiramente atendendo ao objeto de sua existência, como empresa capitalista de educação, que é o lucro e, em seguida, atender às expectativas dos alunos e familiares nos quesitos relativos ao retorno dos

---

<sup>75</sup> Não fiz categorização socioeconômica dos alunos. O Cursinho investigado se auto-intula como um curso destinado a esse segmento.

<sup>76</sup> Na modalidade de curso médio com integrado (preparatório aos vestibulares), o terceiro ano apresenta uma composição curricular semelhante aos cursinhos com 6 aulas por dia, provas aos sábados e um dia de retorno, à tarde, para aprofundamento em disciplinas específicas.

investimentos familiares em dinheiro, tempo e suporte emocional que antecedem aos vestibulares e, de forma particular, na melhor preparação para o processo seletivo.

### **3.1 Buscando entender o significado do cursinho na vida escolar dos alunos: O que dizem os professores e os alunos.**

Considero pertinente retomar o relato da orientadora Clarissa, antes de tentar empreender a busca dos significados revelados por alunos e professores.

Afinal, o que leva um aluno que está concluindo ou que concluiu o ensino médio a buscar um cursinho? E o que dizem os professores sobre isso? E os alunos – o que os leva e o que os mantém no cursinho?

Na opinião da orientadora,

."o aluno que procura o cursinho apresenta "déficits de conhecimentos" e busca uma forma de obter a revisão de todo o ensino fundamental e médio de uma vez. Para isso, sujeita-se a mudanças de comportamento, a que não se sujeitava anteriormente, como assiduidade e a estudar os conteúdos propostos pelas universidades para os vestibulares. É um processo de mudança de cultura, dos hábitos escolares do aluno, em que se busca a organização do tempo e a rotina de estudos. Os alunos de camadas populares que chegam ao cursinho, apresentam dificuldades nos conteúdos das disciplinas exigidas e , com os procedimentos implementados pelo SOPE para o engajamento nas rotinas de estudos, encontram um suporte para o prosseguimento às instâncias propedêuticas dos vestibulares (Clarisse).

Segundo Clarissa, e confirmado pelos professores, identifica-se claramente o esforço dos alunos que querem mesmo ser aprovados no vestibular:

"os meus alunos ficam o dia inteiro no cursinho estudando, querem mesmo ampliar sua bagagem para aprovação no vestibular de seu interesse, eles sabem aplicar tempo e esforço eles aprendem isso aqui. Eles estudam, buscam ajuda do monitor, não ficam carregando dúvidas"( Abdo).

Para os professores, o investimento ou aplicação do aluno durante o seu tempo de cursinho é decorrente do fato de os próprios alunos estabelecerem as razões de estarem ali:

“É diferente do tempo da escola do ensino médio, lá eles não tinham escolha, estavam lá porque os pais exigiam, tinham de terminar o tempo de escola. Quando estão aqui, eles sabem o que querem , querem passar no vestibular” (Cléber).

Mas, apresentar deficiências na formação escolar, obtida no ensino médio, foi uma indicação recorrente entre professores para justificar a necessidade de freqüentar o cursinho, porque ele é diferente do ensino médio, ele tem funções que o ensino médio não tem, ele funciona diferente.

Assim, pode-se dizer que há reconhecimento entre os professores e a equipe administrativa e pedagógica do Gaia de que o cursinho existe e é procurado porque ele é diferente do ensino médio, ele tem funções que a escola regular não tem, ele funciona diferente.

O professor Cléber (Química) diz ter ouvido de um colega que o *“cursinho é o atestado de óbito do Ensino Médio. Se o Ensino Médio fosse bom , desse conta do recado, não seria necessário fazer o cursinho”*. Para ele, o trabalho do professor do cursinho é valorizado e reconhecido pelas famílias e pelos alunos como um “tremendo colejão”, que vai complementar o conhecimento que falta.

Para o professor Cléber, *“o cursinho é como um “colejão”*, é um espaço de convivência, é voltado objetivamente para se alcançar uma meta – passar no vestibular. Os processos seletivos são altamente competitivos e exigem, por parte dos alunos, uma preparação mais adequada, definindo o papel dos cursinhos.

Na opinião do professor René:

“o ensino médio é apontado como deficitário, também pelos familiares dos alunos. É muito comum, as famílias tecerem críticas à escola plural que não prepara os alunos para as universidades”.

Para o professor Abdo , o aluno do 3<sup>a</sup> ano do ensino médio ainda não tem maturidade suficiente para entender o que é o vestibular. Ressalte-se que esta é uma avaliação “pinçada” pelo senso comum das relações docentes do cursinho, *“o aluno do ensino médio ainda é muito jovem para entender o significado de se entrar em uma Universidade”*.

Continuando a fala do professor Abdo.

“o que difere o aluno do cursinho do aluno do ensino médio é a questão do interesse e do envolvimento. O aluno do cursinho quer aulas excelentes, quer se envolver, exige da escola e do professor a qualidade da instrução. É mais objetivo, mesmo com dificuldades pessoais e materiais para escolhas profissionais. Observando o aluno do 3º. ano do ensino médio, são raros os que demonstram garra e perseverança para passar no vestibular. E, além disso, o aluno vem com deficiências do ensino médio”.

Para o professor Cléber;

“Os alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas têm deficiências em cálculo numérico, em álgebra e, conseqüentemente, terão problemas com as demais áreas das exatas como Física e Química. No cursinho, esses conteúdos seguem uma seqüência determinada pelo programa do vestibular para superar as suas falhas”(Cléber).

A professora Margarida, de Língua Portuguesa, afirma que;

“O objetivo do cursinho é sanar as falhas do ensino fundamental e médio, portanto, os serviços burocráticos e as aulas, são programados para atender a essa demanda dos alunos. O nosso negocio é ensinar, é ajudar o nosso aluno a adquirir as condições culturais para ser aprovado e permanecer na escola superior. Percebo que, para a maioria dos alunos, o período de um ano de cursinho é insuficiente, diante da falta de base para a resolução de problemas, que na maioria das vezes são básicos”.

Lembro aqui que a professora Margarida, também do setor de Redação, é responsável pelo trabalho de produção de textos (redação), interpretação e de contextualização das obras literárias exigidas no vestibular. Além disso, ela é responsável pela correção das provas abertas de português e de analisá-las com os alunos caso a caso. Para a professora Margarida, “*os alunos chegam ao meu setor de atendimento sem o devido hábito da leitura e da escrita*”. Para ela; “*trata-se de um trabalho de longo prazo e, para isso, conto com a ajuda de 2 auxiliares de redação*<sup>77</sup>”. Considerando o perfil do aluno do 3º. ano, do ensino médio, que chega ao cursinho, no segundo semestre, para o processo preparatório das

---

<sup>77</sup> Esses auxiliares não foram entrevistados.

universidades federais e particulares percebe-se, em relação aos alunos do cursinho, *“um descompasso entre o que se tem de bagagem de conhecimentos e o que eles precisam para passar nos vestibulares(Fausto).*

“O aluno sai do 3º. ano imaturo quando entra para o cursinho. Nas primeiras semanas, ele vai sentir a diferença. É um tremendo choque e que o obriga a repensar sobre o que fez, no ensino médio e o que vai fazer dali para frente. Ninguém conhece ninguém, pelo menos nas semanas iniciais. A partir de um mês, os alunos começam a se enturmar.. O aluno do ensino médio que acaba de chegar, não tem a menor idéia do que está fazendo no cursinho e o que quer da vida, quais são os seus projetos pessoais e como fazer para conseguir. O cursinho abre a cabeça do aluno, amplia os horizontes das profissões”.

Para o professor Rodrigo (Química), a preocupação do ensino médio é com a formação humana e a preocupação com o vestibular é minimizada, *”o professor não deve, em suas aulas, inculcar na cabeça dos alunos assuntos sobre os vestibulares(Rodrigo).*

Em um colégio tradicional, não voltado exclusivamente para os vestibulares, os professores percebem que:

“existe uma preocupação com as festas e eventos nacionais e religiosos o que acaba por produzir um ambiente de muita troca de informações e de estabelecimento de amizades. No final do ano, tem-se a formatura, toda a escola está envolvida, e os vestibulares, para a grande maioria, fica para depois, ou seja, para o ano seguinte” .(Rodrigo)

Segundo o professor Fausto;

“no ensino médio o professor tem mais tempo para trabalhar certos capítulos, ele não tem de se preocupar em terminar uma extensa programação como as que temos no cursinho. Os objetivos do colégio são outros, não são voltados exclusivamente para os vestibulares como os cursinhos”.

Para ele, *“a Matemática no 3º. ano, do ensino médio, é dada de forma a criar hábitos de raciocínio e de concentração. No cursinho, os três anos do ensino médio são dados em nove meses”(Fausto).*



“existe uma lacuna no ensino médio, entre o 1º. e o 2º. ano (sic). Tem aluno que é analfabeto em matemática, não sabe resolver uma equação do 2º.grau. Por outro lado, tem alunos que estão além do ensino médio, têm um raciocínio matemático muito bom. Já teve época que esses alunos quando passavam nas universidades eram convidados a serem monitores nos cursinhos. A gente ouve falar nesses casos. As universidades federais estão pegando esses alunos bons”(Fausto).

Os alunos também apontam para a ineficácia do ensino médio no sentido propedêutico aos vestibulares das diversas universidades. Na opinião de Wilson, aluno do curso extensivo manhã;

.”as atividades escolares no ensino médio encontram-se aquém das exigências dos vestibulares das universidades federais em que as atividades dos cursinhos(sic), embora criticadas pela maioria dos educadores, tornam-se significativas para alunos com déficits de conhecimentos”. (Wilson).

Percebe-se, assim, na fala do aluno Wilson, o reconhecimento de que a preocupação do ensino médio é voltar-se para a preparação do ser humano para a vida, transferindo para os cursinhos ou para os 3º anos integrados a preparação para os vestibulares.

Na visão de professores e alunos, as atividades escolares do Gaia Vestibulares são necessárias para uma revisão e aprofundamento geral dos conteúdos propostos pelos programas das universidades. Essa percepção fica evidenciada pela procura dos cursinhos como uma espécie de 4º. série do ensino médio.

“tem que fazer o cursinho, é mais um ano obrigatório senão não passa no vestibular, a gente sabe disso.” (Priscila).

“ todo mundo já espera que você saia do colégio e vai fazer um cursinho, tem que fazer”. (Isabela).

“não dá para passar sem fazer cursinho (sic), tem que fazer mais um ano, pelo menos. Depende do curso que você vai entrar na Universidade” . (Mariana).

Para o professor Cléber (Química), a principal singularidade do cursinho é “a objetividade das aulas e dos procedimentos administrativos voltados para o sucesso nos vestibulares”.

“o cursinho corresponde ao espaço escolar onde o aluno complementa a sua base teórica não vista ao longo do ensino médio e necessária à sua aprovação nos vestibulares. Desenvolvemos para o aluno, o programa proposto nos vestibulares. Fazemos o que a escola do ensino médio não faz., direcionamos as nossas ações pedagógicas para a aprovação de nossos alunos nas principais universidades do país. O aluno sabe disso e cobra dos professores e da direção do cursinho, pois se tem uma ação pedagógica de que o aluno não gosta é quando o cursinho toma atitudes típicas de colégio. A diretoria não é de passar a mão na cabeça do aluno, em casos de indisciplina ou de agressões a colegas e professores os alunos são punidos com a exclusão do cursinho. O cursinho pré-vestibular é uma instituição escolar livre mas, não a ponto do aluno fazer o que bem entende”. (Cléber).

Para o professor Rodrigo (Química);

“A principal singularidade do cursinho, em relação ao Ensino Médio é sua objetividade. Com as aulas mais objetivas, direcionadas para o vestibular se consegue resultados positivos por parte dos alunos e do professor, a aula “rende mais”. O enfoque das aulas no cursinho, voltadas para as provas do vestibular favorece as ações de competitividade e o comprometimento do aluno com o sucesso nos vestibulares”.

Os procedimentos pedagógicos, nas salas do cursinho, apontam ações e atitudes coerentes e compartilhadas por professores, alunos e funcionários. É importante, para os professores, o planejamento de ensino e dos programas dos vestibulares para atender as demandas dos alunos.

Todos os profissionais da equipe de profissionais do Gaia Vestibulares reiteram que sua finalidade é capacitar os alunos para o vestibular mais concorrido que corresponde ao da UFMG.

Segundo o professor Almeida,

“a UFMG é uma das universidades públicas de maior prestígio do país, é a mais conceituada de

Minas Gerais. Seu vestibular é altamente seletivo e a disputa pelas vagas vem se acirrando cada vez mais, ainda que de modo diferenciado, segundo o curso”.

São as universidades federais que vêm mantendo, de certa forma, as ações e a longevidade dos cursinhos que já encontram fortes resistências por parte dos cursos integrados no ensino médio<sup>78</sup>. Ser aprovado no vestibular das universidades federais é a meta perseguida por todos os envolvidos – professores e alunos.

Na opinião de Isabela, aluna do curso extensivo diurno de biomédicas,

”Acho que estou fazendo a coisa certa. Na minha terra, a maioria dos meus colegas de escola voltou para casa e está trabalhando no campo com suas famílias na zona rural. Eu, por outro lado, vim para Belo Horizonte e procurei o cursinho Gaia, a partir de informações de colegas, porque quero crescer - essas coisas! O cursinho é meu alicerce agora, é a base de tudo, aqui estou tendo as aulas de que preciso e, a ajuda necessária de minha família. Eu sempre gostei de estudar. Minha família sempre foi muito estudiosa, a minha mãe foi professora e atualmente trabalha na escola em que estudei – eu vou passar no vestibular da Federal!(sic)”.

Para Mariana, aluna do curso extensivo de biomédicas

“Acho que o cursinho é uma passagem entre o colégio e a universidade, é um curso intermediário. É um período de transição, muitos alunos preferem tentar fazer o vestibular com a bagagem escolar que possuem, e raríssimos alunos, conseguem ser aprovados, geralmente em cursos menos procurados e, que hoje em dia está difícil de saber, pois, as empresas que empregam, querem o estudante universitário, não importa o curso, daí imagino que qualquer um curso serve para quem esta a fim de, procurar um emprego. O negócio é ser aprovado em qualquer curso, será” ?

As alunas Isabela e Mariana objetivam a mesma área - biomédicas e, apresentam condições escolares diferentes e vêm, no cursinho, uma necessidade temporária para a conquista de seus objetivos. Elas sabem que

---

<sup>78</sup> Fator típico do final dos anos 90, cresce a oferta de “cursinho” integrado ao 3º. ano do ensino médio nas escolas mais tradicionais do segmento sócio-econômico mais privilegiado.

precisam de muito esforço para a conquista da vaga. Assim, enquanto suas famílias garantem a manutenção de sua vida escolar, elas depositam no cursinho suas energias para ampliarem conhecimentos. Na percepção das alunas, o cursinho é necessário para superar as deficiências resultantes do ensino médio. Elas acreditam que o cursinho é o caminho para a universidade. Alunos e professores apresentam uma diferenciação clara entre as formas de funcionamento do cursinho em relação à experiência escolar do ensino médio.

Para Viana (1998), a escola entra na dinâmica da produção do sucesso escolar como ator ativo, ou seja, como instância que estabelece os parâmetros teóricos e tecnológicos para o sucesso de seus alunos na vida social e econômica.

“A exigência, pelo mercado de trabalho, de um tipo particular de sujeito, portador de determinadas disposições racionais, cognitivas e culturais e morais, constitui, em nosso entendimento, um desses parâmetros que só através de um processo de escolarização permite adquirir o capital cultural para atender a essas demandas conjunturais”.(Viana 1998:10).

O cursinho, portanto, é uma instância escolar diferente da escola de ensino médio e se estrutura de acordo com as suas finalidades.

Na opinião do professor Marcos,

“foram necessárias mudanças estratégicas para enfrentar esses desafios e dar credibilidade e visibilidade ao cursinho, criando atividades diversas, extra-turno, voltadas para o atendimento personalizado ao aluno e para o aprofundamento das disciplinas consideradas vitais para o acesso aos cursos superiores de maior prestígio, envolvendo todos os professores e funcionários.

Essas mudanças no cursinho foram de ordem estratégica, em decorrência das mudanças de mercado, com a flexibilização dos vestibulares no Ensino Superior Privado, com a universalização do ensino básico e do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. O objetivo das medidas de reorganização do Gaia Vestibulares buscaram dar longevidade ao seu trabalho, diante das mudanças conjunturais. Ele se estrutura para atender às demandas atuais, ele precisa se apresentar como eficiente e necessário pelo que faz.

Para o professor Marcos, *"o aluno sente mais segurança e confiança no nosso trabalho"*.

"a sala de aula do cursinho, para quem quer dar uma boa aula é maravilhosa. Temos a nossa disposição recursos de multimídia, o que possibilita um bom desempenho do professor diante dos alunos. Embora esses recursos já não constituam nenhuma novidade para a maioria dos colégios". (Abdo)

Para a aluna Isabela,

"no início, admito que estava tendo dificuldades com a maneira de se trabalhar no cursinho e , agora vejo a possibilidade do cursinho ajudar-me bastante a passar no vestibular da UFMG".

Também para aluna Priscila,

"acredito que o cursinho estimula , motiva muito o aluno a estudar, a ter uma base, o resto é com você mesmo. O que o cursinho faz pelo aluno é ajudá-lo a ter malícia para responder às questões das provas do vestibular".

Para a aluna Mariana,

"no cursinho você tem muita liberdade, pode fazer o que quiser, assistir ou não uma aula, pode ir para a biblioteca ou ir para rua, enfim, ninguém te "amola". É uma questão de consciência, você está se preparando para o seu objetivo, o seu futuro".

Os programas dos vestibulares são criados pelas IFES ou por outros segmentos do ensino superior. Tornam-se, então, a *"grade curricular"* dos cursinhos<sup>79</sup>. Os programas das IFES, por serem mais completos, tornam-se os norteadores das futuras edições das apostilas e materiais complementares. Além disso, o cursinho é percebido como uma escola onde se estuda e se aprende conteúdos.

"a singularidade do cursinho Gaia, enquanto espaço escolar, é que ele é o espaço onde ocorre o processo de ensino - aprendizagem. O aluno recebe várias orientações de como estudar e onde estudar" (professor Fausto).

---

<sup>79</sup> Também , muitas escolas de Ensino Médio assumem programas do 3º. grau, mas não de forma sistematizada como no cursinho.

Para o professor Fausto, , “o cursinho “*abre a cabeça*” do aluno para novas perspectivas e possibilidades quanto às escolhas profissionais”. Enfim, para o professor...” o cursinho tem a particularidade de atender aos alunos em suas necessidades escolares visando aprovação nos vestibulares”.

Segundo relato do professor Abdo,

” uma das singularidades do cursinho e do aluno é o aprender a estudar, a compreender a filosofia e a linguagem científica da disciplina e da proposta do vestibular”.

O cursinho, segundo a aluna Mariana, “*mexe com o nosso grau de responsabilidade*”. Mas os alunos conseguem ver com restrições o valor do cursinho:

Para ela:

“Por outro lado, você quer é jogar tudo para o alto, as aulas são, muitas vezes, repetições do tempo do colégio – chatas. Não é uma fase muito boa, eu acho, mas temos de encarar. A marca que o cursinho deixa é de que só eu posso realizar os meus sonhos”. (Mariana).

Na opinião de Wilson, do curso extensivo de Biomédicas,

”há um mito em se achar que o pré vestibular é que vai passar você no vestibular. O aluno é que tem de buscar ser o diferencial, ele tem de ser autodidata para poder superar as dificuldades que são colocadas pelos programas de acesso às universidades”.

Segundo relato do Wilson, a sua trajetória escolar está marcada pelo ensino fundamental em escola pública e, posteriormente, concluiu a 8<sup>a</sup>. série em escola particular. O ensino médio foi concluído em escola particular por considerar que se preparava melhor para o vestibular. Mas, ainda assim, ele reconhece que precisa do cursinho para ser aprovado.

A aluna Priscila, do curso extensivo, confirma-se, de certa forma, a resposta do aluno Wilson, à medida que,

”o cursinho estimula o aluno a se ter uma base teórica e prática, o resto é com o candidato mesmo.

O cursinho aprofunda os conteúdos propostos pelos programas das universidades e ensina o aluno a ter malícia para se ler uma questão e fazer uma prova, dimensionando o tempo para as respostas”.

Professores e alunos falam, também, sobre as particularidades do trabalho desenvolvido e das relações decorrentes delas. Segundo relato do professor Fausto (Matemática);

“No cursinho, o relacionamento entre o professor e o aluno é muito formal, é mais distante, não conhecemos o aluno, enquanto no 3º. ano do colégio, o relacionamento é bem menos formal e, nesse caso, o professor percebe se o aluno está ou não assimilando o conteúdo dado”.

Essa argumentação não é consenso entre professores do cursinho Gaia. Há aqueles que identificam o cursinho como espaço de informalidade e descontração. É importante ressaltar que os professores buscam formas criativas e ortodoxas de trabalhar com esses alunos, procurando superar dificuldades geradas pelo descompasso deixado pelas clivagens sociais no espaço escolar do cursinho.

Os professores valorizam as formas como trabalham, em classe, com os alunos do cursinho Gaia.

Na opinião do professor Cléber, *“a imagem que o cursinho passa para as pessoas e de que é um “circo”, é uma imagem falsa”*. Sabe-se que a proximidade do professor de seus alunos contribui, positivamente, para favorecer a aprendizagem. Porém, diante de uma extensa programação e do período de apenas nove meses para se trabalhar com todo o conteúdo do ensino médio (de 3 anos), há que trabalhar com mais objetividade mesmo. Para o professor, *“o ambiente do cursinho é muito tenso e dissimulado pelas eventuais brincadeiras entre colegas e alunos”*.

O prof. Abdo (Física) estabelece como critério para organizar o tempo na sala de aula:

”Sigo a programação da apostila, o que outros colegas também fazem. Isso quer dizer que o aluno observa se acompanho o conteúdo da programação e da apostila. Se ele sair dessa “armação”, o aluno irá reclamar”.

Para ele, à medida que os conteúdos são dados em classe, de acordo com o planejamento de ensino, entrega-se uma nova apostila para o aluno. Os exercícios dos capítulos são das últimas provas de vestibulares que, tecnicamente, não mais cairão nos vestibulares, mas, segundo o professor, “*o aluno refaz a questão que errou no vestibular e avança tentando superar outras questões propostas*”.

Ainda na opinião do professor Abdo,

“faltam exercícios novos, desafiadores e inéditos nas apostilas e, muitas vezes, o conteúdo de todo um capítulo está defasado ou muitas vezes superado, o que produz uma imagem negativa do cursinho”.

Ainda na fala do prof. Abdo,

”na verdade estou ali, na sala de aula para vender a minha aula, sou um bom vendedor de idéias, “Quero vender o meu peixe”. O que difere as minhas aulas dos demais é a didática. Brinco com meus alunos, dentro do conteúdo sem a perda de tempo”.

A direção e o aluno cobram do professor que o planejamento de ensino seja sempre respeitado e que a matéria seja dada no período de uma aula do cursinho e que os materiais disponíveis, como o telão e aulas de multimídia, sejam utilizadas em classe. Porém, nem todos os professores utilizam essas ferramentas, pois consideram que se perde muito tempo para iniciar uma aula. Nesse caso, a diretoria respeita as suas atitudes.

A professora Clarisse, do SOPE, deixou claro que a intervenção do seu setor é primordial para ajudar os alunos no desenvolvimento de rotinas e habilidades de estudo. Também a professora Margarida, responsável pelo setor de redação, revelou que consegue modificações na competência dos alunos. Ela consegue que eles desenvolvam hábitos de leitura, aprendam a desenvolver interpretação contextualizada de diferentes textos, melhorem a leitura e, por conseguinte, melhorem sua capacidade de interpretação dos enunciados nas questões de provas.



Uma das singularidades das ações pedagógicas no cursinho Gaia, em relação ao Ensino Médio, consiste em insistir, perseverar na crença de que é possível ensinar ao aluno a estudar, a compreender a filosofia e a linguagem científica da disciplina e treinar intensamente para fazer a prova de Vestibular. E parece que o SOPE cuida de organizar ajudas para que os alunos desenvolvam boas estratégias e rotinas de estudos, contando com o apoio dos monitores e do núcleo de métodos de ensino e de aprendizagem.

Para o professor Cléber:

” alguns professores consideram que os alunos possuem os atributos necessários à sua aprovação nos vestibulares. E o que se constata é que eles não possuem uma base escolar suficiente, para encarar um vestibular do porte das IFES e da PUCMINAS. Acredito que quanto mais base o aluno tem, maior o interesse pelas aulas e pelos conteúdos propostos e, esse aluno está escasseando”( sic).

Segundo ele, *“a leitura dos textos em classe não é muito atrativa, pois nem todos os alunos, em classe, estão com o material em mãos. Temos de utilizar a multimídia, constantemente, e a sala fica parcialmente escura. O aluno não gosta muito”*.

Para a aluna Priscila,

“tem professor que é “fissurado” na sua disciplina e passa, com essa atitude, as melhores alternativas de se estudar um conteúdo. Geralmente, quando quero estudar para valer, fico no cursinho mesmo e vou para a monitoria tenho dúvidas sobre algum assunto”.

É recorrente entre os professores, quando se discute sobre a aprendizagem dos alunos no cursinho, que a boa conduta é um componente importante para o esforço desenvolvido em classe.

“Percebe-se que, quando os alunos do colégio chegam ao cursinho, o primeiro impacto em classe é com a questão da indisciplina que interfere, sem dúvida, na aprendizagem dos alunos”(Clarissa).

Para Clarissa, “O que mais “pega”, no colégio, é a indisciplina, considerada intolerável no cursinho”.

Ainda para o professor Cléber,

“tenho conversado com colegas e percebo que no ensino médio a disciplina não está boa. Os alunos estão chegando ao cursinho sem limites e o professor interpreta que alguma coisa está acontecendo nos colégios. O cursinho tem outras atribuições que ficar corrigindo essas posturas disciplinares em classe. Às vezes, o professor é agredido com palavras ou atitudes por parte dos alunos. Por sorte, a diretoria é presente e as soluções são imediatas, nos casos extremos, o aluno é excluído do cursinho”.

Assim, acredita-se que um dos fatores que interferem, sobremaneira, no desempenho do professor e dos alunos do cursinho Gaia, encontra-se relacionada a boa conduta em classe.

Para o professor Abdo (Física);

“a postura profissional é fundamental na sala de aula. Quando há uma conversa paralela, o próprio aluno acha ruim e fica à espera da atuação do professor. Se ele adia a decisão de chamar a atenção, o aluno avalia, negativamente, o professor no IBOPE. O aluno espera que eu dê a aula, que cumpra a programação”.

Para a aluna Mariana,

“ Na escola em que estudava era muita bagunça. O professor, a toda hora, tinha que ir na direção da escola buscar o diretor para retirar um aluno ou mais que estavam “zuando”. No cursinho, o professor de vez em quando, manda um aluno sair da sala. Acho que é uma questão de objetivo, o aluno vem para o cursinho estudar. Aqui a disciplina é legal, muito boa” (Mariana),(sic) .

Assim, a pesquisa revelou que os alunos e professores acreditam que o cursinho ajuda os alunos a superarem as desvantagens escolares e os habilita a competir com outros alunos do ensino médio, em situação mais privilegiada, devido à escolarização mais eficiente em escolas consideradas de ponta. Também revelou que o cursinho funciona e tem, para alunos e professores envolvidos, o sentido de mais de um ano escolar, indispensável para quem tem, como meta, a entrada no

ensino superior. Como instituição escolar, chama a atenção para o sentido pedagógico de suas atividades: O cursinho não desiste do aluno. Todos os recursos do cursinho são utilizados com o objetivo de fazer com que os alunos recuperem o tempo perdido, aprendam conteúdos das disciplinas escolares e se preparem, da melhor maneira possível, para o vestibular.

### **3.2 O cursinho escola: espaço de mediação entre o ensino médio e a universidade?**

Este tópico conclusivo do capítulo 3 e, ainda, da própria dissertação, tem a finalidade de desenvolver uma análise do cursinho como instância propedêutica ao ensino superior. Procurei retomar, no cursinho Gaia, funcionando como escola, o sentido atribuído às experiências escolares dos entrevistados, alunos e professores, para refletir sobre a função social deste segmento escolar, ou melhor, “deste ano escolar”, que é, como foi apontado e reconhecido pelos entrevistados, complementar, necessário e indispensável ao ensino médio.

A comunicação pedagógica, no espaço da sala de aula do cursinho Gaia, é percebida de maneira diferente pelos alunos, devido, em grande parte, à exigência de plena compreensão e assimilação dos códigos e símbolos, transmitidos pelos professores e porque a condição de entendimento e de aproveitamento do que é oferecido, nesse espaço, corresponde às condições estabelecidas pelo capital cultural e econômico para a decifração dessa comunicação. O trabalho de elaboração de códigos simbólicos sempre supõe uma certa autonomização dos agentes sociais cuja prática encontra-se ligada à produção cultural e tende a se especializar.

A sociologia da cultura<sup>80</sup> pode ser considerada indissociável da teoria de dominação de P. Bourdieu. A cultura é também um sistema de significações hierarquizadas: a cultura se torna um móvel de lutas entre os grupos sociais cuja finalidade é manter os distanciamentos distintivos entre as classes sociais. Assim sendo, no espaço escolar do cursinho Gaia, constatei mecanismos pelos quais

---

<sup>80</sup> O conceito de cultura tem um sentido antropológico, designando as maneiras de fazer, sentir e pensar, própria das ações coletivas da humanidade. Essa noção global de cultura “é *construída por oposição à de natureza: pertencente à cultura tudo aquilo que é adquirido e transmitido (por oposição ao inato), tudo aquilo que faz dos homens seres criadores de próprias condições de existência (Bonnewitz, 2003:93-94)*”

segmentos desfavorecidos lutam pela superação de um arbitrário cultural e conseguem, através de muita dedicação, garra e da assimilação do capital escolar a superação desses limites sociais .

O conceito de capital cultural, tomado em Bourdieu, é pertinente para se compreender porque alunos egressos do ensino médio estão freqüentando o cursinho e como eles se utilizam dessa extensão escolar.

O conceito de capital cultural é essencial na construção teórica de Bourdieu. Dentro do campo conceitual do autor, desenvolvido para analisar a relação escola e sociedade, explica-se o desempenho escolar diferenciado segundo as classes sociais. O conceito incorpora a hipótese de que as diferenças econômicas não são suficientes para explicar padrão diferente de aproveitamento escolar, ou seja, as diferenças nos resultados escolares - sucesso ou fracasso.

O conceito é, posteriormente, ampliado e, nos anos 80, incorpora a relação entre os bens culturais e sua força de determinação nas relações escolares dos indivíduos, ou seja, incorpora a relação que os bens culturais têm com o mercado: da mesma forma que o capital econômico é o montante de posse de bens culturais, materiais e simbólicos, que determinam as diferenças culturais.

O capital cultural não é coisa. Ele existe nas pessoas, revela condições pré-estabelecidas e institucionalizadas nas formas e modos de vida, revela um “ethos” que estabelece a marca dos sujeitos , diz o que ele é e o que ele pode ser. O capital cultural não tem autonomia de pessoa e desvenda sua constituição através de gestos, linguagem, posturas e disposição para certos bens e valores sociais. O capital cultural é condicionado pelo capital econômico e sua aquisição e acumulação dependem do tempo e das ações particulares de investimento dos sujeitos sociais na sua própria aquisição – freqüência a escolas, participação na vida cultural e compra de bens no mercado cultural. Assim, para Bourdieu, o **capital cultural** existe sobre a forma de **capital incorporado** (disposições que se revelam, em modos de ser e agir); **de capital objetivado** (materializado em forma de suportes materiais como livros, obras de arte) e do **institucionalizado** (bens simbólicos agregados e legitimados por uma instituição: diplomas e propriedades originais) (Bourdieu,1990). O processo de incorporação do capital cultural é, assim, um trabalho pessoal do sujeito sobre si mesmo, um trabalho que consiste em trabalhar em si mesmo.

Dessa maneira, a passagem pelo cursinho pode ser interpretada como a busca sistematizada dos alunos de camadas sociais médias e populares para construir e adquirir as condutas, os conhecimentos, a forma de se relacionar dentro do mercado escolar, suas normas, visando à aprovação nos vestibulares. **Os cursinhos, portanto, são buscados pelas condições que oferecem para a aquisição da cultura escolar, que possibilita a passagem para a etapa seguinte de escolarização, intermediada pelo rigoroso processo seletivo, o vestibular.**

O cursinho Gaia possibilita que os alunos desenvolvam um aparato cognitivo e particularizado, constituído de categorias de pensamento e de formas de ação de interação social e moral, reivindicadas no espaço escolar universitário, ou seja, os alunos procuram, no cursinho, obter as credenciais de acesso ao ensino superior.

O cursinho Gaia cobra dos estudantes, explicita e implicitamente, várias atitudes, comportamentos e conhecimentos e um conjunto de habilidades lingüísticas e espaciais (matemática, geografia, história etc.) neutralizando, assim, as desvantagens iniciais determinadas pelo diferencial de classe e pela escolarização anterior.

Como afirma Portes(2001), para as famílias dos alunos egressos do ensino médio, os investimentos aplicados na carreira escolar dos filhos, via cursinho, viria a integrar-se nas estratégias familiares de investimentos de longo prazo na direção de instituições capazes de intensificar essa vantagem, típica dos segmentos escolares pertencentes às classes dominantes.

O cursinho apesar de integrar-se ao sistema reprodutivo não é considerado instância de legitimação do estado institucionalizado de capital cultural, ou seja, não confere diploma ou qualquer outro tipo de certificação. Todavia, esse segmento escolar pode estabelecer uma vantagem no mercado escolar, determinada pela conquista de vagas nas universidades, já que atua como modalidade escolar, no treinamento de alunos portadores de desvantagens, decorrentes de escolarização precárias e, logo com reduzidas vantagens, dentro daquelas determinadas pelo capital econômico e cultural das elites. Essa situação ficou evidente no cursinho Gaia.

Os alunos Wilson, Mariana, Isabela e Priscila assinalam a importância das suas famílias para a concretização de seu sonho que é entrar em uma universidade de prestígio.

Na opinião de Wilson,

“ A minha família faz muita questão do meu estudo. A minha formação no ensino médio, em escola pública, foi muito precária e não atendia aos programas de seleção das universidades federais, principalmente para o curso de medicina que quero fazer. Em decorrência das minhas dificuldades, a minha família colocou o meu irmão em escola privada, objetivando atender aos requisitos dos programas dos vestibulares. No cursinho, tenho de aproveitar ao máximo as aulas e os serviços de atendimento ao aluno, o curso é muito caro e muito pesado para a minha família pagar”.

Segundo relato de Mariana;

“ A minha família apóia muito a minha vinda para Belo Horizonte fazer o cursinho para a área de biomédicas. A minha mãe é quem paga os meus estudos, o custeio de moradia, transportes, a compra de livros e de lazer. A minha família é a minha base emocional, se não fosse a minha mãe e o apoio dos meus irmãos seria muito difícil concretizar esse meu sonho de entrar na universidade” .

Para Isabela;

“ A minha mãe trabalha na escola em que fiz o ensino médio. Não tenho pai e quem paga os meus estudos é o meu avô. Por isso, fico o tempo todo no cursinho. Estudo da manhã à noite no cursinho. Na parte da manhã, fico no cursinho tendo as aulas normais. À tarde, vou para o plantão tirar as dúvidas e de noite estudo tudo de novo. Não tenho grana para sair, o meu dinheiro é a conta. Nos finais de semana, sempre pinta uma festinha da turma da sala. Já estou namorando um colega de classe que vai fazer o mesmo vestibular que eu – medicina”.

Para Priscila,

“a minha família está acreditando que o cursinho vai me ajudar. Eu preciso estudar muito para ter a minha vaga garantida.”

O grupo familiar desempenha, então, um papel relevante nessa socialização para conduzir à universidade, à medida que seus esquemas perceptivos e ações educacionais e valores são repassados ou transmitidos, via *habitus* familiar.

É importante ressaltar que as classes mais privilegiadas dispõem de bens culturais mais agregados que os demais segmentos ou frações sociais. Bourdieu assinala que *“as frações menos favorecidas das classes privilegiadas dispõem de práticas e estratégias culturais tão ou mais intensas que os segmentos médios”*. Para ele, os investimentos aplicados na freqüência aos melhores estabelecimentos escolares devem conter uma rentabilidade relativamente previsível. Se esse é o caso dos investimentos em boas escolas, não seria o caso de investimentos em cursinhos?

Os cursinhos se organizam no espaço urbano com o objetivo de atender ao diferencial de classe e responderem às perspectivas de aprovação nos vestibulares. Assim, podem ser percebidos pelas famílias como referencial futuro de rentabilidade dos investimentos educacionais, para a preparação de seus membros aos vestibulares. Nesse caso, a pesquisa mostrou que, na Zona Sul (Savassi), estão localizados os cursinhos pertencentes às elites, que ficam próximos aos colégios destinados a elas. No hipercentro, os cursinhos encontram-se geograficamente dispersos, visando atender aos diversos segmentos de classe dentro das condições de remuneração de cada família ou de cada aluno. Assim, a organização espacial dos cursinhos é marcada pelo diferencial de classe. Esse processo de segregação efetiva já se estabelece desde as séries iniciais de escolaridade.;

Para Bourdieu (2001),

”o ingresso, no secundário, entre os alunos dos diferentes colégios e das diferentes seções, tende a se reforçar à medida que avança o curso, em virtude do reforço contínuo das diferenças resultantes da orientação dos mais favorecidos culturalmente em direção às instituições capazes de intensificar a sua vantagem” (Bourdieu,2001:311-312).

A ampliação das vantagens escolares, no espaço escolar do cursinho Gaia, para alguns alunos pertencentes aos segmentos médios e das elites, ocorre a partir de investimentos ou atividades de aprofundamento em disciplinas específicas que funcionam fora do horário regular, objetivando um diferencial de conhecimentos, considerado relevante para a aprovação nos vestibulares dos cursos de maior prestígio.

Essa é, talvez, a diferença entre a estratégia desses alunos de segmentos favorecidos e a estratégia dos seus colegas dos grupos menos favorecidos para os quais o cursinho assume a dimensão de uma atividade não só de revisão de conhecimentos, mas até de aquisição daquilo que não foi lhes dado no ensino médio.

Para Miceli (2001),

“O mercado escolar tende a sancionar e a reproduzir a distribuição do capital cultural, fazendo com que o êxito escolar seja proporcional à importância do capital cultural legado pela família (por exemplo, entre aos alunos das grandes escolas, constata-se uma correlação muito forte entre o êxito escolar e o capital cultural familiar, medido pelo nível de escolaridade dos ascendentes de duas gerações de ambas linhagens), enquanto, de outro lado, as frações das classes dominantes mais favorecidas do ponto de vista do capital econômico e do poder não são necessariamente as mais bem equipadas em capital cultural”. (apud Bourdieu, 2001: 312-313).

Portanto, o cursinho não altera o capital cultural dos seus alunos. A conquista do capital cultural, ofertado pelo cursinho, não é garantia de sucesso nos vestibulares, devido à complexidade dos processos seletivos. E, em função da forte correlação entre sucesso escolar e capital cultural, legado primeiramente pela família, também não é garantia de empregabilidade futura. Em decorrência de determinantes externos que atuam de forma coercitiva, reduzindo os impactos positivos desses investimentos<sup>81</sup> em escolarização, não ficam garantidos nem aqueles que se tornam portadores de diplomas, de certificações, de especializações.

Para Bourdieu (2001),

“A alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo, em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico”.(Bourdieu, 1979:3-6)

---

<sup>81</sup> As formas de coação externa podem ser apontadas como a crise econômica prolongada, o desemprego, expectativas de mercado interno e externo, novas tecnologias e obsolescências tecnológicas e outras, sem desconsiderar o fator classe social com suas formas de diferenciação de capital econômico.



O mercado escolar tende a legitimizar e a reproduzir a distribuição do capital cultural assegurando, em primeira instância, o êxito nos vestibulares para camadas privilegiadas.

Quando os professores do cursinho se referem aos baixos rendimentos escolares dos alunos, estariam considerando a manifestação de um insuficiente capital cultural por parte do alunato e de seu referencial familiar.

Entretanto, para os professores que atuam no Gaia Pré Vestibulares, essa vantagem pode ser alterada com o envolvimento de todos os setores do cursinho e do próprio aluno na superação de suas dificuldades.

Para a professora Margarida;

“Muitos alunos chegam ao cursinho sem saber ler e escrever corretamente. Quando se trabalha com duzentos alunos em classe não se percebe as dificuldades desses alunos e, raramente, eles procuram o professor, por isto insisto na oficina de redação. No meu atual trabalho, tenho tido um resultado muito positivo, pois, os meus alunos me procuram, se abrem, não têm medo de mostrar as suas dificuldades. É aí que estabelecemos as nossas estratégias para a superação das dificuldades. É isso que me motiva no cursinho”.

Na medida em que veicula que sua meta é atender aos alunos, potencializar suas diferenças individuais, sanar as dificuldades de domínio dos conteúdos trazidos do ensino médio, o cursinho Gaia opera como instância intermediária entre o ensino médio e as universidades, sendo a sua operação escolar legitimada pelos alunos que o procuram e pelos resultados obtidos posteriormente.

Segundo Bourdieu, a autoridade pedagógica, ou seja, no caso do cursinho Gaia, a legitimidade da instituição escolar e da ação pedagógica que nela se exerce, só pode ser garantida na medida em que o caráter arbitrário e socialmente imposto da cultura escolar é dissimulado pela ação escolar da instituição.

A oferta de um “cardápio” escolar para conduzir ao sucesso não leva em conta que esses alunos trouxeram as suas deficiências escolares como resultado de uma escolarização anterior, pautada por mecanismos da escola reprodutora de desigualdades sociais. O que orienta a ação do cursinho é o fato de que o seu cardápio escolar deve operar, nos alunos, algumas diferenças que conduziram à aprovação nos vestibulares. É esse pragmatismo que conta na organização do

tempo, dos espaços e nas aulas e demais estratégias de trabalho o que, de certa forma, coloca o cursinho como um espaço de relação entre o capital cultural e o sucesso no vestibular que pode ser relativizado.

Segundo Bourdieu (2002) a cultura escolar , socialmente legitimada, seria, basicamente, a cultura imposta como legítima pelas classes dominantes”.

“para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades sociais”.(Revista Educação & Sociedade, ano XXIII, no. 78, abril/2002: 29).

Assim, o sucesso na aprovação em vestibulares seria definido pelas condições sociais reais de cada candidato – *habitus*. Mas, essa dimensão, se por um lado é mascarada pela suposta eficiência dos cursinhos, ela pode , também, ser superada nas estratégias da instituição para perseguir os seus objetivos de conduzir os alunos para a aprovação.

Para Bourdieu, a escola, no caso de minha pesquisa o cursinho Gaia, seria portadora de um pretense discurso de neutralidade. Entretanto, esse papel exercido pelo cursinho é modificado, devido às ações dos professores e dos alunos através de suas interações para a superação de suas dificuldades cognitivas e do seu baixo capital cultural, pouco acumulado ao longo das suas trajetórias escolares.

No conjunto de alunos do cursinho Gaia, fica evidente o grupo que, mesmo não sendo de estratos privilegiados, se diferencia dos demais. Para estes alunos, a capacidade do cursinho potencializar suas condições de aprovação pode ser real. Essa situação, entretanto, não é a mesma para todos os alunos do cursinho. Alguns deles apresentam bagagem de conhecimentos favoráveis à aprovação no vestibular muito aquém do que seria suficiente e possível de superar com a passagem pelo cursinho.

Os alunos, provenientes de segmentos médios e populares, na passagem quase obrigatória pelo cursinho, buscam compensar essas defasagens de conhecimentos e de cultura, para equilibrar suas chances de aprovação. Para

esses alunos, o cursinho tem o sentido de proporcionar o “capital escolar” ainda não capitalizado para continuidade de estudos.

Os professores de cursinho declaram poder reconhecer, entre os alunos, aqueles dos quais pode-se afirmar: “o cursinho fez a diferença”. Foram feitas afirmativas claras neste sentido.

“aqui (sic) tem aluno que chegou sem saber nada do ensino médio e, depois de um ano, já era diferente. Os esforçados aprendem logo e superam suas deficiências” (Cléber).

“Tem aluno que no segundo ano de cursinho apresenta muita diferença de aprendizagem. Ele amadureceu, é mais dedicado aos estudos. Superou os limites trazidos do ensino médio. Há caso em que a gente pode dizer: uma vaga no curso X está garantida para fulano” (René)

Para a professora Margarida (Redação),

“percebo que os nossos alunos, atualmente, são mais alienados sobre o mundo que os cerca e só interessam pelas coisas que dizem respeito aos seus grupos”.

Para a professora Margarida, há necessidade de se trabalhar com muita leitura, desenvolvimento de vocabulário e interpretação de textos;

“O curso de redação permite que o aluno, ao longo de um ano, consiga adquirir um hábito razoável de leitura e desenvolver rotinas de redação. Percebo que os textos melhoram muito ao longo de um ano e muitos alunos conseguem ter, na redação, o diferencial para a aprovação nos diversos vestibulares”( Margarida).

Para Abreu (1963),

“de um modo geral, os alunos manifestam muita insatisfação pela ineficiência da escola secundária. Esses alunos ressaltam que o preparo obtido nos cursinhos é muito superior àquele que obtiveram no colégio. O principal motivo que invocam para tal é o de sua motivação ser muito maior, em relação aos objetivos que visam alcançar com a freqüência aos cursinhos do que aquela e que os levou a freqüentar a escola secundária, o que , em muitos casos, fizeram apenas para “obedecer os pais”( Abreu, 1964: 43).

O sucesso desses alunos, nos vestibulares, empresta ao cursinho Gaia, a imagem de ser portador de um diferencial pedagógico. No cursinho Gaia, todos assistem às mesmas aulas e são submetidos aos mesmos simulados, obedecem às mesmas regras de convivência e, portanto, supostamente, teriam as mesmas chances.

Assim, as atividades escolares do cursinho Gaia tornam-se atrativas para as camadas médias e populares, à medida que proporcionam melhores condições de prosseguimento escolar no ensino superior e, com isso, ascensão social.

Nesse sentido, o cursinho Gaia, poderia ser considerado uma instância de mediação entre o ensino médio e as universidades, porque alteraria, de certa forma, as chances dessas frações sociais desfavorecidas, possibilitando a aquisição de resultados positivos nos processos seletivos ou vestibulares.

Para Bourdieu (1999);

“Se os membros das classes populares e médias tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como nos outros, as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível”. (Gouveia, 1999: 47).

Os resultados nos vestibulares podem ser alterados a partir de certas estratégias estabelecidas pelos candidatos. Em primeiro lugar, como demonstrou Portes (2001), pelas ações familiares que tornam possível o acesso aos cursos preparatórios, proporcionando recursos financeiros para a frequência sistemática e regular aos cursinhos que mais aprovam nos vestibulares. Em segundo lugar, pelos próprios alunos, que reconhecem, nas atividades dos cursinhos, a possibilidade de superação dos limites de competência, imputados por um ensino médio deficiente, como revelaram os alunos do cursinho Gaia. Eles não só acreditam nisso, mas aplicam esforço de trabalho, disciplina de estudo e cumprimento de tarefas do cursinho - como fazer exercícios, tentando responder de forma positiva às expectativas dos professores. Ficou evidenciado, no tópico anterior, que os alunos reconhecem que o cursinho os prepara melhor para o vestibular.

Um outro fator percebido , no Gaia, foi a constatação de que para se alcançar o sucesso nos vestibulares é necessário ampliar o capital social, através dos contatos escolares no espaço do cursinho, onde os grupos de estudos são heterogêneos e a troca de experiências entre os vestibulandos pode ser determinante para o sucesso desse empreendimento, uma vez que os alunos podem ter suas aspirações reforçadas pela estratégia de comparação.

É nessa interação que a pesquisa mostrou como os alunos, de diversos segmentos sociais, reduzem os focos de tensão e estabelecem mecanismos de trocas de informações

Bourdieu (1977) explicita os conflitos internos de cada estrato social, na luta pela conquista e pela conversão dos investimentos em educação, por bens simbólicos e pelas estratégias de legitimação das crenças de cada grupo para se conseguir uma vaga nas universidades.

Esses conflitos mobilizam os grupos excluídos para um jogo de resistência à imposição do arbitrário cultural e permitem uma mudança nos resultados finais, tanto pela crença familiar no investimento em educação, mas também, pela dedicação e tempo para recuperação dos conhecimentos necessários ao prosseguimento em instâncias superiores de ensino.

Com a expansão notável do número de faculdades e universidades particulares, no final da década de 90 e nos primeiros anos do século XXI, temos outras formas de acesso aos cursos superiores sem que os alunos de segmentos mais privilegiados tenham de passar pelo crivo dos vestibulares<sup>82</sup>.

A pesquisa aponta que os maiores investimentos em educação, no Gaia vestibulares, são provenientes das frações médias e populares, situação revelada na própria história da Instituição que abandonou sua origem de curso destinado aos segmentos mais privilegiados da zona sul para atender camadas mais amplas e heterogêneas, apostando na luta de indivíduos de frações médias e populares para ampliarem suas chances de mobilidade social.

A procura pelo ensino superior pelas camadas populares e médias expressa o desejo de determinar um valor econômico ao diploma, um valor de conversão ou de troca.

---

<sup>82</sup> Esse fenômeno se constitui, gradativamente, em objeto de pesquisa que tende a se ampliar.

Para Nogueira (2003)

“ os membros das frações populares valorizariam os bens materiais e simbólicos vistos como úteis, práticos ou funcionais e rejeitariam tudo o que parece supérfluo, teórico ou abstrato”(Nogueira & Nogueira, 2003: 44).

Para os alunos de segmentos médios e populares, a posse de certificados escolares tende a ser socialmente utilizada como atestados de formação cultural ou “passaporte” de ascensão de classe e de ingresso no mercado de trabalho.

A pesquisa apontou a procura de cursinhos como um componente importante de tensão, existente no grupo de alunos egressos do ensino médio, de camadas sociais não privilegiadas, resistentes ao poder simbólico no campo escolar, conduzindo-os à busca de estratégias que possam reduzir suas chances de exclusão. Assim, os alunos matriculados nos cursinhos querem, de fato, trocar seu investimento pela entrada no ensino superior o que, a médio prazo, significa um diploma de nível universitário.

Nesse caso, o cursinho pode revigorar as estratégias possíveis de busca pelo resultado positivo, através da conversão do investimento em resultado positivo nos vestibulares e através do sucesso posterior no mercado de trabalho. É nesse contexto que considero pertinente classificar o cursinho Gaia como um segmento escolar além do ensino médio, em um intervalo mediador entre esse nível e as universidades. As evidências reveladas no cursinho Gaia podem confirmar que, mesmo fora do circuito escolar oficial, os cursinhos são considerados um tempo escolar de transição para o ensino superior.

Para os alunos do cursinho Gaia, ele é uma instância concreta de mediação entre o ensino médio e a universidade. O seu valor simbólico deve ser convertido em materialidade, no ingresso numa instituição de ensino superior, de preferência pública e de prestígio. A materialidade se consolidará com a obtenção do diploma que, por sua vez, será convertido em moeda de troca no mercado social em busca de melhores empregos e melhores salários.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a fazer uma investigação horizontal do cursinho pré-vestibular como instância mediadora entre o ensino médio e a universidade. Buscou-se conhecer as possíveis contribuições e os significados do cursinho Gaia para a vida desses alunos, provenientes de camadas médias e populares - um grande contingente de alunos egressos de escolas públicas e outros, de estabelecimentos particulares não considerados de ensino de ponta.

O cursinho Gaia foi escolhido como espaço para a pesquisa, devido ao fato de ser o local de trabalho de conhecidos professores e diretores que abriram espaço para o meu trabalho, facilitando meu acesso e minha circulação como pesquisador no seu ambiente escolar, proporcionando contatos com os alunos, professores e funcionários da instituição.

Concluí que as atividades preparatórias dos cursinhos passaram por transformações conjunturais profundas com perspectivas atuais, em um primeiro momento, de acomodação, diante dos processos seletivos mais abertos e livres que, as universidades particulares utilizam. No segundo momento, os cursinhos estão na “anti-sala” da Reforma Universitária do governo Lula, aguardando quais as mudanças que, concretamente, virão no bojo dessas medidas. E, finalmente, percebi algumas mudanças que já vinham ocorrendo, tendo sido apontado pelos professores entrevistados do cursinho Gaia - o risco de sobrevivência dos cursinhos.

Foi apontada a concorrência dos colégios de ensino médio, tornando o 3º ano um curso preparatório aos vestibulares, com cursos integrados e com carga horária semelhante à dos cursinhos – exceção, à parte, para as escolas públicas que têm uma linha educacional para o ensino médio, voltada para a formação da pessoa humana e da consciência cidadã. Há uma oferta paralela de cursinhos por disciplina, que funcionam como ensino individualizado, como “aulas particulares”.

Os cursinhos, na sua localização geográfica, são destinados a uma clientela diferenciada. Os cursinhos são hierarquizados em relação aos grupos sociais que atendem. Existem os cursinhos para a elite, que estão localizados na região nobre da cidade, Savassi e Mangabeiras, cuja clientela, são os alunos egressos das

conhecidas escolas tradicionais da elite. No centro da cidade e em bairros populosos, como na Cidade Nova e na Região da Pampulha, estão localizados cursinhos híbridos, que atendem às camadas médias e populares. No centro de Belo Horizonte, proliferaram, nos últimos 5 anos, os cursinhos populares como o Pré – UFMG.

Devido às mudanças conjunturais, as instituições particulares de ensino superior flexibilizaram de tal forma os processos de acesso aos cursos do 3º grau, que o vocábulo Vestibular pode ser considerado uma metáfora para matrícula. As atuais exigências, para os vestibulares nessas Faculdades, são constituídas de: taxa de inscrição, apresentação de *curriculum vitae* para análise, prova de redação, de conhecimentos gerais e entrevista. Somente nos cursos de elevada concorrência, verifica-se algum tipo de seleção com a aplicação do instituído vestibular.

Apesar dessa situação, os cursinhos sobrevivem e se reorientam para captar alunos não só interessados na entrada nas universidades públicas, mas também aqueles segmento de alunos desejosos de revisar conhecimentos, ampliar sua bagagem para as provas seletivas “complementares ao ensino médio”, que não consideram satisfatórios.

Os cursinhos estabeleceram novas estratégias como a criação de redes educacionais - o sistema de franquias, procurando captar o aluno do interior . Alguns cursinhos investiram no ensino à distância. O cursinho Gaia, em 2004, fez investimentos nesse sentido.

Assim, quem passa a ter maior visibilidade do mercado já não são mais os professores, figuras carismáticas dos cursos preparatórios do passado, mas a cultura da empresa no ramo dos pré-vestibulares e da veiculação da sua logomarca. Como alguns atores da pesquisa afirmam, “*a fama do professor está perdendo espaço para as novas estratégias empresariais dos cursinhos*”. Esse procedimento já pode ser percebido na mídia televisiva em que se vincula a imagem do cursinho àquela das suas operações escolares, em Belo Horizonte e no país, através dos depoimentos dos alunos aprovados e da satisfação de pertencimento ao “time” de sucesso.

Diante da vertente apontada pelo cursinho Gaia, posso concluir que os grandes cursinhos da capital tendem a receber menos alunos e a operar com salas



menores - 100 a 150 alunos, no lugar das grandes salas de 200 a 300 alunos do passado. Mas, por outro lado, recebem alunos de camadas populares e médias, não sendo mais cursos destinados a operar de forma mais refinada a seleção escolar entre os já favorecidos. Nesse novo contexto, parece pertinente supor que os cursinhos operam como instrumento de democratização do acesso às universidades. As evidências encontradas no Gaia Vestibulares apontam que, para um segmento das classes médias e populares, o cursinho “faz a diferença”. São alunos que, movidos pelo desejo de conquistar um lugar no ensino superior, não medem esforços, nos estudos – acompanham as aulas de revisão, oferecidas regularmente, no plano curricular do cursinho, usam as formas de apoio institucional e conseguem superar suas defasagens. Esse tipo de aluno, já percebido no espaço escolar do cursinho Gaia, interfere no perfil da ação mercantil dos cursinhos que não podem mais perseguir grandes lucros. Segundo o Diretor Marcos, *“as mensalidades do cursinho estão defasadas, reduzindo as margens de lucratividade”*. Isso me faz supor que os cursinhos sobrevivem porque são reconhecidos como espaço necessário de mediação entre o ensino médio e a universidade.

Observei um esvaziamento do cursinho Gaia, por parte de alunos provenientes de segmentos mais elitizados, desinteressados nos vestibulares de elevada competitividade das universidades federais. Dito de outra forma, os alunos dos segmentos mais privilegiados não precisam se dedicar tanto aos vestibulares, pois podem pagar o ensino superior em universidades privadas cujos mecanismos de acesso não são tão sofisticados como das universidades federais e estaduais de prestígio.

Na opinião do professor Renê –

”se estes alunos, já dispõem de recursos financeiros para pagar uma Faculdade ou Universidade particular porque esforçar muito para fazer vestibular se podem pagar? Assim, o vestibular só tem significado onde ocorrer um “gargalo”: nas áreas de maior competitividade como biomédicas e das ciências agrárias das federais e estaduais de prestígio no país”.

Mesmo sem ter tido acesso a dados sócio-econômicos dos alunos, ficou evidente que os alunos do Gaia pertencem às camadas médias e populares<sup>83</sup>, alguns deles tendo ao seu lado o esforço e o empenho familiares para procurar viabilizar a continuidade dos estudos, corroborando as pesquisas que demonstram a importância das estratégias familiares, para garantirem longevidade escolar, mesmo em camadas populares.

Segundo Whitaker (1999),

“É evidente que estudantes com renda familiar até dois salários mínimos não têm condições objetivas de aspirar a estudos superiores (como diriam Bourdieu e Passeron), mas existe um aspecto subjetivo – a questão do desejo.”(Whitaker,1999: 211)

As aventuras do estudante, no cursinho, não podem ser consideradas solitárias. De certa forma, elas são compartilhadas por outros sujeitos que emprestam seus atributos culturais e sociais e que permitem, com isso, uma reavaliação das ações necessárias para se obter o sucesso nos vestibulares. Isso foi percebido no espaço de socialização do cursinho como uma rede de trocas simbólicas e que perdura, de certa forma, no período letivo “*como companheiros de viagem*”, segundo uma expressão de Bourdieu .

Observa-se uma forte vontade, por parte dos alunos entrevistados, de tentar superar, pelo desempenho escolar, as deficiências materiais e escolares, fato determinante para Bourdieu. Segundo relato da orientadora do cursinho Gaia, esses alunos de segmentos populares e médios, permanecem o dia inteiro no cursinho, assistem a todas as aulas e só vão embora quando o cursinho fecha às 23 horas. Eles configuram um quadro evidente daquelas situações em que professor e colegas reconhecem: “*uma vaga do curso X já pertence ao fulano*” .

Diante de ações pedagógicas como os simulados, foi percebido que o bom desempenho escolar do estudante de camadas populares do cursinho, geralmente, é reconhecido pelos colegas e professores e, nesse caso, os resultados dos simulados podem determinar, como premiação, a redução nas mensalidades escolares ou uma bolsa de estudos para o superintensivo. Para o aluno é a valorização do esforço pessoal, para o cursinho é a confirmação e a consagração

---

<sup>83</sup> De acordo com a administração do cursinho.

dos seus métodos pedagógicos e, por outro lado, segundo a orientadora, o aluno adquire mais confiança a cada simulado de que participa.

Ser portador de conhecimento viabiliza a aprovação nos vestibulares e o cursinho Gaia e seus alunos sabem disso. Os bons resultados nas simulações internas sempre apontam para os melhores alunos, são aqueles que detêm, de alguma forma, as melhores chances de aprovação. Nesse sentido, o “*marketing*” recomenda a premiação como forma de estímulo ao bom aluno e, por outro lado, de impedir a sua evasão para outros cursinhos concorrentes. Os bons resultados são transformados em moeda de troca. Assim, no cursinho Gaia, algumas evidências são importantes para confirmarmos seu papel central como instância mediadora entre o ensino médio e a universidade.

As atividades escolares do “Cursinho Gaia” visam preencher uma lacuna pedagógica entre o ensino médio e às exigências para o acesso às universidades. Para tanto, o cursinho opera de forma similar, uma escola de ensino médio, proporcionando as condições materiais e didáticas para o desenvolvimento do ensino que visa ao sucesso nos vestibulares.

Para se obter o sucesso nos vestibulares, ficou evidenciada nas vozes dos alunos e da orientadora pedagógica, a presença de um excelente corpo docente, com habilidades profissionais, com domínio do conteúdo, e que cumpre a programação prevista, considerada pelos alunos como condição fundamental para a motivação nos estudos. Os alunos do cursinho são separados por áreas de interesse sendo a área A, considerada como a de Biomédicas; a área B, como de Exatas; e a área C, como de Humanas. A diretoria pedagógica do cursinho Gaia considera que a divisão por área de interesse aumenta o envolvimento e a produtividade do aluno com as atividades escolares no cursinho.

Nessa perspectiva, as atividades escolares do cursinho Gaia são reconhecidas pelos professores e alunos como necessárias para uma revisão geral dos conteúdos em um primeiro momento, visando à 1ª etapa dos vestibulares e para uma verticalização dos conhecimentos e habilidades necessárias para a resolução das questões propostas na 2ª etapa das federais.

Assim, ao analisar o espaço escolar do cursinho Gaia, foi possível observar como os alunos se comportam diante dos desafios impostos pelas coações externas de mercado, responsáveis pelas valorizações e desvalorizações

de certos segmentos das atividades produtivas e pelas mudanças impostas pelos vestibulares.

Ressalte-se que, na tentativa de identificar a gênese dos cursinhos, procurando contextualizar meu objeto de estudo, acabei desvelando a sua existência como resultado “natural”, dentro de um quadro de desarticulação entre o ensino médio e a universidade, que é histórica, no processo de origem e consolidação do sistema de ensino nacional. Esse é um elemento que merece pesquisas que podem ajudar a esclarecer problemas de produtividade e de qualidade na escola brasileira, que podem ajudar a esclarecer as questões atuais em razão da franca expansão do ensino superior privado. Além disso, um estudo sobre as relações previstas entre o ensino médio e as universidades, a partir da LDBEN de 1996, merecem estudos para confirmar ou não se essa desarticulação permanece.

Percebi que o cursinho atua como uma “condição necessária” entre esses campos da educação, à medida que complementa, para os alunos, os conteúdos exigidos pelas universidades, proporcionando o acesso a testes vocacionais, acompanhando-os em dificuldades cognitivas e de relacionamento, orientando-os no processo de como se estuda, criando atividades de revisão, cursos básicos e simulações de vestibulares. Além disso, o cursinho Gaia, proporciona aos alunos palestras sobre as mais diversas profissões e acompanha os alunos em um reconhecimento do espaço universitário. Anualmente, o cursinho Gaia proporciona aos alunos do ensino médio uma feira de faculdades e universidades no “hall”. Essa feira é franqueada ao público alvo do Gaia vestibulares. Essas atividades são programadas pelo setor de orientação e de marketing e têm como objetivo possibilitar aos alunos do ensino médio uma maior visibilidade das instituições de ensino superior da capital e do interior, de seus cursos, a sua avaliação acadêmica, condição fundamental para a credibilidade das instituições e, por outro lado, captar o aluno novo.

Para muitos vestibulandos, o cursinho torna-se um ritual de passagem obrigatório para aquisição dos conteúdos necessários para aprovação nos vestibulares, independente da condição de classe e da origem escolar e familiar, já que outros fatores atuam além dos atributos e capitais pessoais, para o sucesso.

Enquanto perdurar a extrema seletividade no interior do sistema de educação, os cursinhos existirão como uma necessidade para os alunos, inclusive fazendo um “remake das aulas particulares”, inaugurando uma nova forma de cursinho – “as salinhas” retornando à figura do professor como o fator diferença, do processo propedêutico às universidades. Torna-se necessário buscar uma melhor compreensão do significado dos cursinhos como instância mediadora entre o ensino médio e a universidade. Em 1963, portanto há 42 anos, um eminente educador já havia apontado a importância de pesquisas sobre os cursinhos, Abreu (1963).

Para Abreu (1963),

“Uma observação emergente do trabalho de pesquisa empreendido queremos finalmente fazer, especialmente endereçada àqueles que simplesmente se limitam a apodar, invectivar os cursinhos ao invés de buscarem a compreensão de sua etiologia: enquanto perdurar a estrutura do nosso “*soi dissant*” sistema de educação, existirão eles como uma necessidade inelutável” (Abreu, 1963:48).

Quero apontar a necessidade de novos investimentos de pesquisa sobre os cursinhos, para conhecer a especificidade da sua dinâmica e seus modos típicos de operar que, se diferentes da feição das escolas institucionalizadas, delas se aproximam em rituais pedagógicos e com elas formam um conjunto próprio do sistema educacional do país, marcado pela ruptura entre o ensino médio e a universidade. Devido às condições particulares em que minha pesquisa foi desenvolvida, foram as vozes dos professores e da equipe pedagógica e administrativa que mais revelaram o modo de ser e o significado do Cursinho Gaia. Há necessidade de pesquisas que possibilitem uma visão mais ampliada das perspectivas dos alunos e dos familiares. Mesmo sabendo das dificuldades para se obter dados numéricos sobre a população, atualmente atendida nesse segmento, esse é um dado que precisa ser tornado público. Talvez uma investida institucional de alguma universidade conseguisse vazar a resistência dos grupos corporativos do setor e ter acesso aos dados de matrícula e atendimento efetivo pelo segmento cursinho. Por outro lado, analisar a situação de quem está no cursinho é um grande desafio, o que possibilitaria desvendar se o cursinho é, de fato, um atual recurso de democratização do acesso ao curso superior. E, finalmente, acrescente-

se a relevância de se procurar entender a forma de trabalho dos professores, que, com certeza, configura um quadro particular de trabalho docente.

Espero ter contribuído para motivar essas pesquisas.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU, Jayme. INEP – ***A Preparação De Candidatos A Cursos Superiores Na Guanabara.*** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. N.73 –1963; vol. 40. jan.mar. Rio de Janeiro. 1963;p.31-48.
2. \_\_\_\_\_. ***Sobre Um Problema Em Pauta:*** preparação e ingresso de candidatos a cursos superiores. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. N.95.Vol. 42. Rio de Janeiro. 1964: p.85-104.
3. ALVES, Cláudia Maria Costa. ***A Educação Brasileira Entre O Império E A República no Século XIX.*** São Paulo. Ed. Universidade São Francisco – CDAPH. 2004: p.148.
4. AZEVEDO, Fernando. ***A Cultura Brasileira.*** 3<sup>a</sup>.ed. Vol. 3. S. Paulo Ed. Melhoramentos, 1953 apud ROMANELLI, Otaíza. ***História da Educação no Brasil.*** Petrópolis:Ed. Vozes, 2002:
5. BOURDIEU, Pierre.: ***O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução.*** In: NOGUEIRA, Maria Alice( Org.) Bourdieu P. ***Escritos de Educação*** Petrópolis: Ed. Vozes. 1999. Tradução Magali de Castro.
6. BOURDIEU,P.***Reprodução Cultural e Reprodução Social.*** In:MICELI, Sérgio(Org.) PIERRE BOURDIEU: ***A Economia das Trocas Simbólicas.*** São Paulo: Perspectiva. 2001.
7. SETTON, Maria das Graças Jacinto.***A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.*** Revista Brasileira de Educação. Maio/jun/jul/Ago/ no. 20. 2002.
8. NOGUEIRA, Maria Alice, NOGUEIRA, Cláudio Martins. ***Bourdieu & a educação: A escola e o processo de reprodução das desigualdades sociais.*** Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

9. BOURDIEU, P. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, Maria Alice ( org.) Bourdieu, P. **Escritos de Educação** Petrópolis:Vozes,1999. Tradução Magali de Castro
10. BOGDAN, Robert; BILKEN, Sari. **Investigação Qualitativa Em Educação: uma introdução à teoria dos métodos**. Porto: 1994.
11. BÓSON, Gerson de Brito Mello. **Evolução do Ensino Universitário Brasileiro: estágio atual** in: BÓSON, Gerson de Brito Mello. **A problemática universitária**. Belo Horizonte: Imprensa UFMG. 1968.
12. CASTRO, Cláudio de Moura. **Educação Brasileira: Consertos e Remendos**. Rio de Janeiro. Ed. Rocco. 1995.
13. CARVALHO, Guido Ivan. **Ensino Superior – Legislação e Jurisprudência. São Paulo**. Ed. Revista dos Tribunais. 1975. Vol. III.
14. CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Temporã: o ensino superior da Colônia à Era Vargas**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1980.
15. -----**Educação e Desenvolvimento Social no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Francisco Alves. 1988.
16. CUNHA, Nádia Franco. **O vestibular na Guanabara**. Rio de Janeiro. MEC/ Instituto de Estudos Pedagógicos. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 1968.
17. CURY, Carlos Roberto Jamil. **Legislação Educacional Brasileira**. Rio de Janeiro. DP&A ed. 2000.
18. \_\_\_\_\_**A Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**.São Paulo. Ed. Cortez e Autores Associados. 1983.
19. LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares**. São Paulo. Ed. Ática. 1997.
20. FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930 – Historiografia e História**. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1976.



21. FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo. Cortez & Moraes ed. 1979.
22. FREITAS, Renan Springer de. **O oficial e o Institucional: os cursinhos no sistema de Ensino**. Brasília. D.F. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos N. 65. Set/dez. 1984. p. 552-575
23. FUVEST/USP **CENSO 2003** São Paulo.
24. GARCIA, Valter. **Inovação Educacional no Brasil: Problemas e Perspectivas**. São Paulo. Ed. Cortez. 1980.
25. HAMBURGER, Ernest W. **O Exame Vestibular: Os desajustes do sistema de ensino**. In: Simpósio sobre exames vestibulares, XXIIa. Reunião Anual. São Paulo. Revista Ciência e Cultura. N.3. Vol.22.1970. p.223-228.
26. INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **CENSO Educação Superior de 2001**.
27. NEVES, Carlos de Souza. **O Ensino Superior no Brasil – Legislação e Jurisprudência Federais**. Vol. IV. Rio de Janeiro. 1955.
28. NESKIER, Arnaldo. **LDB – A Nova Lei da Educação**. Rio de Janeiro. Ed. Consultor. 1997. p.86
29. NÓBREGA, Vandick. **Enciclopédia da Legislação do Ensino**. Rio de Janeiro. Ed. do Autor. 1952. vol.5.
30. ----- **Ordenamentos do Ensino Superior – 10** de janeiro de 1947. Vol. 5.
31. ----- **Enciclopédia da Legislação do Ensino**. Rio de Janeiro. Livraria Freitas Bastos. Vol. III. Tomo 2<sup>a</sup>. 1967.
32. NOVAIS, Fernando. **História Da Vida Privada No Brasil. Vol. 1**. São Paulo: Cia das Letras, 1997:
33. PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação De Professores: Pesquisas, representações e poder**. São Paulo: Autêntica. 2000.

34. PORTES, Écio.. **Trajetórias Escolares e vida acadêmica do estudante da UFMG – um estudo a partir de cinco casos.** Belo Horizonte:2001. Tese de Doutorado- UFMG.
35. ----- **O trabalho escolar das famílias pobres;** In NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo e ZAGO, Nadir(Org.) **Família & Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares.** Petrópolis: Vozes. 2003.
36. PORTO, Vicente Sobrinho. **Exame Crítico da Atual Legislação Sobre o Concurso Vestibular.** In **Simpósio Sobre Exames Vestibulares;** XXIIa. Reunião Anual. São Paulo.1970. revista Ciência e Cultura vol. 22, n.3.
37. RODRIGUES, Leandro. **O Processo Seletivo.** Revista Ensino Superior. Setembro 2003. p:12.
38. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **A história da Educação no Brasil.** Petrópolis: Vozes. 2002.
39. RUAS, Antônio Gaspar. **Educação Brasileira Contemporânea – organização e funcionamento.** Recife: Ed. MacGraw-Hill do Brasil Ltda/MEC: 1978.
40. SWARTZMAN, Simon. **A Situação Educacional em 1967.** São Paulo: Cia Ed. Nacional. 1969.
41. \_\_\_\_\_ **Tempos de Capanema.** São Paulo: Ed. Paz e Terra. 1984.
42. SILVA, Geraldo. **Educação Secundária: perspectiva histórica e teoria.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1969.
43. SILVA, Jailson José. “ **Por que uns e não outros?**” Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro. Ed. Letras. 2003.
44. SOARES, Jose Francisco. **Fatores Sócio Econômicos e o Desempenho no Vestibular da UFMG -1997 –** UFMG. Relatório Pesquisa.1998.

45. SZYMANSKY, Heloísa(org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: D.F. Plano Editora. 2002.
46. TOBIAS, José Antônio. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Ed. Ibrasa: 1991.
47. VIANA, Hélio. **História do Brasil**. Vol.II, São Paulo: Ed. Melhoramentos. 1965.
48. VIANNA, Maria José Braga. **Longevidade Escolar Em famílias De Camadas Populares: Algumas condições de possibilidades** in: NOGUEIRA Maria Alice, ROMANELLI Geraldo e ZAGO Nadir(orgs.) **Família & Escola – Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**.Petrópolis: Vozes. 2003.
49. ZAGO, Nadir. **Processos de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar** in: NOGUEIRA Maria Alice, ROMANELLI,Geraldo, ZAGO, Nadir(Org.) **Família & Escola - Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis:Vozes. 2003.
50. WITHACKER, Dulce Consuelo. **UNESP: diferentes perfis de candidatos para diferentes cursos**. Pesquisa Vunesp 2, São Paulo: Vunesp.1989
51. \_\_\_\_\_ **Dez Anos Depois: Diferentes perfis de candidatos para diferentes cursos – estudo de variáveis de capital cultural** . São Paulo: Fundação Vunesp. 1999.
52. **DECRETOS:**
- 52.1. **BRASIL**, Decreto nº 8659, de 5 de abril de 1911 - Lei Rivadávia da Cunha Correia ( Coleção das Leis da República dos Estados UNidos do Brasil de 1911, Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1914, Vol. I, p.528)
- 52.2. **BRASIL**, Decreto n. 11.530 de 18 de março de 1915, de Carlos Maximiliano, que dispõe sobre “reorganiza o ensino secundário e o superior da República, constante do art. 3º da Lei nº 2.924, publicação pelo Senado Federal.

- 52.3. BRASIL**, Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, reconhecido como “Estatuto das Universidades Brasileiras, ou, Lei Orgânica do Ensino Superior.
- 52.4. BRASIL**, Decreto nº 23.879, de 8 de fevereiro de 1934 regulamenta a Escola Nacional de Química e os dispositivos de acesso via vestibulares.
- 52.5. BRASIL**, Decreto nº 4.244, de 9 de abril de 1942, reconhecida como Lei Ministro Gustavo Capanema – Exposição de Motivos da Lei Orgânica do Ensino Secundário.
- 52.6. BRASIL**, Decreto nº 9.154 de 8 de abril de 1946.
- 52.7. BRASIL**, Portaria nº 591, “Regula o Concurso Vestibular”, art.1º , de 22 de dezembro de 1949, regulamenta a Lei nº 20 de 10 de fevereiro de 1947
- 52.8. BRASIL**, Lei nº 1821, art 3º, de 12 de março de 1953 estabelece a equivalência das oportunidades de acesso às universidades.
- 52.9. BRASIL**, Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961 –LDBEN.
- 52.10. BRASIL**, Decreto nº 62337 de 2 de julho de 1967 – Reforma Universitária.
- 52.11. BRASIL**, Lei nº 5539, de 27 de novembro de 1967 – modifica o estatuto do Magistério do Ensino Superior
- 52.12. BRASIL**, Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 – art. 17 – “regulamenta o ensino superior e faz alusão aos processos seletivos – vestibular” .
- 52.13. BRASIL**, Parecer de nº 791/69 do Conselho Federal de Educação –regulamenta e justifica o vestibular (Documenta Nº 107:87)
- 52.14. BRASIL**, Decreto nº 68.908, de 13 de Julho de 1971, dispõe sobre o decreto Lei 477/69 sobre a aplicação dos exames vestibulares.

52.15. **BRASIL**, Lei 5692, de 11 de agosto de 1971.

52.16. **BRASIL**, Decreto nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977, do MEC – Ministério da Educação e da Cultura – Ministro Eduardo Portela.

52.17. **BRASIL**, Lei nº 93494, de 20 de dezembro de 1996.

### **REVISTAS**

Revista: *Ciências Hoje*. Vol. 33. n. 195: 29p.

\_\_\_\_\_ *Ensino Superior*, Agosto de 2003: 33p.

\_\_\_\_\_ *Enem, 2001*: 5p.

\_\_\_\_\_ *Desafios do Desenvolvimento, IPEA, ano 2*, mar/2004: 25p.

### **JORNAIS**

*Folha de São Paulo*: 30 de maio de 2004; C3

*Estado de Minas*: 10 de maio de 2005: 23p.

## ANEXO

### ROTEIRO BÁSICO DA ENTREVISTA REALIZADA NO GAIA PRÉ-VESTIBULAR COM ALUNOS, PROFESSORES E ADMINISTRAÇÃO DIRETA

#### 1º MOMENTO: O Percorso do aluno no cursinho:

- A escolha do cursinho Gaia como preparatório – Porque o Gaia Pré-vestibular?
- Indicadores que de satisfação que torna o cursinho um referencial para continuidade dos estudos.
- A localização é um fator atrativo importante?
- O fator custo – preço das mensalidades, do material, deslocamentos são pagos por quem?
- O referencial de conclusão do ensino médio é importante, por que?
- Os professores influenciam a escolha do aluno na matrícula?
- As condições físicas do Gaia Pré Vestibulares interferem na escolha?
- O calendário escolar do cursinho é compatível com a escolha do vestibulando?
- A grade curricular do cursinho é um fator importante para se fazer o cursinho?
- As atividades pedagógicas do cursinho despertam o interesse dos vestibulandos?
- O SOPE – Serviço de Orientação Pedagógica e Educacional oferece o apoio necessário para a preparação do vestibulando?
- O material didático é adequado aos vestibulares pretendidos pelo vestibulando?
- O cursinho oferece espaço para estudo como biblioteca, computadores, salas de aula adequadas para o desenvolvimento escolar do vestibulando?
- Qual a área de interesse do vestibulando na universidade?

**2º MOMENTO: O desempenho dos professores:**

- O ambiente de trabalho é adequado ao trabalho docente?
- Os serviços de apoio pedagógico atendem às expectativas do corpo docente?
- A atuação do corpo docente é uma marca do Gaia Pré-Vestibular?
- As metas educacionais do Gaia Pré Vestibular são observadas pelo corpo docente?
- Explicitar as dificuldades didáticas em classe.
- As novas tecnologias proporcionam boas aulas?
- O que muda no sistema sala de aula com as novas tecnologias?
- Explicitar as reações dos alunos diante das novas tecnologias. O que eles preferem?
- A prática pedagógica proporciona um crescimento pessoal e profissional?
- Explicitar os pontos positivos e negativos de se trabalhar no Gaia-Pré Vestibular com salas grandes?
- As atividades docentes proporcionam a aprendizagem e o crescimento pessoal do vestibulando?
- Aspectos que mais contribuem para o desempenho profissional.
- Tempo de experiência no ramo de cursinho.
- Trabalha em outras instituições do mesmo setor.
- Indicadores comparativos.
- As atividades profissionais no cursinho interferem na vida pessoal?
- Indicadores de insatisfação.
- Quem escreve o material didático?
- Grau de satisfação com o material didático.
- Aprimoramento pessoal como cursos, atualizações são possíveis para o corpo docente do Gaia Pré-Vestibular. Explicitar.

### **3º MOMENTO: A dimensão administrativa**

- Quais os principais impactos gerados para o Gaia Pré Vestibular com o surgimento dos cursos populares nas suas imediações?
- Explicitar as estratégias para se enfrentar essa situação?
- Identificar o perfil do aluno do cursinho. Quem é ele?
- Indicadores de satisfação e de insatisfação com a localização do cursinho.
- Identificar os investimentos estratégicos na área pedagógica para que o cursinho seja o diferencial de mercado de cursinho.
- Quais os aspectos positivos e negativos do IBOPE?
- A limpeza é uma marca importante para o cursinho?
- A segurança é uma preocupação relevante para a Diretoria?
- A comunicação visual interna sobre os vestibulares é importante?